Editora ABRIL
edição 2771 - ano 55 - nº 1
12 de janeiro de 2022

www.veja.com

2022

UM ANO PARA ENTRAR NA HISTÓRIA

Dois séculos depois da Independência, os brasileiros passarão por duas experiências transformadoras: uma eleição que pode definir o futuro do país nas próximas décadas e a provável vitória sobre a pandemia

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 771 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 1. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

ACERVO MUSEU PAULISTA/USP

DANIEL RAMALHO/AFP

REPRODUÇÃO

DIVISOR DE ÁGUAS 200 anos depois da Independência: o fim da pandemia e a eleição serão os marcos de 2022

O GRITO PELA DEMOCRACIA

O ANO DE 2022 será decisivo para a história do Brasil. Nas eleições de 2 de outubro, vamos escolher não apenas o presidente dos próximos quatro anos, mas o modelo de país que queremos. Hoje, os pontos negativos dos candidatos que lideram essa corrida são preocupantes. De um lado, o radicalismo e a instabilidade, promovidos por Jair Bolsonaro. Do outro, o terraplanismo econômico e a corrupção institucionalizada, chagas do governo petista. Por fora, correm o governador de São Paulo, João Doria, o ex-juiz Sergio Moro e Ciro Gomes. É difícil prever o que vai acontecer daqui a dez meses, mas uma coisa é certa: dada a temperatura da política brasileira, o pleito será mercurial, acalorado, afeito a embates vigorosos. VEJA espera que das discussões, e sobretudo do resultado das urnas, brote um país mais sensato, capaz de simultaneamente resolver as inaceitáveis distâncias sociais, mas também de preservar o direito à livre-iniciativa, sem exagerada intromissão do Estado. Tudo o que os brasileiros menos precisam é mergulhar, uma vez mais, na polarização daninha que distorce a realidade, alimenta as mentiras e cria um campo de imensa insegurança para os investimentos — a mola propulsora deste país. É preciso um pouco de calma, muito de equilíbrio e nada de radicalismo.

Uma página será virada, e desse movimento é que construiremos uma nova nação. Coincidiu de esse momento acontecer em plena pandemia de Covid-19, a tragédia sanitária que parou o mundo e mudou o cotidiano das sociedades nos últimos dois anos. O SARS-CoV-2, ao lado da economia, será um dos personagens dessa campanha. Graças ao trabalho do SUS e de alguns governadores e prefeitos, com destaque para o pioneirismo de João Doria em São Paulo, o país finalmente caminha para controlar o problema. Apesar da inexplicável resistência de Bolsonaro, cerca de 67% da população já completou o ciclo vacinal com duas doses ou dose única — patamar invejável para qualquer grande país do mundo. É possível que estejamos caminhando para o início do fim do surto, mesmo com a acelerada eclosão de casos da variante ômicron, que, de acordo com estudos e exemplos no exterior, não se reflete no aumento de hospitalizações e mortes.

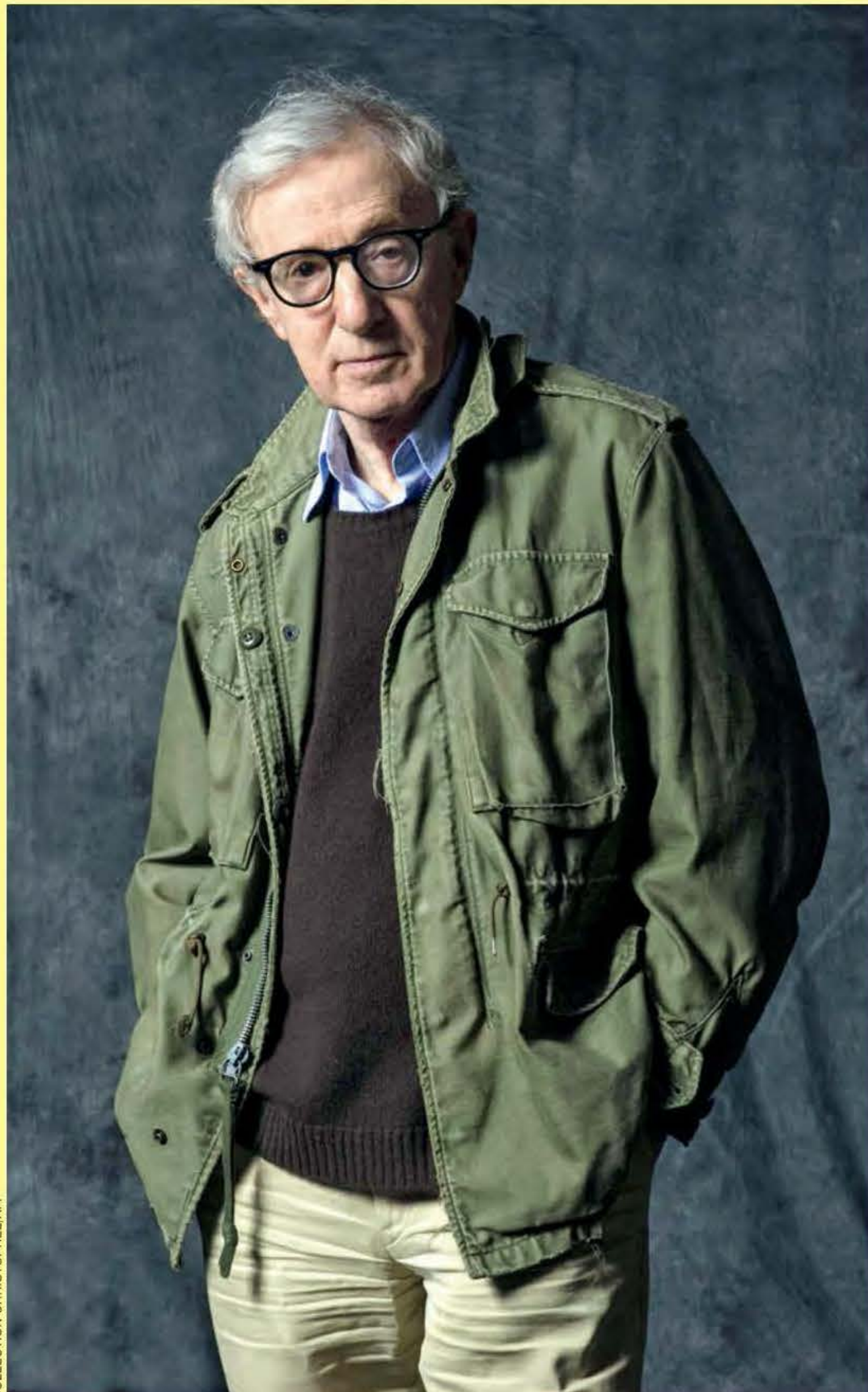
Pelo resultado das eleições e pela provável vitória sobre a Covid-19, 2022 será um divisor de águas. O mesmo aconteceu há exatos 200 anos, quando dom Pedro I deu o grito no Ipiranga e anunciou a independência da metrópole portuguesa. A partir daquele 7 de setembro, o Brasil avançou, décadas depois decretou o fim da escravidão, saiu da monarquia para a república e, com muito esforço e dor, avanços e recuos, alcançou a democracia. Democracia que ainda hoje precisa ser cuidadosamente regada para não darmos um passo atrás. Goste-se ou não do que as urnas vão decretar, é preciso conviver, torcer a favor e respeitar as instituições. Chega de berros contra os supostos inimigos. Chega de teorias conspiratórias, baseadas em *fake news* e que tanto atrapalham a estabilidade econômica do país. O grito agora é pela democracia. Feliz 2022! ■

O DIRETOR CANCELADO

Aos 86 anos, o americano fala sobre a acusação de assédio que arrasou sua carreira, lamenta o boicote de Hollywood e, ao lançar seu 49º filme, revela seu desencanto com o cinema atual

RAQUEL CARNEIRO

SÃO MUITOS os fantasmas que rondam Woody Allen. Hipocondríaco, o cineasta de 86 anos ficou aterrorizado com a pandemia. Além das perdas humanas, a Covid-19 agravou a situação dos cinemas, que já vinham perdendo espaço para o streaming — o que também tira o sono do diretor. Essas preocupações, claro, são ínfimas perto da avalanche advinda do movimento #MeToo, que ressuscitou uma antiga acusação feita por sua ex-mulher Mia Farrow, em 1992, de que o diretor teria abusado da filha adotiva do casal, então com 7 anos. Na época, o cineasta estava se divorciando de Mia, a quem acusa de plantar falsas memórias na criança. Julgado e sentenciado pelo tribunal do cancelamento, Allen, um avesso a entrevistas, notou que precisava falar. Lançou em 2020 um livro de memórias no qual destrincha os pormenores das investigações — todas elas descartaram a acusação. Mesmo assim, Hollywood optou por boicotar Allen. Mas, resiliente, ele não parou de trabalhar. Acaba de chegar aos cinemas seu 49º filme, *O Festival do Amor,* que celebra os grandes mestres do cinema, mas não tem celebridades no elenco. A VEJA, por telefone, Allen criticou o entretenimento atual, refletiu sobre a morte e atacou a cultura do cancelamento.

***O Festival do Amor* faz uma viagem pela história do cinema europeu, além de alfinetar produções óbvias embaladas para o Oscar. Por que tal crítica agora?** Eu cresci assistindo a filmes de Hollywood. Adorava ir ao cinema e

COLLECTION CHRISTOPHEL/AFP

ver na tela atores como Humphrey Bogart, por exemplo. Depois da II Guerra, eu tinha uns 18 anos, as barreiras entre Estados Unidos e Europa diminuíram e um novo mundo cultural se abriu com produções europeias chegando aos cinemas americanos. De repente, as opções não eram apenas filmes de mafiosos, faroestes ou musicais desmiolados: eram filmes que tratavam o espectador como adulto, como alguém capaz de pensar.

Quer dizer que Hollywood faz o contrário, não leva o espectador a pensar sozinho? Não só Hollywood, mas o cinema de hoje. Sou um saudosista do cinema do passado. Foi um período maravilhoso. Meus amigos e eu esperávamos ansiosos pelo próximo filme francês, sueco, italiano que entraria em cartaz. Hoje, os roteiros apostam em soluções falsas, reviravoltas estúpidas e finais que não confrontam o espectador. Claro, ainda existem os cineastas que podem ser chamados de artistas, mas eles estão passando por um momento difícil.

Difícil em que sentido? Filmes são caros de fazer. Um cineasta não consegue realizar sua arte sozinho, como um músico que compra um instrumento e começa a tocar por aí. Ou um escritor que não precisa de muito dinheiro para escrever um livro — apenas o suficiente para não morrer de fome, claro. Já o cinema demanda uma estrutura, uma equipe, e milhões e milhões de dólares. Por isso, um filme se tornou um produto. Se a estimativa de bilheteria não for alta o suficiente, como é o caso dos filmes de arte, é difícil encontrar quem queira investir no seu projeto.

Essas dificuldades não são tão antigas quanto o cinema de arte? Não, a lógica não era assim nos anos 1960 ou 1970, quando alguns milhões em bilheteria eram suficientes para sustentar uma produção. Mas, quando a indústria de Hollywood descobriu que era possível passar de 1 bilhão de dólares em faturamento, isso mudou tudo. Afinal, por que gastar tempo e dinheiro em uma produção para poucos espectadores, se é possível lucrar alto com outros títulos?

"A cultura do cancelamento é estúpida e risível. Um dia ela vai passar e quem a alimentou vai olhar para trás e ficará envergonhado. Assim como aconteceu com o macarthismo"

A indústria cinematográfica com bilheterias bilionárias é alimentada por filmes de super-heróis. O senhor aceitaria dirigir um filme desse tipo? Eu não assisto a filmes de super-heróis. Por que dirigiria um? Não me interessam. E, mesmo que eu quisesse dirigir um, faria um péssimo trabalho. Não saberia nem por onde começar. Só sei fazer os meus filmes, que são completamente outra coisa.

Entre as críticas aos longas de heróis está a infantilização do público. Concorda com essa visão pessimista? Sim, as tramas para adultos migraram do cinema para a televisão, ficando sob a responsabilidade de séries e minisséries. Em Nova York, as salas que exibem filmes de arte e estrangeiros estão fechando. Mais de 75% dos cinemas da cidade fecharam. Antes, eu podia atravessar a rua e ser transportado para a Itália, ou para o Brasil, através de um filme. Mas isso hoje é difícil de encontrar, pois não são filmes rentáveis.

Nos últimos anos, impulsionada pelo movimento #MeToo, voltou à tona a suposta acusação de abuso de sua filha Dylan Farrow contra o senhor. Mesmo se tratando de alegações descartadas por investigações, o senhor caiu na malha fina do cancelamento. O que pensa desse momento? A cultura do cancelamento é estúpida e até risível. Um dia ela vai passar e quem a alimentou vai olhar para trás e ficará envergonhado. Assim como aconteceu com o macarthismo, movimento dos anos 1950 que acusava pessoas de subversão e comunismo. Hoje nos envergonhamos ao olhar para o passado sem entender como uma cultura perversa como aquela ganhou tanta força e atingiu milhares de americanos. Um dia, muitas pessoas terão vergonha de terem endossado a era do cancelamento.

Atores famosos que trabalharam em seus filmes disseram estar arrependidos e chegaram a doar seus cachês. Como avalia essa reação e o boicote a seu nome que se instaurou em Hollywood após a acusação de abuso? Penso que eles estejam cometendo um erro. É difícil. Bem difícil. Não sei nem como responder a essa pergunta. Mas acho que eles estão cometendo um erro. Quando entrei em contato com alguns atores para atuarem em *O Festival do Amor* e eles disseram que não queriam trabalhar comigo, eu contratei outros artistas que toparam. E isso é tudo o que posso fazer agora: dar continuidade ao meu trabalho. Existem diversos atores que aderiram ao boicote, e muitos outros que ainda querem atuar nos meus filmes e é com esses que vou ficar.

Com tantos dedos apontados para o senhor, chegou a pensar em parar de fazer filmes? Venho pensando em muitas coisas. Sei que posso continuar fazendo filmes, pois existem ótimos profissionais como figurinistas, diretores de fotografia, produtores e muitos atores talentosíssimos que não me condenaram e não veem problema em trabalhar ao meu lado. Mas não sei quantos filmes mais ainda vou fazer. Meu próximo filme será o quinquagésimo. É um número bastante alto. Será que cinquenta são suficientes? Quem sabe?

Para alguém que há cinco décadas faz um filme por ano é difícil imaginar que o senhor queira eventualmente se aposentar. Pensa nisso após completar estes cinquenta filmes no currículo? Sempre achei que faria filmes enquanto eu vivesse, mas vai saber. Especialmente nesse momento em que o tipo de filme que faço fica apenas três semanas em cartaz para, em seguida, ir para o streaming. Ou pior: é lançado na TV e no cinema ao mesmo tempo. Não, eu não quero isso.

Por quê? Sou do tempo em que um filme não era sufocado pelos arrasa-quarteirões e ficava em cartaz nos cinemas por tempo suficiente para crescer no boca a boca e atrair a atenção das pessoas. Isso demora, pois são filmes com verbas pequenas, que não gastam milhões em marketing. É um público que vai ao cinema porque quer, é intencional, não é uma escolha aleatória na TV.

Mas o senhor é um diretor renomado, uma grife que atrai a atenção. Acha que seu público diminuiu? O que mudou foi a lógica do mercado. Não importa se você é o Steven Spielberg, ou o Martin Scorsese, ou o Woody Allen. Tudo agora vai direto para o streaming. Quando comecei, não era esse o acordo, não era esse o plano. Ficar em casa de pijama, com a família, alguns amigos e ligar a TV é legal, mas esse é outro tipo de experiência. No cinema, você sai de casa, se arruma, entra numa sala com desconhecidos e compartilha emoções, se surpreende, fica até o final. Não pega o controle e interrompe o filme do nada porque, enfim, quer ir ao banheiro ou fazer pipoca. Você organiza sua agenda para se adequar à ida ao cinema, e não o contrário. Eu entendo, ver um filme em plataformas de streaming é mais cômodo e mais barato. Mas, desse jeito, será o fim do cinema como o conhecemos. Então não tenho certeza se quero continuar trabalhando nesse esquema.

Se parar de dirigir filmes, o senhor pensa em fazer o quê? Talvez eu queira, em algum momento, migrar para o teatro. Posso usar minhas habilidades para fazer uma peça ou, quem sabe, escrever livros. Se bem que as pessoas mal leem livros atualmente também. Até os livros estão em extinção, as pessoas agora querem ouvir livros. Dá para acreditar? Duvido que haja algo mais irritante do que ouvir um audiobook em vez de ler um livro de verdade. Por essas e outras razões, é mais provável que eu faça algo para o teatro, onde ainda é possível reunir uma plateia com centenas de pessoas para assistir à mesma história, ao mesmo tempo. É o tipo de experiência que me interessa, que me atrai.

“Eu não assisto a filmes de super-heróis, por que dirigiria um? Não me interessam. E, mesmo que eu quisesse dirigir um, faria um péssimo trabalho. Não saberia nem por onde começar”

Um dos pontos altos de *O Festival do Amor* é uma sátira da famosa cena de *O Sétimo Selo*, de Ingmar Bergman, em que o protagonista joga xadrez com a Morte. No seu filme, a entidade de preto aconselha o homem a se cuidar mais, comer melhor e a parar de fumar, para adiar aquele encontro no futuro. Seu pavor em relação à morte é bem conhecido. Como está sua visão sobre o tema? Não mudou muito, para dizer a verdade. Obviamente, conforme a gente envelhece, em especial durante uma pandemia, a morte se torna mais presente na mente de todos. Só nos Estados Unidos, a Covid-19 matou quase 1 milhão de pessoas. Mas cada um tem sua perspectiva sobre como lidar com a morte. E achamos que é possível ser racional e intelectual sobre esse assunto.

Por que o senhor vê essas inquietações com ceticismo? Uma pessoa, por exemplo, pode pensar: morrer vai terminar com os problemas da vida, me dará tranquilidade. Outras vão dizer: vou sentir tanta falta deste mundo, das coisas boas da vida, não quero morrer. Há também os que tecem discursos religiosos para falar sobre o fim da vida e o começo de outra. Mas tudo isso não passa da nossa divagação intelectual. O ser humano é biologicamente programado para resistir à morte. Podemos tagarelar quanto for sobre o assunto, mas reagir e manter a espécie viva está no nosso DNA. Então meu falatório, no fim das contas, não serve de nada. Se alguém chega a um lugar com uma arma, você imediatamente tenta se proteger, quer reagir ou fugir. É natural resistir à morte, e eu continuo a fazer isso. ■

PASSAPORTE CIVILIZATÓRIO

OS SUCESSIVOS recordes de casos de Covid-19, em decorrência da variante ômicron, mais transmissível embora comprovadamente menos letal, reforçaram a imperiosa necessidade de se completar o ciclo vacinal. A imunização atenua os sintomas e mantém os infectados longe das UTIs. Não por acaso, em todo o mundo se multiplicaram as exigências dos chamados passaportes sanitários como senha para a retomada segura do cotidiano. A medida é amplamente apoiada por médicos e pela maioria da população, mas provoca protestos dos negacionistas, entre eles **o realizado na segunda-feira 3, em Los Angeles, contra a exigência de vacinar os estudantes da Califórnia maiores de 12 anos.** As ondas reacionárias, no avesso da ciência, se espalham como vírus. Na França, bastou o presidente Emmanuel Macron dizer, em uma entrevista ao diário *Le Parisien*, que os não vacinados são irresponsáveis e que "tornaria a vida deles tão complicada que seriam obrigados a tomar a vacina" para que o assunto virasse uma guerra política. O tenista sérvio Novak Djokovic recebeu autorização especial dos organizadores do Torneio Aberto da Austrália para participar da competição, apesar de ele se recusar a confirmar seu status vacinal. Ao chegar ao aeroporto de Melbourne, porém, teve o visto negado pelas autoridades. Entrou com uma liminar para reverter a negativa e, até a quinta-feira 6 aguardava uma resposta. Posturas como as dele, as passeatas que parecem defender a morte e o incômodo de parte — pequena, felizmente — dos franceses contra o atestado de imunização são passos inaceitáveis, no avesso do bom senso. Convém recomendar um passaporte civilizatório. ■

Ernesto Neves

ROBYN BECK/AFP

Our Kids
Our Choice!
I CALL
THE
SHOTS
EDISON

FELLIPE SAMPAIO /SCO/STF

“*(O amanhã)* deve ser uma comunhão que resiste à barbárie, às ideologias cegas e à tristeza dos caminhos tolhidos.”

EDSON FACHIN, ministro do STF, em mensagem de fim de ano interpretada como recado ao governo

“Agradeço as orações e as mensagens de carinho recebidas pela internação do Jair decorrente do atentado que sofreu em 2018.”

MICHELLE BOLSONARO, primeira-dama, puxando o refrão da turma pró-Bolsonaro de ligar sua hospitalização pós-Ano-Novo para tratar de uma obstrução intestinal à facada durante a campanha

“Será a primeira da história a respeitar equidade e paridade de gênero.”

PATRICIA VANZOLLINI, presidente da OAB-SP, anunciando no discurso de posse que a lista sêxtupla para preenchimento de duas vagas no Tribunal de Justiça terá três homens e três mulheres

“Funcionou superbem.”

SIMCHA NEUMARK, economista brasileiro radicado em Israel, o primeiro a ser tratado com a nova pílula contra a Covid-19, ainda em fase de teste

“Temos chance de sair desta onda de ômicron sem fechar o país de novo.”

BORIS JOHNSON, primeiro-ministro do Reino Unido, onde, apesar do recorde de novos casos, escolas e negócios permanecem abertos

“Me sacrifiquei para salvar Cabul.”

ASHRAF GHANI, ex-presidente do Afeganistão, na primeira entrevista desde que saiu correndo da capital afegã, segundo testemunhas, com malas de dinheiro, diante do avanço dos radicais do Talibã

“Aumentar a produção agrícola e solucionar de vez o problema dos alimentos.”

KIM JONG-UN, supremo líder da Coreia do Norte, em promessa à população que reconhece, nas entrelinhas, a fome que grassa no país

“Corpos nadam contra corpos. Identidades não nadam contra identidades.”

CYNTHIA MILLEN, da Federação de Natação dos Estados Unidos, que renunciou ao cargo em protesto contra a presença nas competições femininas da nadadora transgênero Lia Thomas, que está batendo todos os recordes no circuito universitário

“Eu discordo da maioria das opiniões dele.”

CAROLINE CRUZ, filha de 13 anos do senador conservador do Texas, Ted Cruz, reclamando dos que a julgam pelas falas do pai

"Não ouvi, está baixinho."

IVETE SANGALO, cantora, que já foi acusada de ficar em cima do muro, estimulando o público de um show em Natal a subir o tom dos insultos a Jair Bolsonaro. Foi atendida

INSTAGRAM @IVETESANGALO

"Por mais estranho que pareça, acho que isso que eu passei foi um presente, de certa maneira, porque me deu uma visão diferente. Você mata seu ego."

LUCIANO SZAFIR, ator, que teve Covid duas vezes e, na segunda, passou 32 dias hospitalizado

"Como em 90% dos meus trabalhos, eu não era a primeira opção."

RODRIGO LOMBARDI, ator, feliz por ter sido escolhido para interpretar o escritor João Guimarães Rosa na minissérie *Passaporte para Liberdade*

"Acho que, na vida real, é como eu reagiria mesmo."

LEONARDO DICAPRIO, ator, comentando (atenção: spoiler) a última cena do filme *Não Olhe para Cima*, em que, sentado à mesa com a família minutos antes de um cometa destruir a Terra, diz: "A gente tinha tudo, não?"

"Oi, sou Omarion. Um artista, não uma variante. Se passar por mim na rua, não precisa se isolar."

OMARION, cantor americano, fazendo piada no TikTok com a semelhança entre seu nome e o da mutação ômicron

"Eu estou crescendo, gente, e estou com saudade dos meus 10 anos."

RAYSSA LEAL, skatista olímpica, ao fazer 14 anos. Imaginem o tamanho da nostalgia quando chegar aos 50

JASON ALDEN/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

COBRANÇA Shafik: "Os bons contratos derivam de sistemas políticos inclusivos"

UM NOVO PACTO SOCIAL

À frente da prestigiada London School of Economics, a economista anglo-egípcia diz que a sucessão de crises — pandemia, populismo, conflitos raciais — exige uma reformulação da vida em sociedade

Seu novo livro, *Cuidar uns dos Outros,* defende novas regras para a vida em sociedade. De onde partiu essa ideia? Venho observando as profundas divisões na sociedade — polarização política, desigualdade social, guerras culturais, protestos contra as mudanças climáticas. Queria entender por que existem tantas pessoas, em tantos países, irritadas e decepcionadas, se sentindo traídas pelo sistema conhecido. Está claro que precisamos estabelecer um novo pacto.

Qual é o papel da pandemia nesse estado de coisas? Ela não só agravou a insatisfação como trouxe à tona as desigualdades, ao atacar sobretudo os mais vulneráveis.

Como seria o novo pacto social? O que proponho é um reordenamento da vida em sociedade, com distribuição igualitária de oportunidades e garantias de segurança. Isso traria maior produtividade e a possibilidade de compartilhar os riscos e as incertezas em torno de saúde, trabalho e outros temas que geram ansiedade.

De onde viriam os recursos? Financiar a reorganização que proponho requer um melhor equilíbrio entre a taxação de capital, que é pequena, e a do trabalho, que é excessiva, além do aumento ou da introdução de impostos sobre produtos impopulares, como emissão de CO_2 e tabaco. Em paralelo, é essencial haver mais investimentos em educação e na economia verde.

A senhora escreve que, historicamente, crises são celeiros de oportunidades. É o caso agora? Às vezes, o problema amplificado fica mais fácil de ser resolvido. Incluir mais questões no debate abre espaço para melhor avaliação de custos e benefícios e facilita alianças em prol de mudanças. Quanto mais as pessoas se preocupam, mais elas valorizam a solidariedade e a igualdade.

A sustentabilidade é um ponto crucial deste novo pacto social. O que precisa mudar? Acho uma loucura tolerar subsídios de 4 a 6 trilhões de dólares anuais para a agricultura predatória, a pesca industrial e a exploração de combustíveis fósseis. A chave é investir em conservação e restauração da biosfera. Mas também é necessário colocar as coisas na devida proporção e compensar países como o Brasil pelos serviços ambientais que prestam ao mundo.

Por que os governantes veem com desconfiança reformas audaciosas como as sugeridas em seu livro? Na verdade, isso depende da natureza do sistema político. Os bons contratos sociais existentes derivam de sistemas políticos inclusivos, nos quais há fortes mecanismos de responsabilização, como eleições e imprensa livres. Já os regimes autoritários sofrem menos pressão e usam a máquina para o próprio enriquecimento, o que enfraquece a atribuição de deveres. A redefinição das regras para viver em sociedade passa pela cobrança das responsabilidades que recaem sobre os políticos. ■

Caio Saad

LIANE NEVES

TRADUÇÃO Lya Luft: a imensa popularidade de quem simplificava o inacessível

O SENTIDO DAS COISAS

A escritora e tradutora gaúcha **Lya Luft** aprendeu a falar alemão antes do português, até o idioma ser banido das relações sociais com a eclosão da II Guerra e a ascensão do nazismo. Filha de imigrantes estabelecidos na cidade de Santa Cruz do Sul, logo cedo foi na contramão para uma menina de seu tempo. Preferia ler Goethe no original a aprender a cozinhar e costurar. Formou-se em pedagogia e letras anglo-germânicas pela PUCRS e logo passou a traduzir autores como Virginia Woolf e Rainer Maria Rilke. Escreveu poemas e contos, mas só estreou como romancista em 1980, aos 42 anos, com *As Parceiras*. Era o início de uma carreira bem-sucedida na literatura. *Perdas e Ganhos*, de 2003, misto de ensaios e memória, vendeu mais de 600 000 exemplares.

Mas foi como colunista de VEJA, a partir de 1996, que ela ganharia alcance nacional, buscando sentido no que parecia inexplicável. Eis o que ela escreveu em A *Força das Palavras*, coluna de 1996: "Sou dos que optam pela palavra sempre que é possível. Olho no olho, às vezes mão na mão ou mão no ombro: vem cá, vamos conversar? Nem sempre é possível. Mas, em geral, é melhor do que o silêncio crispado e as palavras varridas para baixo do tapete. Falar é também a essência da terapia: pronunciando o nome das coisas que nos feriram, ou das que nos assustam mais, de alguma forma adquirimos sobre elas um mínimo controle. O fantasma passa a ter nome e rosto, e começamos a lidar com ele". Lya morreu em 30 de dezembro, aos 83 anos. Lutava contra um melanoma.

A ORIGEM DA HUMANIDADE

Saberíamos menos de nós mesmos, como seres humanos, não fosse o trabalho do paleontólogo e conservacionista queniano **Richard Leakey.** Ele foi o responsável por encontrar os restos mortais dos primeiros hominídeos conhecidos até hoje. Ao escavar o Lago Turkana, as equipes lideradas por Leakey fizeram descobertas fundamentais. Em 1972, encontraram os primeiros crânios de *Homo habilis,* com cerca de 1,9 milhão de anos. Em 1984, localizaram o mais completo exemplar de um *Homo erectus,* de 1,5 milhão de anos. Graças a Leakey o mundo hoje aceita a ideia de os primeiros humanos terem surgido no continente africano. Ele morreu em 2 de janeiro, em Nairóbi, no Quênia, aos 77 anos, de causas não reveladas.

O GÊNIO DO SALTO TRIPLO

O soviético **Viktor Saneyev**, nascido na Geórgia, foi um dos grandes atletas da história. Único tricampeão olímpico do salto triplo, era sempre uma sombra para os brasileiros que brilharam na modalidade entre os anos 1960 e 1980. A primeira medalha de ouro foi em 1968, numa prova espetacular, em que os recordes mundiais foram batidos nove vezes. O brasileiro Nelson Prudêncio, um dos recordistas, levou a prata. No bicampeonato dos Jogos de Munique, em 1972, ele deixou para trás o alemão Jörg Drehmel e, novamente, Prudêncio. Quatro anos mais tarde, em Montreal, subiu ao lugar mais alto do pódio ao lado do americano James Butts e de João do Pulo, o terceiro colocado. Na Olimpíada de Moscou, em 1980, Saneyev conquistou a prata, numa jornada polêmica. Um dos saltos de João, que lhe daria o ouro, foi anulado pelos juízes. "Roubaram meu ouro", diria no ônibus, de volta para a Vila Olímpica. Saneyev morreu aos 76 anos, em 3 de janeiro, na Austrália. ■

MYCHELE DANIAU/AFP

OPONENTE Saneyev em 1972: um obstáculo para os brasileiros

FERNANDO SCHÜLER

O GRANDE DEBATE

DIAS ATRÁS li um artigo provocante de Luigi Zingales, um economista que aprendi a respeitar. Zingales é um liberal. Um crítico duro da lógica dos lobbies e da captura do Estado, no que se conhece como "capitalismo de compadrio". É também um realista. Em um trecho do artigo ele diz que "A revolução neoliberal iniciada por Reagan e Thatcher aparentemente vai terminando. A intervenção estatal à la New Deal está de volta". A partir daí, ele faz a pergunta que também me faço: o que deve caber ao Estado e ao mercado em uma economia moderna? E a quantas anda o Brasil nessa equação? Este ano tem eleição presidencial, e talvez essas são questões que deveríamos nos fazer.

YUICHIRO CHINO/GETTY IMAGES

BOA TENDÊNCIA Tecnologia blockchain: exemplo de autorregulação

Se aquela frase de Zingales é verdadeira, então andamos na contramão. Nunca houve por aqui nada muito parecido com uma "revolução neoliberal". Nos anos 90, privatizamos estatais, criamos uma lei de responsabilidade fiscal e ensaiamos uma reforma do Estado, cujo resultado talvez mais duradouro foi a criação das "Organizações Sociais". Implantaram-se algumas no governo federal, entre elas o Impa, e em muitos estados (a Osesp, em São Paulo, é o melhor exemplo que conheço). No mais, nossa carga tributária foi de 26% a 32% do PIB, à época do PSDB, entre outras coisas devido à expansão de programas sociais. Houve processos importantes de modernização, mas convenhamos que passamos longe de uma revolução neoliberal.

Um novo ciclo de reformas veio a partir da grande crise de 2015/16. De novo, nenhuma revolução liberal, mas avanços importantes. Colocamos um teto na despesa pública, fizemos uma reforma trabalhista, que (pasmem) acabou com o imposto sindical, e uma reforma previdenciária, em que, talvez por milagre, fixamos uma idade mínima para as aposentadorias. Mais recentemente, o país avançou em algumas reformas setoriais, como o marco do saneamento básico, que exige competição e abre o setor de saneamento para o investimento privado, e a lei das ferrovias, que desburocratiza o setor e vem gerando um boom de novos projetos. Em nenhuma delas o Estado abre mão de controlar o jogo. O que ele faz é mudar os termos do jogo. Ajusta normas e facilita a vida de quem quer investir.

Há algum problema nisso? Trocar "concessões" por "autorizações", nas ferrovias, e exigir leilões para as empresas que vão tratar nosso esgoto diz respeito a um debate ideológico "de fundo", como escuto por aí, ou são apenas ajustes finos de regulação que aumentam a eficiência na oferta de serviços?

Precisamos parar com a conversa fiada de que há uma contradição insolúvel entre Estado e mercado. Mercados competitivos supõem precisamente boa regulação. Não é disso que trata nossa legislação sobre parcerias público-privadas? Por que raios alguém pagaria 70 milhões de reais por uma outorga para administrar o Parque Ibirapuera, em São Paulo, se as regras não fossem claras, se não houvesse um leilão aberto e um contrato de 35 anos para o retorno do investimento? O papel que coube ao Estado? Fixar regras. E o das empresas? Investir, competir, fazer a gestão. Qual é exatamente a contradição aí?

Existem algumas tendências no redesenho das relações entre Estado e mercado em nosso tempo. Uma delas é a crescente especialização dos governos. Eles inclinavam-se a fazer tudo.

Administravam estradas e aeroportos, quando não fábricas de aviões, como a nossa Embraer, mineradoras e supermercados. Hoje descobrimos que o governo não é bom em fazer nada disso. Aeroportos com gestão privada são melhores do que os velhos terminais gerenciados pela Infraero, e isso não tem nada a ver com o "Estado abrindo mão de suas funções". São as funções do Estado que vão se transformando. Proteger interesses difusos, criar ambiente para o desenvolvimento, garantir equidade. Essas, e não comercializar verduras ou prover serviços, são tarefas nobres do Estado.

Outra tendência é a gradativa despolitização de esferas da gestão pública. É o caso da autonomia para o Banco Central. Quem definiu bem isso foi o ministro Barroso, dizendo que instituições como o Banco Central não devem ser "submetidas a vontades políticas, mas a compromissos com a Constituição e o Estado brasileiro". Vale o mesmo para temas como responsabilidade fiscal ou o funcionamento das agências reguladoras. Pautas que expressam valores e objetivos sociais de longo prazo. Dizem respeito a direitos, e não devem ficar à mercê do pequeno jogo político.

"Não há contradição insolúvel entre Estado e mercado"

Outra tendência é a autorregulação. A tecnologia avança, dá poder aos indivíduos e desafia velhas instituições. Não foi assim que aconteceu com o transporte urbano? Ainda recordo da discussão sobre se era cabível deixar que carros sem o carimbo das prefeituras circulassem pelas cidades transportando pessoas. Hoje há perto de 1,1 milhão de motoristas de aplicativos, país afora, e pouca gente ainda discute sobre isso. A chamada sharing economy representa essa tendência. Ela explora recursos subutilizados, distribui benefícios de modo difuso e debita seus custos sobre indústrias obsoletas. A tecnologia blockchain vem na mesma direção. O Estado moderno se fez na ideia do controle exaustivo sobre diferentes esferas da vida social, mas terá de dar espaços à regulação aberta e descentralizada. Há quem se assuste com isso; há quem veja aí a melhor promessa de nossa época.

Por fim, vamos consagrando um princípio enunciado por figuras díspares como Hayek e um filósofo igualitarista como Philippe Van Parijs. Ele diz que "ninguém deve cair abaixo de um padrão mínimo de dignidade". A intenção aqui é clara: não é mais aceitável, em nossa civilização, que pessoas vivam em situação de miséria. Penso nisso quando vejo os viadutos de São Paulo tomados por famílias. Criamos um país em que o governo recolhe 35% da riqueza, em impostos, e convive bem com 13% das pessoas abaixo da linha de extrema pobreza.

O mundo atual assiste a uma longa aproximação entre as agendas do liberalismo e da moderna social-democracia. Economias avançadas são feitas de modelos mistos. Gosto de lembrar do desafio lançado por Mario Covas, em nossa primeira eleição presidencial após a ditadura, dizendo que o Brasil precisava de um "choque de capitalismo". Logo ele, um convicto social-democrata. Sua provocação permanece, até hoje, parada no ar.

Vai aí o maior desafio deste ano da graça de 2022. Largar o bate-boca vazio e concentrar energias no grande debate sobre o país que desejamos. É esse o tom que deveríamos dar à disputa presidencial. Não sei se é razoável acreditar que isso vai acontecer, mas não tenho dúvidas de que seria o melhor a fazer. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBEDESCE

SOBE

APPLE
A empresa americana tornou-se a primeira a atingir o valor de mercado de 3 trilhões de dólares após as suas ações acumularem uma alta de 33% em 2021.

HOMEM-ARANHA
Sem Volta para Casa empilhou recordes, como o de maior estreia em cinemas brasileiros e o de bilheteria em dezembro nos Estados Unidos, superando *Star Wars – Episódio IX*, de 2019.

COMPRAS NO EXTERIOR
O governo brasileiro elevou de 500 para 1000 dólares a cota de produtos livres de impostos trazidos de países estrangeiros por avião ou navio.

DESCE

BLACKBERRY
O anúncio de que os aparelhos deixariam de ter suporte a partir de janeiro foi a "pá de cal" na marca canadense, que fez história no mundo dos celulares e vinha em queda desde 2016.

CRUZEIROS
Na temporada, as companhias interromperam as viagens em todo o país em razão do surto de Covid-19: foram 798 casos em nove dias, segundo a Anvisa.

MÁRCIO FRANÇA
Peça-chave nas eleições em São Paulo, o ex-governador do PSB foi alvo de operação da Polícia Civil que apura desvios de 500 milhões de reais na sua gestão.

INSTAGRAM @SF_MORO

NA MIRA Moro: o TCU pode acionar o Coaf para vasculhar a vida financeira dele

Na pele dos outros

Na mira do TCU por causa dos ganhos como consultor, **Sergio Moro,** veja só, pode virar alvo do Coaf, o mesmo órgão que vasculhava a vida financeira de réus da Lava-Jato. O tribunal pedirá um relatório ao conselho, caso a Alvarez & Marsal não revele os valores.

Pode procurar

Moro está tranquilo. Diz que não exibiu valores ainda para não dar cartaz ao TCU. Segundo o ex-juiz, caso o Coaf quebre seu sigilo financeiro, descobrirá que ele não levou um tostão furado ao romper o contrato.

Pé na estrada

O pré-candidato do Podemos começou a percorrer o país nesta semana. Para registrar seus passos, contratou o primeiro reforço de campanha: o experiente fotógrafo Sergio Dutti seguirá a caminhada de Moro até a eleição.

Troca de nome

Com essa nova internação, um graúdo empresário levou a um auxiliar de Jair Bolsonaro a ideia de lançar Tarcísio de Freitas ao Planalto. O presidente, magnânimo, abdicaria em nome da saúde. Ninguém, claro, teve coragem de dar a ideia diretamente a Bolsonaro.

Abandonar o navio

Cabeça do grupo Uninter e maior doador privado de Bolsonaro em 2018 — 800 000 reais —, o empresário paranaense Wilson Picler pulou do barco. Está ajudando na coordenação de campanha de Moro no Paraná.

Coisa de cinema

Foi dramática a repentina partida de Bolsonaro para o hospital. Uma das equipes da comitiva chegou a bloquear um posto de gasolina em Piçarras (SC) para abastecer os carros, dizendo que a vida do presidente estava em risco.

Exagero habitual

A primeira notícia que chegou aos auxiliares de Bolsonaro em SC foi a de que o presidente havia vomitado e desmaiado na base militar de São Francisco do Sul. Era, que ironia, *fake news*.

Faça o que eu mando

Na última semana do ano, Flávia Arruda e Ciro Nogueira tiveram uma dura briga. Flávia não seguiu ordens de Ciro para liberar verbas para o Piauí.

Dupla personalidade

Marcelo Queiroga tem vivido uma vida dupla no governo. Na frente de Bolsonaro, é negacionista. Quando está longe, diz que só faz o que faz para evitar que o presidente boicote seus projetos e verbas na Saúde.

Jogo de cena

Sobre a vacinação de crianças, aliás, o ministro tranquilizou auxiliares. O período de ataques ao imunizante passou. Bolsonaro já deu o recado aos radicais e agora aceitou que terá de vacinar os pequenos.

Sócios no caos

Dados do Google mostram que Bolsonaro, Lula e Moro ganharam visibilidade nas buscas, em 2021, sempre que brigaram entre si. O caos político, infelizmente, ajuda na campanha de todos.

Golpe e impunidade

Bolsonaro teve dois grandes picos de audiência no Google no ano passado. Quando brigou com Luiz Fux em julho e quando jogou apoiadores contra o STF em setembro. Já Lula venceu Bolsonaro nas buscas apenas uma vez: em março, quando o STF derrubou a condenação do caso tríplex.

100 anos de perdão

Não é todo dia que acontece, mas José Dirceu achou alguém que lhe passasse para trás. Um inquilino do mensaleiro sumiu e deixou para o condenado na Lava-Jato uma conta de IPTU e uma herança bizarra: registrou na casa de Dirceu um templo, a Igreja Inovação da Doutrina por Tadachi. Que pecado.

Linhas finais

Há seis meses parado na mesa do juiz Frederico Botelho, o recurso de Lula que pede o arquivamento do último processo contra ele na Justiça — o caso dos caças da FAB — deve ter seu desfecho nos próximos dias.

Cristal trincado

Mesmo entre amigos, Geraldo Alckmin perdeu seu brilho ao se aproximar de Lula. "Totalmente equivocado", diz Mario Covas Neto, filho do ex-governador que foi guru de Alckmin.

Tudo combinado

Fernando Haddad tem dito a aliados que será candidato em São Paulo e que Alckmin, como vice de Lula pelo PSB, sepultará os planos de Márcio França.

GOVERNO DO TOCANTINS/SECOM

EM FAMÍLIA Carlesse: o MPF apura se ele usou a filha para lavar dinheiro

De longe, é lindo

Diante das críticas que recebe no Brasil, Paulo Guedes costuma lembrar que lá nos EUA ele só ouve elogios: "A turma de fora reconhece nosso trabalho".

Tecnologia nacional

O governo brasileiro negocia uma parceria com um grupo espanhol para vender no mercado europeu o sistema de mísseis Astros. Negócio bilionário.

Ninguém é de ferro

O TCU vai torrar 216 000 reais para oferecer aos ministros serviços de fisioterapia e pilates em Brasília.

Boa notícia

Dados da equipe de Paulo Guedes mostram que o país criou 1,4 milhão de empresas no último trimestre de 2021.

Batalha ferrenha

A eleição da lista de desembargadores para duas vagas no STJ lotou. São vinte candidatos. E o lobby de ministros do STF por alguns já desagrada. "Se alguém do STF me ligar, aí é que não voto", diz um magistrado do STJ.

Na conta da filhota

O MPF está na cola da filha do governador afastado do Tocantins, **Mauro Carlesse.** Dayana Carlesse, suspeita de ser laranja do pai, movimentou valores incompatíveis com sua renda em negócios com gado.

Que azar

No dia das buscas contra Carlesse, a PF flagrou Dayana chegando a um dos endereços usados para lavagem de dinheiro. Ela abriu a porta e deu de cara com os agentes. Aí saiu correndo.

JOÃO MIGUEL JR./TV GLOBO

IDEIA FIXA Luciano Huck: entre uma gravação e outra, debate sobre o país

Duro de pagar

Ciro Gomes deve cerca de 20 000 reais em honorários a Alexandre Fidalgo. O advogado, que derrotou Ciro na Justiça, tenta receber há meses, inclusive com penhoras judiciais — e nada.

Nos intervalos

Fora da corrida presidencial, o apresentador **Luciano Huck** segue empenhado em discutir política nas horas vagas. "Vejo muita energia se esvaindo na discussão sobre quem vai apoiar quem. Não se trata de discutir um projeto de poder, mas um projeto de país. Precisamos investir energia na questão programática. Um projeto com começo, meio e fim", diz. ■

UMA MÁQUINA BILIONÁRIA

Injeção de 6 bilhões de reais em dinheiro público faz da eleição de 2022 a mais cara da história do país, concentra poder em caciques e candidatos com mandato e dificulta a renovação política

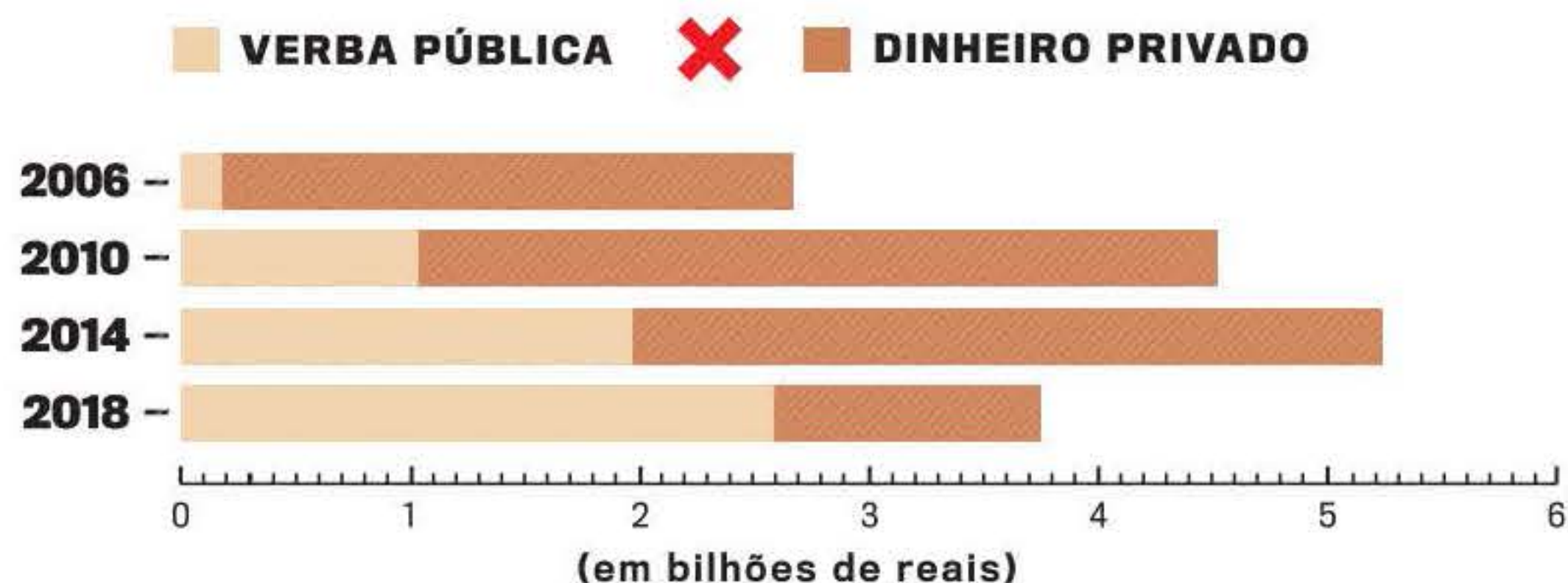
TULIO KRUSE

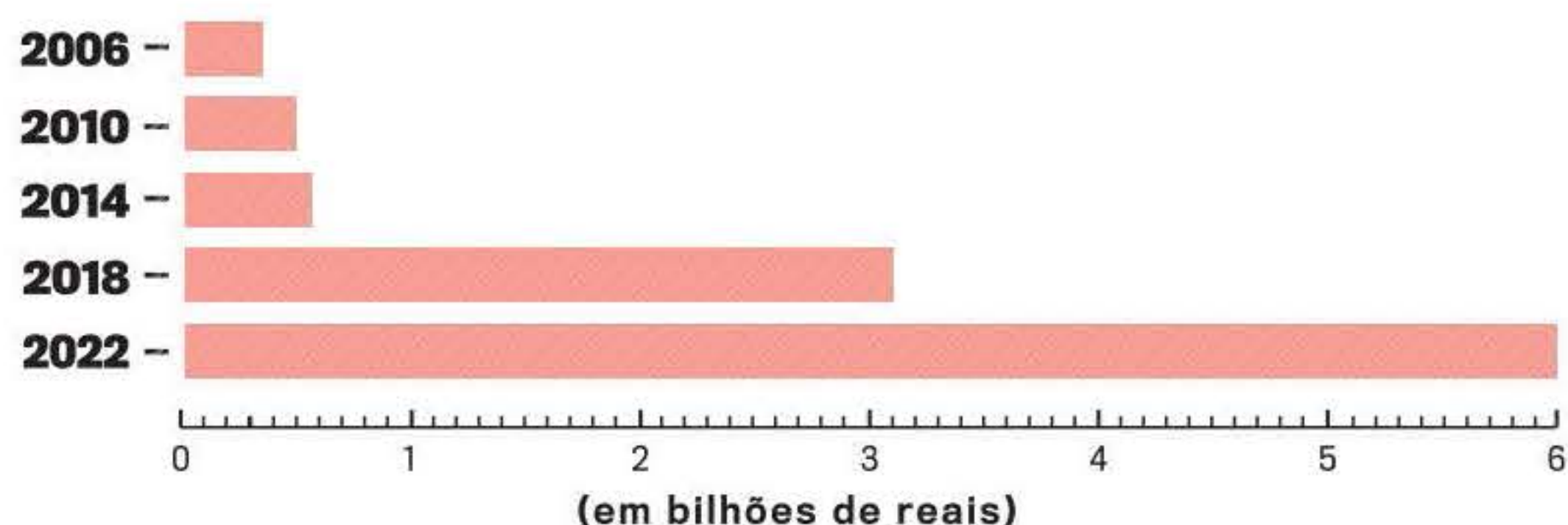
PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

O Estado brasileiro cobra muito de seus cidadãos e entrega pouco. Quando entrega, ainda escolhe as prioridades erradas. O exemplo mais grotesco (e recente) dessa esdrúxula gestão de recursos da União é o financiamento público de campanhas. Insensíveis aos reais problemas brasileiros, os parlamentares aprovaram uma verba de 4,9 bilhões de reais para o Fundo Eleitoral, o montante destinado aos partidos para financiar as campanhas. A medida, que, num raro momento de lucidez, havia sido vetada pelo presidente Jair Bolsonaro, passa a valer já para as eleições deste ano. Só para se ter uma ideia do tamanho da autoindulgência dos senhores congressistas, a soma é quase o triplo do 1,7 bilhão de reais da disputa de 2018.

Para piorar, nenhum cálculo matemático sustenta o apetite político-eleitoral. As receitas totais do país aumentaram apenas 37% entre 2018 e 2022, pouco mais de 10 pontos acima da inflação (em torno de 25%). Há outras comparações desfavoráveis. O valor aprovado é maior, por exemplo, que o reservado à compra de vacinas (3,9 bilhões de reais), sabidamente uma emergência para o país. E teve mais. O Fundo Partidário, que é destinado anualmente às siglas para custear as suas despesas de rotina, foi reajustado em 17% e chegou a 1,1 bilhão de reais. Somadas as duas fontes, o montante nas mãos das legendas chegará a 6 bilhões de reais em 2022, o que já faz da próxima eleição a mais cara da história. Só com dinheiro público ela supera a ex-recordista, a disputa de

O CUSTO DA DEMOCRACIA

Orçamento público financia cada vez mais os gastos eleitorais

RECURSOS PÚBLICOS PARA PARTIDOS

(em anos de eleições nacionais)

DONOS DO COFRE Luciano Bivar e ACM Neto: líderes do União Brasil controlarão 900 milhões de reais de verba pública

2014, quando ainda era permitida a doação eleitoral por empresas *(veja o quadro na pág. ao lado).*

A euforia dos atuais caciques com o modelo — e até do baixo clero do Congresso — é mais do que justificada. A regra atual favorece quem comanda as máquinas partidárias, e a distribuição de dinheiro quase sempre privilegia políticos com mandato. Um estudo da Fundação Getulio Vargas (FGV) mostrou que nas eleições de 2018, as primeiras com o Fundo Eleitoral, estados pequenos como Amapá e Acre já tiveram naquele ano um crescimento acima de 100% na média de gastos eleitorais na comparação com 2014, o que indicava que os cofres públicos injetavam mais dinheiro do que os partidos normalmente gastariam. A mesma pesquisa mostra que diretórios aplicam até seis vezes mais verba nas campanhas à reeleição do que em novos candidatos.

Uma consequência óbvia do modelo, portanto, é que ele inibe a renovação política ao deixar os novatos em desigualdade em relação aos ungidos pelas máquinas partidárias. Com mais dinheiro, é possível ter mais estrutura nas campanhas de rua e mais condições de produzir vídeos de qualidade e impulsionar postagens, por exemplo. De forma geral, estudiosos rejeitam a tese de que as redes sociais tornaram desnecessário o investimento em viagens e propaganda, como chegou a ser alardeado após a vitória de Bolsonaro, ancorado na internet e no WhatsApp e com pouco dinheiro e tempo de TV. Para muitos, o ambiente do país, tomado pela antipolítica, favoreceu a estratégia, mas o que houve foi algo fora da curva. “Eleições precisam, sim, de pessoas na rua, bandeiras, comitês trabalhando, e isso gera muito gasto”, afirma Roberto Gondo, professor de comunicação política da Universidade Mackenzie.

Outro problema do sistema é que ele tende a reforçar a polarização registrada, por ora, na corrida presidencial. Metade do valor dos fundos estará sob o controle de um punhado de partidos. Praticamente fechada no apoio à reeleição de Bolsonaro, a trinca do Centrão — PL, PP e Republicanos — terá 1 bilhão de reais na campanha. Com a segunda maior bancada na Câmara, o PT de Luiz Inácio Lula da Silva ficará com 582 milhões de reais *(veja o quadro na pág. 24).* Nesse cenário, cresce a importância do União Brasil, que nascerá da fusão de PSL e DEM e levará mais de 900 milhões de reais para a eleição. Sem candidato, a sigla é cortejada por Sergio Moro (Podemos), João Doria (PSDB) e Ciro Gomes (PDT), já que a dinheirama poderá ajudar a equilibrar a disputa com o petismo e o bolsonarismo.

CAIXA CHEIO EM 2022

Fusão de DEM e PSL receberá quase 1 bilhão de reais
(em milhões de reais)

Partido	Valor
UNIÃO BRASIL	927,2
PT	582,7
MDB	410,3
PP	392,5
PSD	390,7
PSDB	371,9
PL	334,7
PSB	317,2
PDT	293,9
REPUBLICANOS	291,6
PODEMOS	224,6
PTB	133,5
SOLIDARIEDADE	131,4
PSOL	126,4
PROS	111

Fontes: *TSE e FGV*

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

ALIADOS Ciro Nogueira e Arthur Lira: caciques da bilionária frente governista

Por ironia, o duto de dinheiro público para partidos foi aberto por uma iniciativa eivada de boas intenções. O atual modelo surgiu em meio ao terremoto provocado pela Lava-Jato, que trouxe à tona esquemas de desvio de dinheiro, principalmente da Petrobras, para irrigar o caixa dois de campanhas. A operação tinha um ano e meio quando, em 2015, o Supremo Tribunal Federal julgou que as doações de empresas a partidos e candidatos eram inconstitucionais. A criminalização das doações empresariais abriu a caixa de Pandora da atração por verba pública e criou um certo desestímulo à busca por apoio privado — ainda são permitidas as doações por pessoas físicas. "O político não precisa ficar fazendo vaquinha virtual, pois já tem um caminhão de dinheiro do partido. Isso é ruim, diminui o vínculo da classe política com doadores pequenos", diz o pesquisador-assistente Arthur Fisch, do Centro de Estudos em Política e Economia do Setor Público (Cepesp) da FGV.

Não se trata de demonizar o financiamento eleitoral público, até porque a ampla maioria dos países adota esse modelo — na Europa, só Itália, Suíça e Belarus não tem —, segundo o Instituto Internacional para a Democracia e Assistência Eleitoral (Idea). Mas há limites. Na França e Portugal, o Estado banca menos da metade da campanha, o que leva os partidos a buscar doações. Na Alemanha, a legenda recebe 45 centavos para cada euro doado por

INÍCIO DO FIM PF na Odebrecht, em São Paulo, em 2016: a Lava-Jato levou à criminalização da doação empresarial

pessoas físicas, e 83 centavos por voto. Nos EUA, há sistemas de financiamento público que variam de acordo com o estado, mas estão caindo em desuso nas eleições presidenciais. A maior parte da arrecadação é feita pelos Comitês de Ação Política (PACs), que podem receber dinheiro de empresas, mas não daquelas que são contratadas diretamente pelo governo.

No Brasil, será muito difícil que a classe política mude algo que esteja, a seu ver, funcionando bem. Bolsonaro saiu derrotado da discussão sobre o financiamento público duas vezes. Ameaçou vetar o Fundo Eleitoral já no seu primeiro ano de mandato — e recuou pouco depois, alegando que o Congresso poderia abrir um processo de impeachment. Em 2021, disse que vetaria parcialmente o valor, o que não era possível. Como era de esperar em um governo com um presidente fraco e um Congresso forte, o veto integral foi derrubado com folga. Resta saber o que sairá disso tudo. As eleições de 2022, com a magnitude de dinheiro público envolvido, serão um bom teste para o sistema. Democracia, como se convencionou dizer, custa caro, mas, em um país com tantas outras necessidades, poderia custar bem mais barato. ■

MARCOS BEZERRA/FUTURA PRESS

A PRIORIDADE PARA 2022

Insistir em candidatura sem chances ajuda a matar a terceira via

HÁ MUITAS prioridades para 2022. A vacinação. O combate à fome, à miséria e à desigualdade, que recrudesceram por causa da recessão e da pandemia. Recuperar o tempo perdido na educação. Retomar o crescimento econômico e as reformas do Estado e reduzir o desemprego.

Combater o desmatamento (e estipular que a meta é zero). Recuperar os investimentos em ciência e tecnologia. Discutir como reduzir o impacto da revolução tecnológica nos empregos. Reconstruir a democracia e suas instituições.

E, claro, retirar Bolsonaro do poder.

Com exceção do último item (que ele quer impedir), nada disso é prioridade para Jair Bolsonaro. E é por isso mesmo que a maior prioridade do Brasil para 2022 é remover Jair Bolsonaro do poder.

> **"Será uma ironia amarga o Brasil se ver obrigado a eleger o PT para escapar de Jair Bolsonaro"**

Felizmente, tudo indica que isso ocorrerá. O problema é que esse "tudo indica" está levando a conclusões precipitadas, potencialmente equivocadas e perigosas. Bolsonaro, ao contrário do que muitos acreditam, não está morto. Ele tem o *Diário Oficial* e uma caneta cheia de tinta, vai gastar dinheiro a rodo nos próximos meses. É provável que suas intenções de votos subam.

Por seu lado, a nação petista tem tanta certeza de que Bolsonaro está morto e anda tão confiante na vitória de Lula que já está até fazendo a partilha dos ministérios. Não existe nada mais perigoso do que o clima de "já ganhou": quem acha que a vitória é certa não percebe os próprios erros. E Lula tem cometido erros.

Lula defende ditaduras e afirma que o mensalão e o petrolão não existiram e que a Lava-Jato foi uma operação dos EUA para "destruir a indústria naval brasileira" (que indústria naval?). Nos últimos dias, ameaçou revogar a reforma trabalhista e permitiu que Guido Mantega publicasse um artigo afrontoso em sua escancarada mistificação. Com isso, não ganha voto (a esquerda já vota nele), mas perde.

Se Bolsonaro crescer, Lula cair e a terceira via continuar parada, aumenta a chance de uma surpresa desagradável no segundo turno. Mas os erros de Lula favorecem também a terceira via, que não está morta — até porque a eleição de 2022 será diferente de todas as eleições que o Brasil já teve.

Em uma eleição comum, costuma ser melhor seguir até o final e ser derrotado do que renunciar: o candidato fica mais conhecido e tem mais força para negociar apoios no segundo turno. Neste ano, entretanto, insistir em uma candidatura sem chances contribui para matar a terceira via e garantir um segundo turno entre Bolsonaro e Lula. Candidatos sem chances serão abandonados por seus próprios partidos e pressionados a desistir. Os próprios candidatos tendem a preferir renunciar a ser os causadores do que o empresário Pedro Passos descreveu como uma escolha "entre o inaceitável e o indesejável".

Quem sobreviver ao jogo de resta um receberá os votos de todos que quiserem evitar um segundo turno entre Lula e Bolsonaro — não serão poucos. Ainda há muita água para rolar, mas será uma ironia amarga caso o Brasil, que em 2018 cometeu o despautério de eleger Jair Bolsonaro para escapar do PT, se veja obrigado a eleger o PT para escapar de Bolsonaro. ■

WALLACE MARTINS/FUTURA PRESS

AVANÇO Aras: o procurador-geral não deve denunciar o presidente, mas deu seguimento às acusações dos senadores

LEMBRANÇA INCÔMODA

Com base na CPI, Augusto Aras abre dez apurações no STF, metade com potencial para causar desgaste a Bolsonaro e manter em debate os seus erros na pandemia **REYNALDO TUROLLO JR.**

DURANTE SEIS MESES de 2021, a CPI da Pandemia promoveu muito barulho ao expor, em sessões transmitidas ao vivo, o amontoado de equívocos que marcou o enfrentamento à Covid-19 no Brasil. Mesmo acossado, no entanto, o presidente Jair Bolsonaro não se cansou de dizer que a investigação não levaria a lugar algum e que ele não tinha "culpa de absolutamente nada" na crise sanitária. "Que relatório é esse? O que eles fizeram ao longo de seis meses?", disse em 9 de dezembro, em evento no Palácio do Planalto, ao questionar o resultado da apuração. Pode não ser bem assim. O documento produzido pelos senadores teve os seus primeiros desdobramentos no Judiciário, sinalizando que continuará a repercutir em 2022, em pleno ano eleitoral. Apesar de serem remotas as chances de denunciar o presidente, o procurador-geral da República, Augusto Aras, abriu dez apurações preliminares no Supremo Tribunal Federal, das quais sete envolvem diretamente Bolsonaro. Parte delas tem grande potencial para gerar novos desgastes políticos para o governo.

Para azar do presidente, quatro casos caíram nas mãos da ministra Rosa Weber. Considerada dura nas decisões contra a atuação federal na pandemia, a magistrada, que vai suceder a Luiz Fux na presidência da Corte a partir de setembro, não faz declarações públicas, mas dá seus recados nos autos, como ao afirmar que a exis-

WALLACE MARTINS/FUTURA PRESS

ALVOS Queiroga e Pazuello: atuação errática de ministros está na mira do MPF

tência de um grupo paralelo para aconselhar o governo na crise "constitui fato gravíssimo". Em julho, ela já havia autorizado inquérito para apurar se Bolsonaro cometeu prevaricação por não tomar providências ao ser alertado das irregularidades na compra da vacina Covaxin. Agora, caberá a ela analisar se há elementos para abrir inquéritos sobre o presidente por uso irregular de verba pública, devido aos gastos com cloroquina, mesmo sabendo da sua ineficácia, além de outros crimes *(veja o quadro ao lado)*.

Outro potencial foco de dor de cabeça envolve uma velha prática atribuída à família Bolsonaro: a propagação de *fake news*. A parte do relatório que trata da disseminação de informações falsas para estimular a população a evitar medidas de prevenção foi entregue, por sorteio, a Luís Roberto Barroso, que é duro nesse tipo de tema. As suspeitas envolvem o presidente, os filhos Flávio, Carlos e Eduardo, uma dezena de autoridades e ativistas do bolsonarismo, como o empresário Luciano Hang e o blogueiro Allan dos Santos. Outro caso que pode trazer complicações é o que imputa a Bolsonaro a falsificação de documento, por ter usado um relatório não oficial feito por um servidor do Tribunal de Contas da União para questionar o número de mortes pela Covid-19. A apuração está com Cármen Lúcia, também crítica em relação à gestão . "Acho muito difícil superar a pandemia com esse desgoverno", disse, por exemplo, em junho de 2020.

Outras acusações tendem mesmo a não dar em nada, como a de charlatanismo. No Ministério Público, prevalece o entendimento de que esse tipo penal se aplica a cidadãos que fingem ser médicos ou dentistas para receitar alguma cura milagrosa e não se amolda ao caso do presidente. Da mesma forma, os crimes de infração de medida sanitária (por não usar máscara) e de causar epidemia, que foram distribuídos a Dias Toffoli, já foram analisados em outras ocasiões e arquivados tanto pela PGR quanto pelo STF.

O fato é que, ao contrário do que deseja o presidente, a CPI não deixará de incomodá-lo tão cedo. Além das apurações de Aras, o MPF no Distrito Federal decidiu distribuir entre seus membros as imputações criminais feitas contra pessoas sem foro (como o ex-ministro Eduardo Pazuello) e as acusações de improbidade administrativa que envolvem autoridades como o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga. O andamento dessas investigações ajudará a manter o assunto no noticiário e no debate eleitoral e a reavivar os erros cometidos pelo governo no combate à pandemia. Que, como se sabe, não foram poucos. ■

AS FRENTES DE INVESTIGAÇÃO

Seis ministros são responsáveis por dez apurações preliminares da PGR

Crime: *falsificação de documento particular, por alterar relatório feito por servidor do TCU sobre número de mortes*
Suspeito: presidente Jair Bolsonaro
Relatora: Cármen Lúcia

Crime: *infração de medida sanitária, por não usar máscara em aglomerações*
Suspeito: Jair Bolsonaro
Relator: Dias Toffoli

Crime: *causar epidemia que resultou em morte*
Suspeitos: Jair Bolsonaro, ex-ministro Eduardo Pazuello e ministro Marcelo Queiroga, entre outros
Relator: Dias Toffoli

Crime: *advocacia administrativa, por patrocinar interesses de empresa junto ao Ministério da Saúde*
Suspeito: Ricardo Barros (PP-PR), líder do governo na Câmara
Relatora: Rosa Weber

Crime: *emprego irregular de verbas públicas, por gastar com cloroquina*
Suspeitos: Jair Bolsonaro e Eduardo Pazuello
Relatora: Rosa Weber

Crime: *charlatanismo, por difundir a "cura" da Covid por meio do tratamento precoce*
Suspeito: Jair Bolsonaro
Relatora: Rosa Weber

Crime: *prevaricação, por ter deixado de agir quando avisado sobre irregularidades na compra da vacina Covaxin**
Suspeitos: Jair Bolsonaro, Eduardo Pazuello e Marcelo Queiroga
Relatora: Rosa Weber

Crime: *prevaricação em caso envolvendo malfeitos da Precisa Medicamentos e servidor do Ministério da Saúde*
Suspeito: Wagner Rosário (ministro da CGU)
Relator: Ricardo Lewandowski

Crime: *formação de organização criminosa para desviar recursos da saúde*
Suspeitos: Roberto Dias (ex-diretor do Ministério da Saúde), Francisco Maximiano (sócio da Precisa) e Ricardo Barros, entre outros
Relator: Nunes Marques

Crime: *difusão de* fake news *contra as medidas sanitárias*
Suspeitos: Jair Bolsonaro e seus filhos Flávio, Carlos e Eduardo, as deputadas Bia Kicis e Carla Zambelli (ambas do PSL), Onyx Lorenzoni (ministro do Trabalho), Ernesto Araújo (ex-ministro das Relações Exteriores), o empresário Luciano Hang e o blogueiro Allan dos Santos, entre outros
Relator: Luís Roberto Barroso

*Já há um inquérito em andamento desde julho de 2021

TRÁFICO Jalisco *(no alto, à esq.)* e Sinaloa, do lendário El Chapo *(à dir.)*, que está preso: expansão pela América do Sul

ALERTA NA FRONTEIRA

Documento obtido por VEJA relata que dois dos maiores e mais violentos cartéis mexicanos estão avançando em direção ao Brasil **LARYSSA BORGES**

NA LISTA dos dez criminosos mais procurados do Departamento Antinarcóticos dos Estados Unidos (DEA), quatro são chefes de dois dos mais perigosos e violentos cartéis do mundo — o de Sinaloa, cujo mais famoso capo, Joaquín 'El Chapo' Guzmán, que está preso, admitiu ter matado pelo menos 2 000 pessoas, e o Jalisco Nueva Generación (CJNG), que atua no tráfico internacional de drogas sintéticas, executa sequestros, promove assassinatos e é considerado atualmente o maior grupo criminoso do México. VEJA teve acesso a um relatório que alerta para um movimento que vem sendo observado há algum tempo, e tem se intensificado nos últimos anos e chamado a atenção das autoridades: esses cartéis, que antes concentravam as ações na América do Norte, estão expandindo suas operações por toda a América do Sul, especialmente nos países que fazem fronteira com o Brasil.

O documento, produzido pela embaixada brasileira no México a partir de informações colhidas pelos serviços de inteligência de vários países do continente, relata que os cartéis já operam intensamente no Equador e no Chile, onde foram apreendidos vários carregamentos de drogas oriundos diretamente de portos do México, um laboratório associado ao CJNG já foi desmontado e traficantes ligados a Sinaloa foram presos. Há sinais de que os mexicanos também operam no Paraguai e na Bolívia e usam o Suri-

O CERCO DOS NARCOS

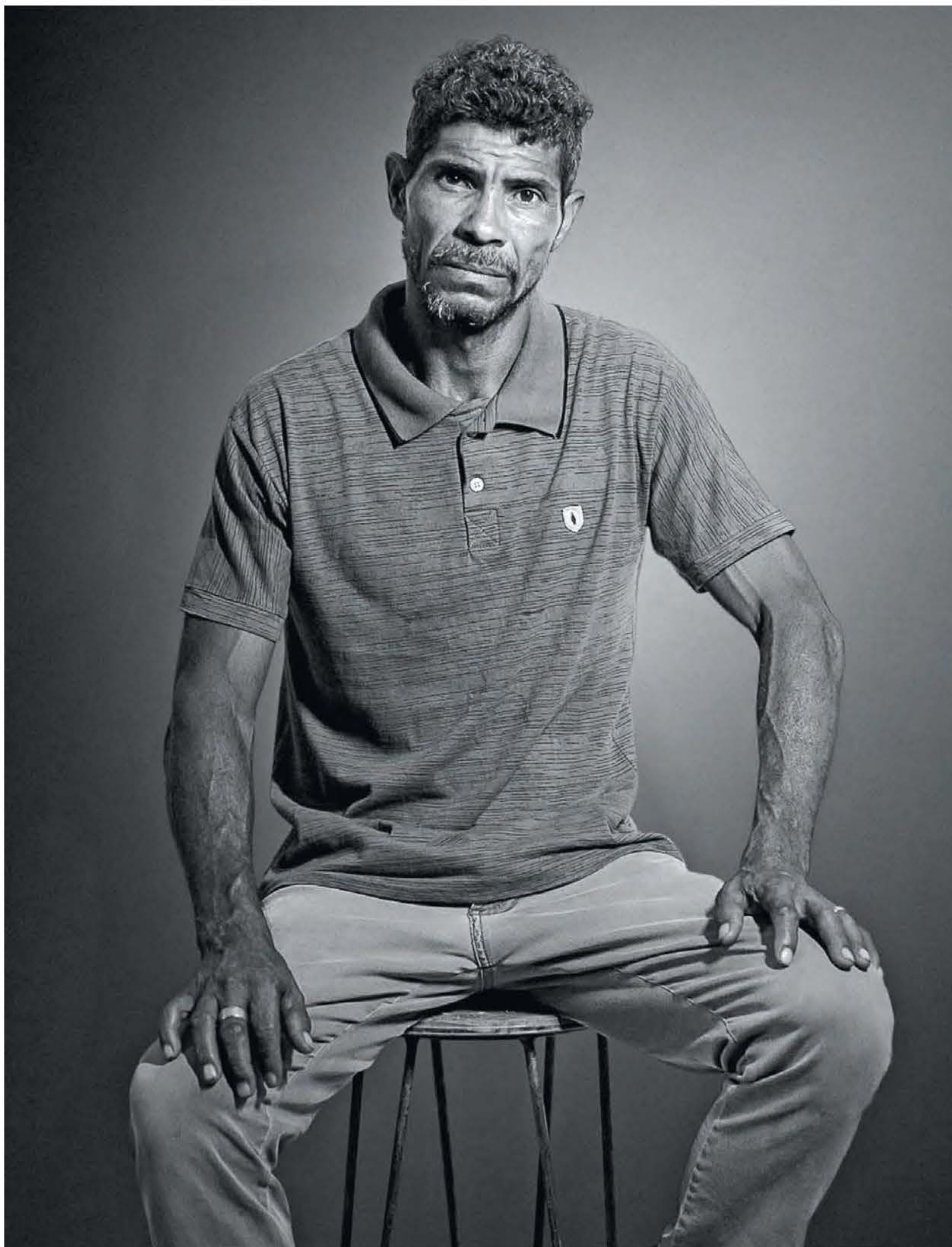
Os cartéis mexicanos de Sinaloa e Jalisco já operam no Brasil e espalham bases por vários países da América do Sul

TWITTER @OSCARBALMEN; JOSÉ MENDEZ/EFE; PF-MS/DIVULGAÇÃO

name, a Guiana e a Guiana Francesa como entrepostos para exportar drogas para a Europa. A novidade é o avanço em direção ao Brasil, que, além de servir como corredor de passagem para outros continentes, também é um dos maiores mercados consumidores de cocaína e de drogas sintéticas do planeta.

A Polícia Federal já detectou conexões dos cartéis com facções criminosas, como o PCC, mas ainda não há evidências sobre a atuação direta dos mexicanos em território nacional. As autoridades trabalham com a hipótese de que a expansão de Sinaloa e Jalisco pode ter o desembarque no Brasil como um dos objetivos principais. "Com uma economia maior, que é praticamente a soma de todas as demais economias da América do Sul, o Brasil oferece uma possibilidade mais ampla de manter organizações voltadas para a lavagem de dinheiro dos cartéis sem chamar muita atenção", diz o delegado aposentado da Polícia Federal Jorge Pontes, colunista de VEJA, que acrescenta: "É preciso ficar muito atento a esse avanço. Um país não consegue enfrentar sozinho criminosos internacionais desse porte". O relatório produzido pela embaixada inclui outras suspeitas.

As novas bases dos cartéis mexicanos estariam sendo erguidas em países onde os traficantes contariam com a falta de fiscalização, a leniência e até mesmo o apoio direto de alguns governos. E cita dois exemplos: a Venezuela, que ofereceria "instalações" para facilitar receber as quadrilhas, e, mais recentemente, o Peru, que teria voltado a ser um polo de atração depois de abrandar regras e instrumentos de combate ao narcotráfico. "Informações advindas do Peru dão conta de que apenas 600 hectares *(de plantação de coca)* dos 25 000 que são a meta anual da Política Nacional Antidrogas foram erradicados, sendo que, após a posse do novo governo de esquerda do referido país, o novo ministro do Interior (Juan Manuel Carrasco) ordenou paralisar as ações de erradicação", ressalta o documento. A folha de coca é a matéria-prima para a fabricação da cocaína.

Com relação à Venezuela, as suspeitas são mais graves. Caracas estaria disponibilizando logística para os narcotraficantes dispostos a se instalar no país. "No mundo do crime, as Orcrims dedicadas ao tráfico de drogas têm conhecimento de que a cocaína flui na Venezuela e pela Venezuela, haja vista que na vizinha Colômbia organizações criminosas lutam para entrar e se beneficiar das 'instalações' que a Venezuela oferece para o tráfico de drogas", afirma o relatório. Procurada, a embaixada do Peru informou que tem uma política antidrogas até 2030, que prevê, entre outras medidas, a "erradicação direcionada e sustentável das plantações de coca". A representação diplomática da Venezuela não se manifestou. Para o delegado Bráulio do Carmo Vieira de Melo, secretário adjunto de Operações Integradas do Ministério da Justiça, órgão responsável por sistematizar e coordenar ações contra a criminalidade nas fronteiras, o Brasil está atento ao problema e tem se empenhado em coibir o tráfico nos mais de 17 000 quilômetros de fronteiras. No ano passado, foram apreendidos na região 592 toneladas de drogas, 77 milhões de reais em dinheiro e 229 pessoas foram presas. ■

GUTHIERRY ANDRADE

SÓ PENSAVA EM SALVAR PESSOAS

O pescador Jean de Oliveira, 48, resgatou 120 famílias das águas que inundaram a Bahia com uma fúria sem precedente

O TEMPO ESTAVA FECHADO, começou a cair uma chuva fina e voltei para casa naquele sábado, depois de pescar, sem ter ideia de que o curso da minha vida estava prestes a mudar. De repente, veio a fúria da água, que logo alcançou uns 30 centímetros, e só subia. Minha rua, em Itabuna, alagou. E vi que a coisa estava ficando feia, com pessoas desesperadas sem saber o que fazer. Como bons pescadores que somos, meu irmão e eu resolvemos pegar nossa jangada para ajudar como desse os moradores desnorteados. As crianças e os mais velhos não conseguiam atravessar a rua e lá íamos nós, embarcando todos para que completassem o que virou uma travessia. Cheguei a brincar dizendo que havíamos nos tornado um Uber aquático. O nível da água se elevava em uma velocidade assombrosa e inédita. Nunca tinha visto nada parecido. Anoiteceu e, com a gravidade da situação, comecei a retirar o que podia da casa dos vizinhos, com medo de que tudo aquilo que construíram com tanto suor fosse sugado pela enchente.

Ouviam-se gritos de socorro vindos de todos os lados, e a água já ultrapassava os 3 metros quando os bombeiros enfim chegaram. Houve um alívio geral, mas durou pouco. O barco deles quebrou. Foi aí que não tive dúvida e pensei: "Preciso salvar as pessoas, salvar vidas, o maior número que conseguir". Me marcou profundamente ter resgatado um bebê recém-nascido do 2º andar de um prédio, a bordo da jangada. A mãe me olhava ansiosa, com uma aflição terrível, implorando para que desse tudo certo. Deu. Fiz incontáveis viagens de jangada, cercando toda a área. Estava com dois homens e um cachorro a bordo quando atravessamos uma correnteza muito forte, o cão tentou pular, a embarcação sacudiu e caímos no mar. Consegui frear a jangada com uma corda, todo mundo voltou e seguimos nossa rota em busca da sobrevivência. Salvei ao todo 120 famílias, algumas com a água cobrindo a casa, muita gente quase se afogando. Meus próprios parentes também precisaram ser resgatados. Ia levando as pessoas para um abrigo seguro e me enchi de alegria ao ver aquele povo todo vivo, com saúde, depois da tempestade que matou duas dezenas na Bahia.

Quando você está em uma missão assim, não tem tempo de pensar em mais nada, só agir. Virei a noite naquela jangada, indo e vindo, sem parar. Depois que a coisa acalmou, no dia seguinte, finalmente retornei para casa e me dei conta de que ela havia desabado. Perdi tudo o que eu tinha. É claro que dói, e dói muito, ver décadas de trabalho ir embora, o que eu comprei com tanto esforço e dificuldade. Mas estou vivo e tenho valorizado isso como nunca. Descobri na tragédia um sentimento de solidariedade que, acredito, deve ser cultivado por todos nós. Sem ele, o estrago poderia ter sido muito pior. Também vejo a solidariedade, felizmente, germinar neste momento por todos os cantos do país, de onde chegam ajuda privada a famílias que hoje não têm mais nada, inclusive a minha.

O que mais quero é conseguir construir uma casa para morar com minha mulher e meu filhinho de 5 anos. Por enquanto, estou na do meu irmão, que foi menos afetada. Mesmo com tantos obstáculos, mantenho a esperança sempre acesa. Sei que perdi muito, mas não posso dizer que não ganhei ao salvar toda aquela gente. Ganhei, sim. Me emociona o carinho que recebo das pessoas da comunidade, a maioria atualmente em igrejas e abrigos que podem acolhê-las. Às vezes, falam: "Olha o herói". Herói, que nada. Sou só um voluntário, mais um, e que bom que fui útil. Faria tudo de novo, sem pestanejar. Agora é trabalhar duro para pôr tudo de pé de novo e recomeçar a vida do zero. ■

Depoimento dado a Duda Monteiro de Barros

DIFICULDADES Fábrica de automóveis: problemas com suprimentos comprometem desempenho no início de 2022

OTIMISMO EM BAIXA

Estimativas para o PIB trazem o menor crescimento previsto no começo de um ano na série histórica do Banco Central, reflexo da mistura de inflação, risco fiscal e juros altos

CARLOS EDUARDO VALIM, LARISSA QUINTINO E **VICTOR IRAJÁ**

O Brasil não é para principiantes, já dizia Tom Jobim no início dos anos 1960, mas também vem se tornando um país cada vez mais complexo para os otimistas — principalmente quando se trata da economia. Isso é particularmente visível quando se leva em conta as previsões feitas para o desempenho da economia nos próximos doze meses. Excetuando a queda projetada em 2016, o ano se iniciou com a pior primeira estimativa de toda a série histórica do boletim do Banco Central, que, desde 2002, compila semanalmente as previsões de dados econômicos feitas por analistas do setor financeiro. No documento divulgado na segunda-feira 3, a expectativa é de um crescimento de apenas 0,36%.

O valor é decepcionante e chega a ser inferior aos projetados nas primeiras semanas de 2015 e 2017, quando o país enfrentava os reflexos da temerária gestão econômica da presidente Dilma Rousseff e seu processo de impeachment. Para os economistas, pesquisadores e analistas de bancos ouvidos por VEJA, o esquálido número de 2022 se deve basicamente a um choque de realismo com as expectativas quase nulas sobre a capacidade da equipe do ministro Paulo Guedes de conseguir reverter o cenário de marasmo da economia. "Muita coisa pode acontecer no ano e é difícil prever o que teremos pela frente, mas por trás dessas expectativas está principalmente a experiência com o passado recente", afirma Alberto Ramos, diretor de pesquisa econômica do banco Goldman Sachs para a América Latina. "No caso específico de 2022, ela reflete basicamente uma grande quebra da dinâmica do crescimento ocorrida no fim de 2021."

Até o início do segundo semestre, havia uma expectativa de que o Brasil pudesse se recuperar com força com o avanço da vacinação e a abertura da economia, trazendo a atividade para um patamar alto para o ano seguinte. Mas uma série de fatores negativos se somou. A inflação se descontrolou e agora pode continuar rondando pela casa dos 10% até a metade deste ano. Isso forçará que a alta dos juros empreendida pelo Banco Central em 2021 continue por mais tempo, desaquecendo a economia. Além disso, a expectativa de melhora da trajetória da dívida do governo foi afetada com medidas do Poder Executivo para contornar o teto de gastos, abrindo espaço para mais irresponsabilidades fiscais. Para completar, o mercado de trabalho segue debilitado pelos efeitos do distanciamento social imposto pela pandemia.

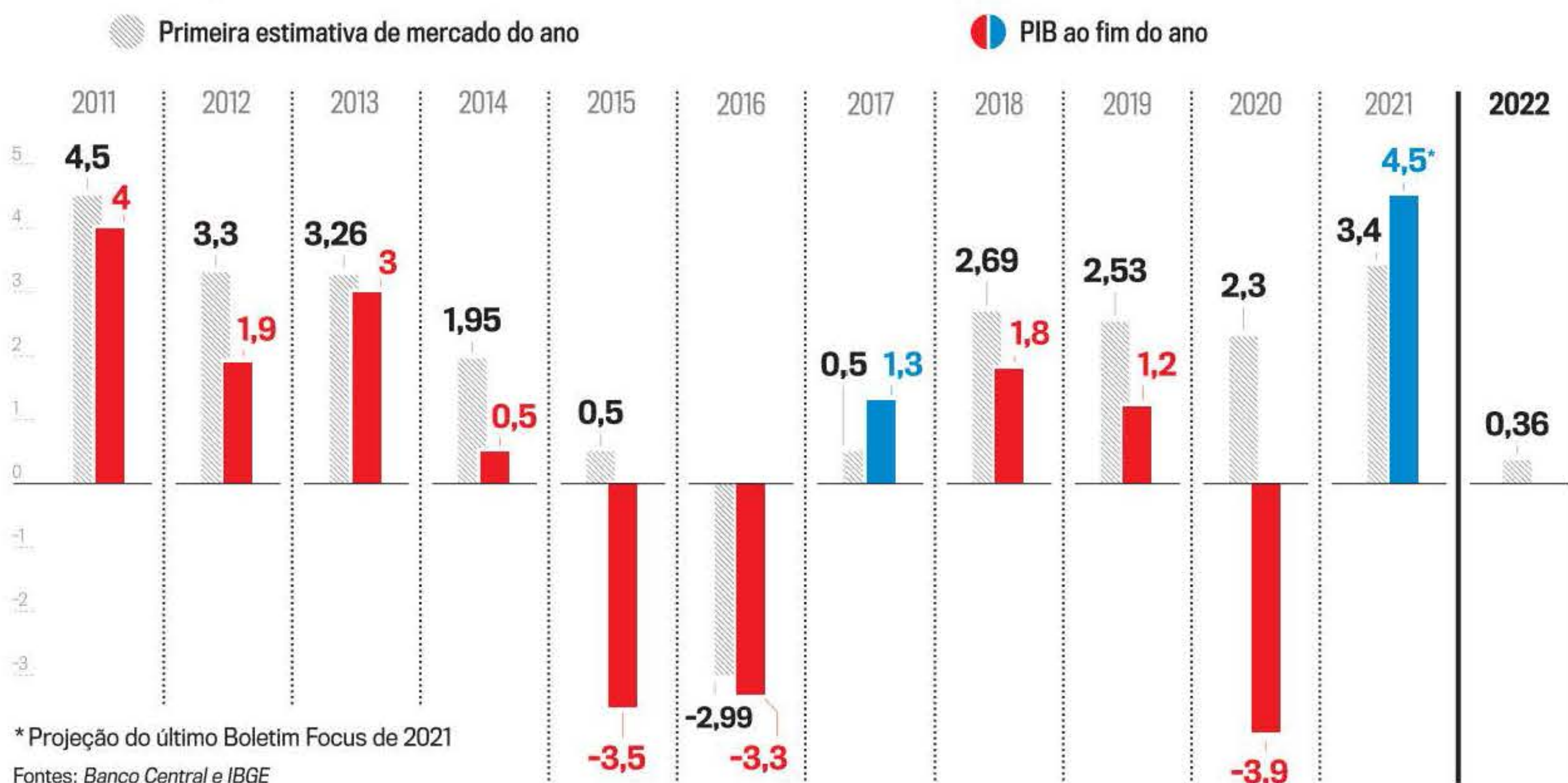
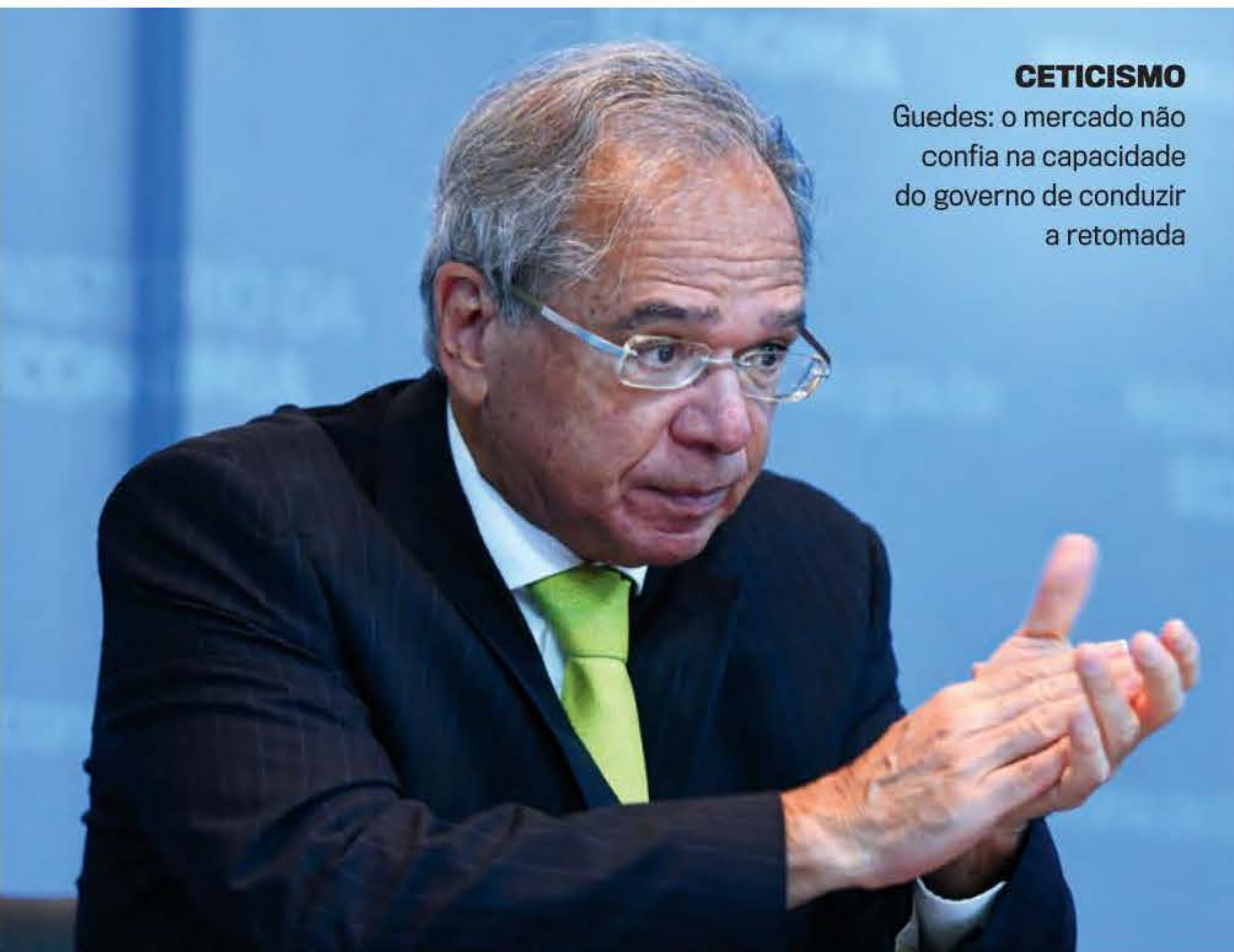
Como se não bastasse tudo isso, até mesmo o cenário externo, que estava bastante positivo em 2021, não deve ser o mesmo. Ainda que os preços das commodities exportadas pelo Brasil continuem em alta e que o PIB mundial cresça acima dos 4% conforme se espera, os temores de inflação nos Estados Unidos indicam que o país aumentará as suas taxas de juros (nesta semana, as bolsas mundiais caíram em razão dessa expectativa). É a receita para desestimular investimentos em países

PEDRO VILELA/GETTY IMAGES

A PROJEÇÃO E O REAL

Comparação entre as expectativas para o PIB quando o ano se inicia e o resultado efetivo da economia (em porcentagem)

* Projeção do último Boletim Focus de 2021

Fontes: *Banco Central e IBGE*

CETICISMO
Guedes: o mercado não confia na capacidade do governo de conduzir a retomada

EDU ANDRADE/ASCOM/ME

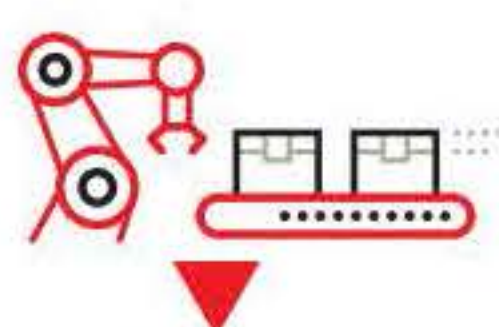
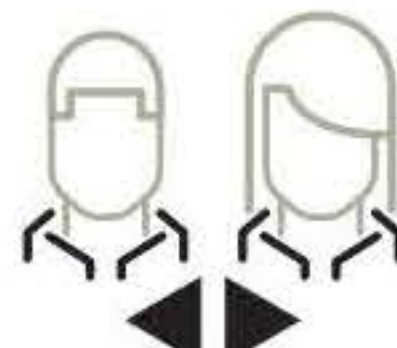
em desenvolvimento e para o fortalecimento do dólar, pressionando o real a perder ainda mais valor, encarecendo as importações e os produtos cotados na moeda estrangeira, como os combustíveis. Ou seja, mais inflação.

Se não fossem algumas poucas boas notícias, como a expectativa de que a variante ômicron não cause maiores estragos sanitários e a volta das chuvas, diminuindo os riscos de racionamento de energia, a projeção média do mercado estaria no campo negativo. "O ano deve também ter, em algum ponto, uma melhora nos estoques das empresas, com as cadeias produtivas globais se normalizando, depois de terem travado em 2021", comenta Eduardo Jarra, economista-chefe do Santander Asset. "Sem isso e sem o impacto da reabertura econômica pós-pandemia, os efeitos negativos seriam maiores. Então, temos dado um cenário de estagnação, que é uma projeção bem consolidada tanto entre bancos quanto em empresas."

Apesar da assertividade dos agentes do mercado em suas estimativas, o ministro da Economia, Paulo Guedes, tem vociferado contra as previsões. Tanto publicamente quanto em conversas privadas. Para o ministro, é natural que no mercado financeiro haja muita desconfiança, graças ao cenário de juros e inflação, mas costuma ressaltar que os analistas costumam errar em suas previsões. "Falaram que íamos cair 10% em 2020, quando começou a pandemia, e caímos 4%. Agora,

O PESO DE CADA SETOR

As expectativas sobre o desempenho da atividade econômica brasileira em 2022

▲ **AGRONEGÓCIOS**
Safra recorde e pecuária devem puxar o PIB, crescendo cerca de 3,5%, e ajudar nas exportações

▼ **INDÚSTRIA**
A falta de componentes como chips e dificuldades logísticas globais continuam a afetar um cenário já difícil

◀▶ **SERVIÇOS**
O Auxílio Brasil e o fim da pandemia prometem ajudar, mas a renda das famílias pode sofrer com a inflação

◀▶ **COMÉRCIO**
A inflação e o ciclo de juros mais altos podem afetar o consumo durante o ano

◀▶ **CONSTRUÇÃO CIVIL**
Depois de ir bem na pandemia, a alta de juros dificulta o financiamento imobiliário

MURILLO DE ARAGÃO

RARO ALENTO
Colheita de grãos: expectativa de desempenho recorde em 2022

DIRCEU PORTUGAL/FOTOARENA

vão errar de novo", tem dito a pessoas próximas. Guedes também costuma apontar que, entre as principais economias, o país é o único que já refluiu os estímulos fiscais usados para fazer frente à pandemia, o que seria positivo do ponto de vista fiscal. Apesar das considerações, os analistas estão céticos com a capacidade do governo de reverter a prostração. À exceção do agronegócio, a falta de dinamismo dos demais setores preocupa, enquanto problemas estruturais seguem intocados. "O Brasil tem um grande problema de produtividade. Emprega mal os seus recursos, investe pouco, não forma mão de obra de qualidade", elenca Silvia Matos, economista do Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas. "O diagnóstico é muito claro. A economia precisa de reformas, que não foram feitas", diz ela. Um cenário em que, definitivamente, sobra pessimismo. ■

MEU NOME É VOLATILIDADE

Anos complicados costumam levar a escolhas complicadas

PRAZER, sou o ano-novo, mas pode me chamar de volatilidade. Minha tônica é a dúvida, pois ninguém sabe com precisão o que vai acontecer. Mas existem "anos-novos" mais incertos que outros, já que carregam equívocos e hesitações do passado recente que podem se refletir nos acontecimentos vindouros.

Como sou especial por conta das eleições de outubro, para os analistas políticos e os jornalistas sou como um champanhe *millésime*. Ao contrário de um Dom Pérignon, porém, o resultado final pode não ser dos melhores.

E por quê? Essencialmente porque, como algo novo, trago também comigo o acaso, o inesperado e o desconhecido, que batem à porta. Por exemplo, mal cheguei e o presidente Jair Bolsonaro já foi parar num hospital mais uma vez. Como dizia Machado de Assis, o inesperado sempre tem voto decisivo nos acontecimentos.

"Dificuldades levam a narrativas com soluções fáceis, baseadas em demagogia e clientelismo"

Também carrego na mochila a teimosia de muitos em não reconhecer a gravidade dos fatos. Por exemplo, a cada vez que acham que a pandemia vai acabar e, no entanto, ela ressurge — mais fraca ou mais forte, mas sempre causando danos e incertezas.

No ano-velho, uma mente "inteligente" inventou uma consulta pública para descobrir se se deve vacinar crianças contra a Covid-19. Imaginem se fossem fazer consulta pública para todas as vacinas, em vez de simplesmente consultar os especialistas que conhecem a resposta? É o triunfo da ignorância sobre a ciência.

Assim, com tantos erros grosseiros no ano passado, a carga que terei de arrastar, no Brasil, é perigosa: pandemia, inflação, desemprego, desabastecimento, colapso do sistema de saúde, aumento da criminalidade. Com todas as suas consequências.

Os aspectos mencionados estão postos e não são meras possibilidades. Um desaquecimento da economia já foi contratado e nem mesmo a injeção de auxílios emergenciais, ou algo do tipo, despertará a atividade, que certamente viverá tempos de juros altos.

Anos complicados costumam gerar escolhas eleitorais complicadas. Isso porque o calor dos acontecimentos acaba determinando o resultado do pleito, em detrimento das questões de fundo que o país deveria enfrentar.

As dificuldades do ano poderão reforçar as narrativas que apresentam soluções fáceis, por meio de demagogia e clientelismo. Mas o eleitor, tal qual Carlos Lacerda um dia recomendou, não deve acreditar em políticos que propõem soluções fáceis.

Como ano-novo, mal entrei na cena. Mas observo que a polarização eleitoral hoje disseminada no país não permite uma visão clara do que vem pela frente nem tampouco de quais seriam as melhores soluções para cada problema.

Bolsonaro parece um *Pac-Man* sem energia, correndo dos adversários e dos problemas que cria. O ex-presidente Lula continua no vestiário, enrolando para não ter de entrar em campo mais cedo. Os demais interessados em disputar a vaga de presidente no Palácio do Planalto lutam para se qualificar e obter a promoção para a Série A das eleições.

Não ponham a culpa em mim. Sou mais ou menos como 1942 na II Guerra Mundial. Naquele ano, ainda não se sabia quem ia ganhar a guerra, mas já se tinha certeza de que a situação ficaria volátil e ruim por algum tempo. ■

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE FREEPIK; JULIEN DE ROSA/AFP; MARCOS CORRÊA/PR

UMA JANELA PARA A HISTÓRIA

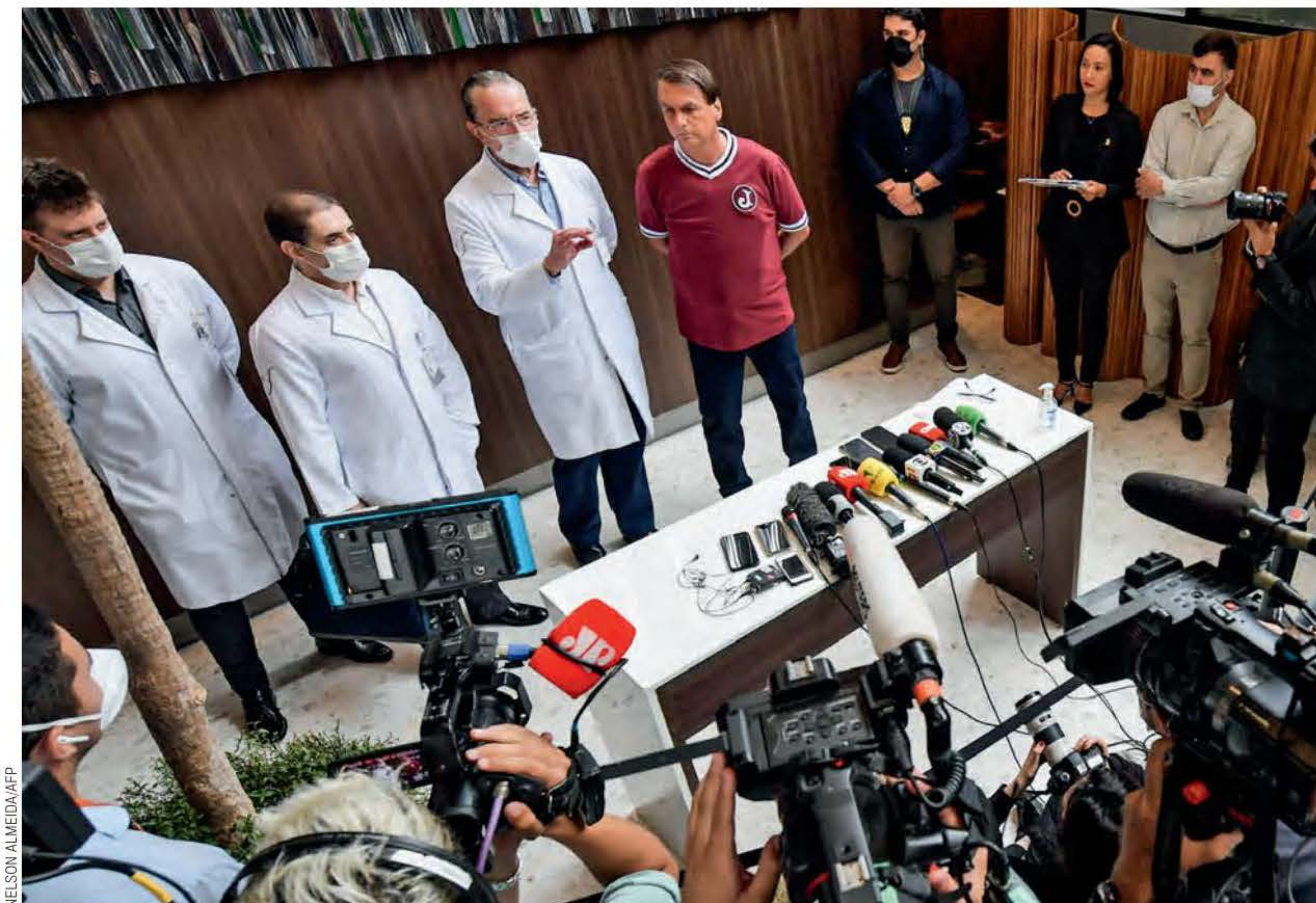
O ano que se inicia pode não ser o de grandes revoluções — mas de mãos dadas a efemérides como os 200 anos da Independência e os 100 da Semana de Arte Moderna, associadas à eleição presidencial, servirá de estrada para nos levar ao bom caminho no futuro

FÁBIO ALTMAN

Alguns anos são decisivos na história da humanidade, dado seu imenso poder de movimentar placas tectônicas. Tome-se como exemplo 1989, doze meses que fizeram ruir o bloco soviético, com a queda do Muro de Berlim. Há anos afeitos a pavimentar o amanhã, como aconteceu com 1968, porque era proibido proibir e não sobrou paralelepípedo sobre paralelepípedo nas ruas de Paris, Rio de Janeiro ou São Paulo, no "ano que não terminou", na feliz e já clássica definição do jornalista Zuenir Ventura. E 2022, como entrará para a história? Não se trata de exercício de futurologia, muito menos de acessar uma bola de cristal inexistente, mas é possível antevê-lo como um tempo de arrumação — um período de olhar para o passado de modo a entender o presente.

Calhou de o ano em que o Brasil decidirá, na eleição presidencial de outubro, se prossegue ou não com a aventura do governo de Jair Bolsonaro ser marcado por efemérides — os 200 anos da Independência e os 100 anos da Semana de Arte Moderna. Em um e outro caso, o Brasil mudou. Naquele 7 de setembro de 1822, deixamos de ser colônia de Portugal para virarmos um reino. Era a abertura da estrada para um novo país, que depois abraçaria a República, mas que ainda hoje, dois séculos depois, parece exigir permanente zelo com a democracia, tão frágil, tão jovem. Atravessamos os séculos XIX, XX e este início do XXI no delicado equilíbrio entre o que fomos e o que desejamos ser, entre o que é fundamentalmente brasileiro e o que deve ser trazido de fora. É o que iluminou a Semana de 1922, ao beber da cultura beletrista da Europa e dos Estados Unidos, de modo a criar um caminho diferente, o do chiclete misturado com banana. Os modernistas redescobriram há 100 anos um Brasil que tinha sido reinventado 100 anos antes.

Em 2022, o ano 3 da pandemia, de esperança na força da vacina, apesar da eclosão da variante ômicron, o Brasil atrairá a atenção do mundo — em virtude da escolha do presidente, mas também dos 200 anos daquele grito do Ipiranga e porque está na hora de reconquistarmos a relevância perdida nos últimos tempos. O país tem, sim, condições políticas e econômicas para figurar no grupo de nações gigantes como os Estados Unidos ou China — que fará da Olimpíada de Inverno de Pequim, em fevereiro, vitrine de seu poderio. Convém olhar para os próximos meses, como se verá nas páginas a seguir, com o cuidado dedicado à antessala de um novo tempo. Pode não haver revoluções, talvez nenhum muro caia, mas 2022 é a janela histórica que nos levará para o futuro, sobretudo se formos capazes de virar a página da Covid-19 e soubermos escolher bem quem vai liderar o processo de modernização do Brasil. ■

NELSON ALMEIDA/AFP

DESMASCARADO Bolsonaro: governo mal avaliado, altíssimos índices de rejeição e problemas graves na economia

[ELEIÇÃO PRESIDENCIAL]

UM CONTRA TODOS E TODOS CONTRA UM

A campanha que vai definir quem será o 38º presidente da República promete ser uma das mais tensas e disputadas desde a redemocratização do país **DANIEL PEREIRA**

O BRASIL já experimentou diferentes tipos de eleição presidencial. Eleição indireta, como a realizada em 1985 para escolher o primeiro mandatário civil depois do fim da ditadura militar. Eleições de cartas marcadas e definidas por acordos entre as elites, que predominaram na chamada República Velha (1889-1930), período em que as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais se alternavam no poder. E eleições diretas com voto universal — em 2022, será a nona seguida desse tipo. Desde as primeiras votações, as campanhas trazem ingredientes que perduram até hoje: traições entre aliados, disseminação de informações falsas, dúvidas sobre a lisura do processo eleitoral e ameaças de não reconhecimento do resultado das urnas. Apesar disso, cada corrida presidencial tem uma característica única, peculiar, que a define. Em 2018, foi o antipetismo, impulsionado pela combinação de re-

FACEBOOK @LULA

LIDERANÇA Lula: até aqui o favorito, apesar do carimbo de corrupto e do desastre econômico do último governo petista

cessão econômica com os desdobramentos do maior escândalo de corrupção da história do país, o petrolão.

Ainda é cedo para dizer o que prevalecerá em 2022, mas há pistas no horizonte. A economia deve ser decisiva para o resultado final, e a polarização acentuada prenuncia uma disputa à base de agressões e ódio, num sinal de que — apesar de seus 200 anos como nação independente — o Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer em seu processo civilizatório. Em 2022, serão completados apenas 37 anos da chamada Nova República — e também de estabilidade democrática. É pouco tempo se comparado com outras nações desenvolvidas, como os Estados Unidos, mas uma marca importante se for levado em consideração o fato de que, entre a ditadura do Estado Novo (1937 a 1946) e a ditadura militar (1964 a 1985), houve só um breve hiato democrático, com a eleição direta de quatro presidentes. "A democracia brasileira resistiu, desde 1985, a diversos processos de impeachment presidencial e escândalos de corrupção. Em nenhum momento, nestes trinta e tantos anos, houve uma séria ameaça de intervenção militar ou outro tipo de golpe de Estado. Esse é um sinal muito bom. As eleições sempre se mantiveram, com ordem, sem violência", diz o cientista político Sérgio Praça, da Fundação Getulio Vargas.

Ele lembra que, mesmo no pior momento de tensão entre Jair Bolsonaro (PL) e os chefes dos outros poderes, a democracia se manteve firme. "As instituições estão sob tensão e estão sendo testadas, mas não estão em colapso", ressalta Praça. São conhecidas as diversas provas de fogo superadas no atual período de amadurecimento democrático brasileiro. O primeiro presidente eleito de forma direta após a ditadura, o hoje senador Fernando Collor de Mello (PROS), caiu na esteira de um processo de impeachment. A primeira presidente eleita, Dilma Rousseff (PT), também. Apesar da turbulência política nesses dois episódios, não houve tanques nas ruas, suspensão de eleições ou convulsão social. Ambas as quedas foram debitadas naquilo que a sabedoria popular define como dores do crescimento. Entre as duas destituições, o Congresso aprovou em 1997 a emenda da reeleição, que permite ao presidente, governadores e prefeitos disputarem um segundo mandato consecutivo. O projeto foi idealizado para favorecer o então presidente

Fernando Henrique Cardoso (PSDB), que despachou no Palácio do Planalto entre 1995 e 2002.

Embalados pelo sucesso do Plano Real, os tucanos queriam governar o país por vinte anos, mas FHC não conseguiu fazer o sucessor, e Lula (PT) assumiu o poder em 2003. Foi uma transição pacífica, apesar de PSDB e PT terem disputado cabeça a cabeça a política nacional durante mais de duas décadas. Nos últimos tempos, a polarização aumentou e chegou ao paroxismo, considerando-se os padrões brasileiros deste século. A diferença é que agora o enfrentamento se dá entre Lula e Bolsonaro. De acordo com as pesquisas, o petista — que disputou cinco e venceu duas eleições presidenciais — e Bolsonaro, que tenta a reeleição, são os favoritos para chegar ao segundo turno. Os dois têm ampla vantagem sobre os demais concorrentes, que tentam colocar de pé uma candidatura competitiva da chamada terceira via. Em tese, há espaço para que isso ocorra, já que uma fatia considerável dos eleitores não quer a vitória nem de Lula nem de Bolsonaro. Na prática, nenhum dos nomes testados pelo centro conseguiu deslanchar até agora. Essa é uma das principais dúvidas até a votação em outubro: alguém conseguirá romper a polarização? Políticos e especialistas dizem que, entre os dois favoritos, quem corre o risco de ficar de fora do segundo turno é Bolsonaro.

Por ideias estapafúrdias, como a rejeição à vacina e o ataque às instituições, que tanto atrapalham a cena política e econômica, o presidente da República é recordista de rejeição, que está na casa de 60%. O porcentual parece "proibitivo", capaz de inviabilizar a conquista de um novo mandato, mas não é, já que alguns de seus possíveis adversários, como o ex-ministro e ex-juiz Sergio Moro (Podemos), lidam com números parecidos. A rejeição a Lula é bem menor e está na casa dos 40%, mas o petista tem sido poupado até aqui. A tendência é que a artilharia se volte contra ele com a aproximação da votação, o que pode impulsionar a sua rejeição. Os adversários de Lula revisitarão as duas condenações sofridas pelo ex-presidente no âmbito da Lava-Jato, que lhe renderam 580 dias de cadeia e depois foram anuladas pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Eles também explorarão a rejeição ao PT, que é bem maior do que a do líder petista. "Para um país historicamente bem-humorado, pode ser que isso se modifique, mas tudo caminha para uma eleição de ódio em 2022. Mais do que votar em quem ele quer na Presidência, o eleitor pensa hoje em quem ele não quer na Presidência", diz Paulo Guimarães, professor de estatística da Unicamp e consultor de campanhas políticas.

Uma das fragilidades de Lula está no campo das denúncias de corrupção. Esse tema ainda está no topo das prioridades de cerca de 10% do eleitorado, mas não deve ter na próxima campanha o mesmo peso que teve em 2018. Até meados do ano passado, as pesquisas mostravam que a primazia do eleitorado era o combate à pandemia de Covid-19, mas com o avanço da vacinação e a persistência da crise econômica, em especial o aumento da inflação e da pobreza, a economia assumiu a dianteira entre as preocupações da população. O eleitor quer emprego, comida no prato e gasolina mais barata. Lula está certo de que se beneficiará

SUAMY BEYDOUN/AGIF/AFP

TERCEIRA VIA Doria: economia e vacina são os trunfos do tucano para a eleição

DESAFIO Moro: o ex-juiz vai tentar atrair o voto dos que rejeitam Lula e Bolsonaro

CRISTIANO MARIZ

disso, porque seu governo, como gosta de repetir, promoveu um ciclo de crescimento com inclusão social. A expansão do PIB em 2010, seu último ano de mandato, foi de 7,5%. Bolsonaro não tem um número tão robusto para mostrar, mas não fugirá do debate. O presidente lembrará de um dado relevante omitido por Lula: a recessão a que a petista Dilma Rousseff submeteu o país. Bolsonaro também aposta na implantação do Auxílio Brasil, programa de transferência de renda com o qual pretende melhorar a sua popularidade principalmente entre quem ganha de dois a cinco salários mínimos, grupo que forma metade do eleitorado.

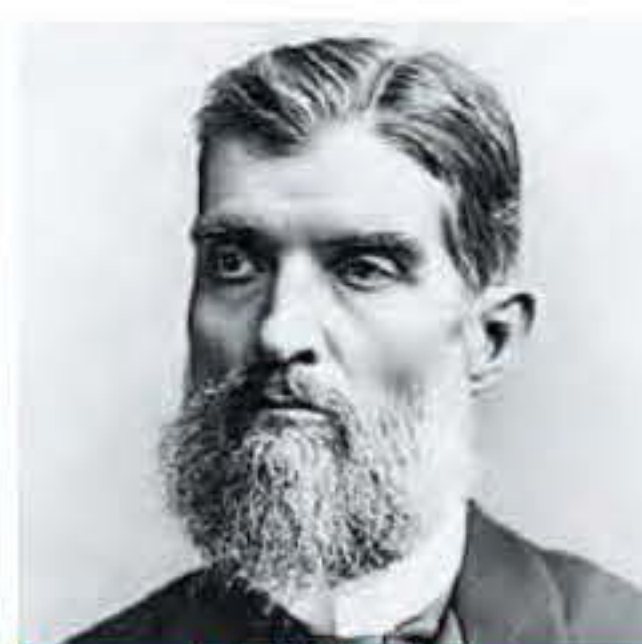
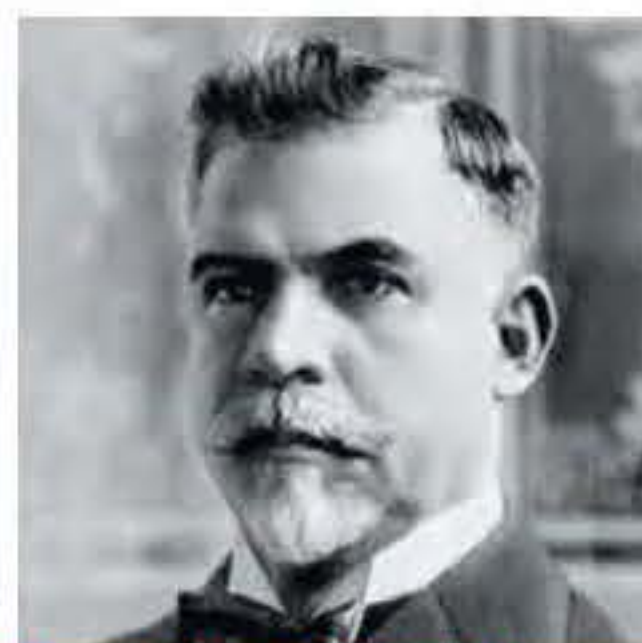
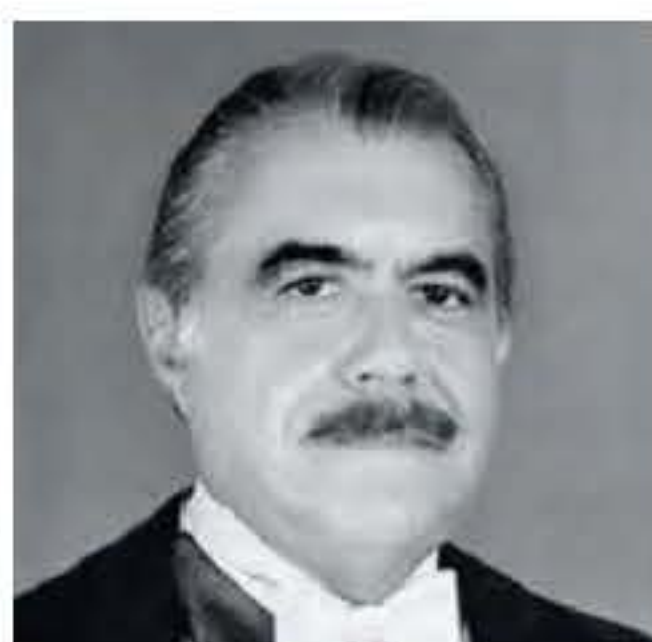
ALVEJADO Ciro: candidatura fragilizada por caso de corrupção no Ceará

GABRIEL DE PAIVA/AG. O GLOBO

Afiançando-se no discurso do ministro Paulo Guedes, o governo espera uma melhora substancial do ambiente econômico em 2022. O problema é que a projeção otimista não é compartilhada por agentes de mercado *(veja a reportagem na pág. 32)*. Hoje, a inflação dos alimentos, o preço dos combustíveis e a tarifa de energia, além do desemprego, são ameaças reais à reeleição de Bolsonaro. Se ele não ganhar, será o primeiro mandatário da história brasileira que disputa e não obtém um segundo mandato. "O desafio continua sendo conquistar os mais pobres. Isso só acontecerá se o governo convencer mais gente de que a economia melhorará", diz o cientista político Felipe Nunes, diretor da Quaest Consultoria. Com a rendição ao Centrão, Bolsonaro deixou de lado nos últimos meses a retórica golpista e as ameaças institucionais — e até reduziu um pouco a discurseira de cercadinho feita para agradar a apoiadores mais radicais. Neste momento, ele adota uma postura mais contida, por sugestão dos políticos profissionais que assumiram o controle do país. Por enquanto, o presidente parece concordar com a estratégia de aparente moderação, mas, caso sinta a sua vaga no segundo turno ameaçada, é barbada que recorrerá ao radicalismo e à sua guerrilha digital para atacar e desconstruir rivais — com verdades ou mentiras, tanto faz.

A dez meses da eleição, há certo consenso de que a disputa deve ser duríssima e capaz de acirrar o clima de beligerância reinante no país, que, entre outras coisas, impede o diálogo e atrapalha a formação de consensos mínimos que permitam o enfrentamento de problemas históricos. Atrás nas pesquisas, os demais presidenciáveis ainda procuram um discurso capaz de convencer eleitores de que não existem apenas as opções Lula e Bolsonaro e que a rivalidade entre os dois só beneficia a própria dupla. "São dois populistas. Em um país sem uma lide-

TODOS OS PRESIDENTES

O Brasil teve 37 presidentes desde a Proclamação da República, mas apenas dezoito (em azul) eleitos pelo voto direto

* Eleito indiretamente, não chegou a assumir

rança consciente, respeitável, os populistas se ressaltam", disse o governador de São Paulo e concorrente do PSDB, João Doria, em entrevista recente a VEJA. "Vivemos hoje um clima de radicalismo, de extremismo, de uma cultura de ódio que está acabando com o Brasil e que precisamos conter", afirmou o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), em evento para divulgar sua pré-candidatura ao Planalto. Os candidatos de centro têm falado muito de pacificação, união nacional e coisas do tipo. Tudo isso é importante, mas não basta. O eleitor quer saber como o governo atuará para atenuar as agruras do cotidiano. Enquanto as propostas não aparecem, prevalecem o ódio e as agressões.

O jogo sujo, aliás, faz parte da história das eleições presidenciais brasileiras. Na campanha de 1945, uma fala do brigadeiro Eduardo Gomes foi distorcida de forma a dar a entender

AGÊNCIA BRASIL

que ele menosprezava os trabalhadores humildes ("marmiteiros"), o que contribuiu para a sua derrota na disputa com o general Eurico Gaspar Dutra. Em 1989, Fernando Collor de Mello, às vésperas do segundo turno, levou à TV uma ex-namorada de Lula para dizer que o petista a pressionou a fazer um aborto. Em 2014, a propaganda de Dilma Rousseff insinuou que Marina Silva, que chegou a liderar as pesquisas de intenção de voto, empurraria a população mais carente para a fome. Num país refém da polarização, lances parecidos com esses não surpreenderão. É uma pena, mas em 2022 não haverá "paz e amor" nem no slogan dos presidenciáveis. O importante é que, goste-se ou não do resultado, os brasileiros respeitem as instituições e fortaleçam ainda mais a jovem democracia brasileira. ■

Colaborou Rafael Moraes Moura

SCOTT OLSON/GETTY IMAGES

A VEZ DAS CRIANÇAS
Prevenção: os pequenos devem ser vacinados. As doses são seguras inclusive para eles

[PANDEMIA, ANO 3]

A BATALHA DA IMUNIDADE

Mesmo com a disseminação da variante ômicron, o combate ao coronavírus será mais eficiente. A medicina terá a ajuda de vacinas que prometem proteção contra qualquer cepa **PAULA FELIX**

SE EM 2020 o mundo parou, em 2021 caminhou aos solavancos de um infernal sobe e desce de casos e terminou assombrado pela variante ômicron, em 2022 finalmente começaremos a respirar. É certo que ainda não nos primeiros meses, quando a nova cepa, altamente transmissível, continuará por trás da explosão de novos casos em velocidade nunca vista durante a pandemia. Identificada pela primeira vez em novembro na África do Sul e em Botsuana, a ômicron já está presente em 110 dos 193 países. Contudo, embora seja bem mais transmissível do que as demais variantes de preocupação (alfa, gama, beta e delta), a ômicron vai passar. A história na África do Sul mostra isso. Depois do crescimento alucinante de infecções, o país anunciou em dezembro do ano passado o fim do pico de transmissão. E assim será sucessivamente nas outras nações graças à evolução natural das

HÁ 331 IMUNIZANTES EM ESTUDO

O QUE DEVE CHEGAR

Algumas das vacinas com maior chance de entrar no mercado em 2022

✓ **NVX-COV2373**
Novavax
Fez os estudos de fase 3 e solicitou entrada na lista de uso emergencial da OMS em novembro

✓ **VAT00002**
Sanofi Pasteur e GSK
A vacina tem a proposta de ser opção de reforço e proteger contra variantes de preocupação

✓ **SCB-2019**
Clover Biopharmaceuticals/ GSK/Dynavax
Estudos estão na fase 3 e o foco é oferecer uma vacina contra a Covid-19 eficaz contra novas variantes e assegurar proteção mais prolongada

✓ **AD5-NCOV**
CanSinoBio
Aplicada em alguns países, como Argentina, Chile, China e México, não está na lista da OMS. Solicitou autorização para uso emergencial no Brasil em novembro

Fontes: *Anvisa, Clover Biopharmaceuticals, GSK, OMS, Novavax e Sanofi Pasteur*

BORIS ROESSLER/PA/GETTY IMAGES

TRABALHO CONTÍNUO Pesquisas: na bancada, busca por vacina universal

pandemias, que terminam, e aos recursos criados pela medicina nos últimos 24 meses. Há meios de monitorar o vírus e de detectá-lo, medicamentos de ação comprovada e vacinas que evitam com eficiência a progressão da Covid-19 para etapas graves. Como sintetizou o infectologista americano Anthony Fauci, conselheiro do governo dos Estados Unidos e um dos poucos no mundo com experiência no enfrentamento de crises sanitárias graves, "agora temos tudo".

Uma das principais ferramentas são, sem dúvida alguma, as vacinas. Atualmente, há dez imunizantes sendo aplicados em regime de liberação emergencial, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 2021, eles foram responsáveis pela espetacular derrubada nos índices de casos graves em países com boa cobertura vacinal. No Brasil, onde quase 70% da população está completamente vacinada, a queda de casos e mortes foi impressionante. Na segunda-feira 3, a média móvel de óbitos foi de 96, mantendo-se abaixo de 100 pelo quarto dia consecutivo, algo que não acontecia desde abril de 2020. Embora os negacionistas não entendam, trata-se de uma equação matemática. Tais índices jamais seriam atingidos sem os imunizantes.

Os próximos meses, felizmente, devem ser marcados pelo lançamento de mais opções. A OMS relaciona 331 candidatas à vacina, das quais 137 estão em fase clínica (testes feitos já em seres humanos). Novas levas apresentarão uma ação mais abrangente sobre o vírus, ao contrário do que fazem as vacinas disponíveis. Atualmente, o principal foco dos imunizantes é a spike, a proteína que o vírus usa para invadir a célula. Mas, quando alterações genéticas expressivas ocorrem ali, o risco de o coronavírus conseguir driblar o efeito da vacina aumenta. A variante ômicron, por exemplo, apresenta 32 mutações só na spike, o que ajuda a explicar por que somente duas doses dos imunizantes não são suficientes para assegurar a proteção. Encontrar alvos não suscetíveis às mudanças no material genético do microrganismo tornou-se, portanto, o desafio daqui para a frente.

Na Inglaterra, cientistas da Universidade de Cambridge iniciaram os testes clínicos com um imunizante que se enquadra no conceito. A DIOS-CoVax tem como foco de ação estruturas do SARS-CoV-2 que não mu-

PASSAPORTE Segurança: o comprovante de vacinação ajuda no controle da transmissão do vírus

dam. O dispositivo de aplicação também é diferente. Não será necessário agulha. A vacina será administrada por um sistema que dispara um jato de ar sob a pele. Os voluntários devem estar imunizados com duas doses, mas não podem ter recebido o reforço. A previsão é que a primeira etapa do ensaio clínico dure um ano. Na avaliação dos pesquisadores, se der certo, a DIOS-CoVax será a primeira vacina universal contra a família dos coronavírus. Outra opção interessante em pesquisa é o imunizante das farmacêuticas Sanofi-Pasteur e GlaxoSmithKline. A vacina encontra-se em fase 3, a última antes da submissão dos resultados às agências regulatórias para aprovação. Além de ter sido desenhada para agir sobre diversas variantes do coronavírus, as empresas estudam se ela poderia ser usada como dose de reforço para quem fez o esquema vacinal com produtos de outros laboratórios.

A corrida para responder às mudanças genéticas dos vírus faz parte do trabalho dos cientistas que passam a vida monitorando alterações virais. A gripe, outra doença respiratória com impacto importante na vida humana, vem sendo contida exatamente dessa maneira. Há 104 anos, uma variante do *Influenza* (causador da gripe) provocou a maior catástrofe sanitária da história dos tempos modernos, matando cerca de 50 milhões de pessoas entre os anos 1918 e 1920. À época, nem sequer se sabia que por trás dos casos estava um vírus. Pensava-se que fosse uma bactéria. Atualmente, o *Influenza* se tor-

MARCEL VAN HOORN/ANP/AFP

ARTUR WIDAK/NURPHOTO/GETTY IMAGES

ATÉ QUANDO? Barreira: os grupos antivacina só adiam o fim da pandemia

nou endêmico — continua em circulação e provoca epidemias sazonais —, mas os sistemas de vigilância organizados pelo mundo identificam a variante prevalente das temporadas e em pouco tempo está à disposição da população uma vacina talhada para atacar especificamente o *Influenza* da vez. Esse será o caminho a ser seguido pelo coronavírus da Covid-19: ser mais um microrganismo endêmico neutralizado por vacinas periodicamente atualizadas.

A chegada de novos imunizantes abrirá espaço ainda para a distribuição de doses de acordo com grupos que respondem melhor a cada tipo de vacina. A oferta de produtos assim pode se configurar em ótima ferramenta quando for possível controlar a disseminação do coronavírus por meio de ciclos vacinais predefinidos. "Teremos a melhor vacina para idosos, imunossuprimidos, crianças e adolescentes", diz Isabella Ballalai, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm). "Sabemos que pessoas com mais de 80 anos respondem pior a vacinas com vírus inativados, como a CoronaVac. No futuro, tendo vacinas suficientes a todos, será possível fazermos as divisões segundo os perfis."

Contudo, tanto as companhias farmacêuticas quanto os serviços onde são conduzidos os estudos clínicos estão preocupados com um empecilho que pode atrasar a etapa dos testes em humanos. Os ensaios precisam ser feitos com número expressivo de voluntários. Porém, com o avanço da vacinação começa a ficar difícil encontrar participantes que ainda não tomaram nenhuma vacina em países como o Brasil, tradicional fornecedor internacional de grandes grupos de sujeitos de pesquisa (nome correto de pacientes que integram estudos clínicos). Por isso, executar as últimas etapas do desenvolvimento das novas vacinas tornou-se um desafio. "Neste ponto, as que estão disponíveis ou avançaram mais etapas estão em posição confortável", afirma Ricardo Gazzinelli, da Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz e coordenador do Instituto Nacional em Ciência e Tecnologia de Vacinas. Apesar dos obstáculos, com certeza haverá vacinas disponíveis — só até o fim do ano passado, 11 bilhões de doses haviam sido produzidas —, quem sabe até com sobra. A ciência não nos deixará na mão. Agora, para que todo o mundo consiga respirar melhor em 2022, é preciso fazer com que elas cheguem aos países mais pobres, que não receberam nem 10% do total fabricado, e aos braços dos que ainda resistem à proteção. Sem uma cobertura vacinal uniforme, o fim da pandemia fica mais longe. ■

[200 ANOS DA INDEPENDÊNCIA]

ECOS DO PASSADO

O que levou o Brasil a se manter aglutinado — e a receber respeito internacional depois da emancipação da metrópole — apesar da chaga da escravidão **LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO***

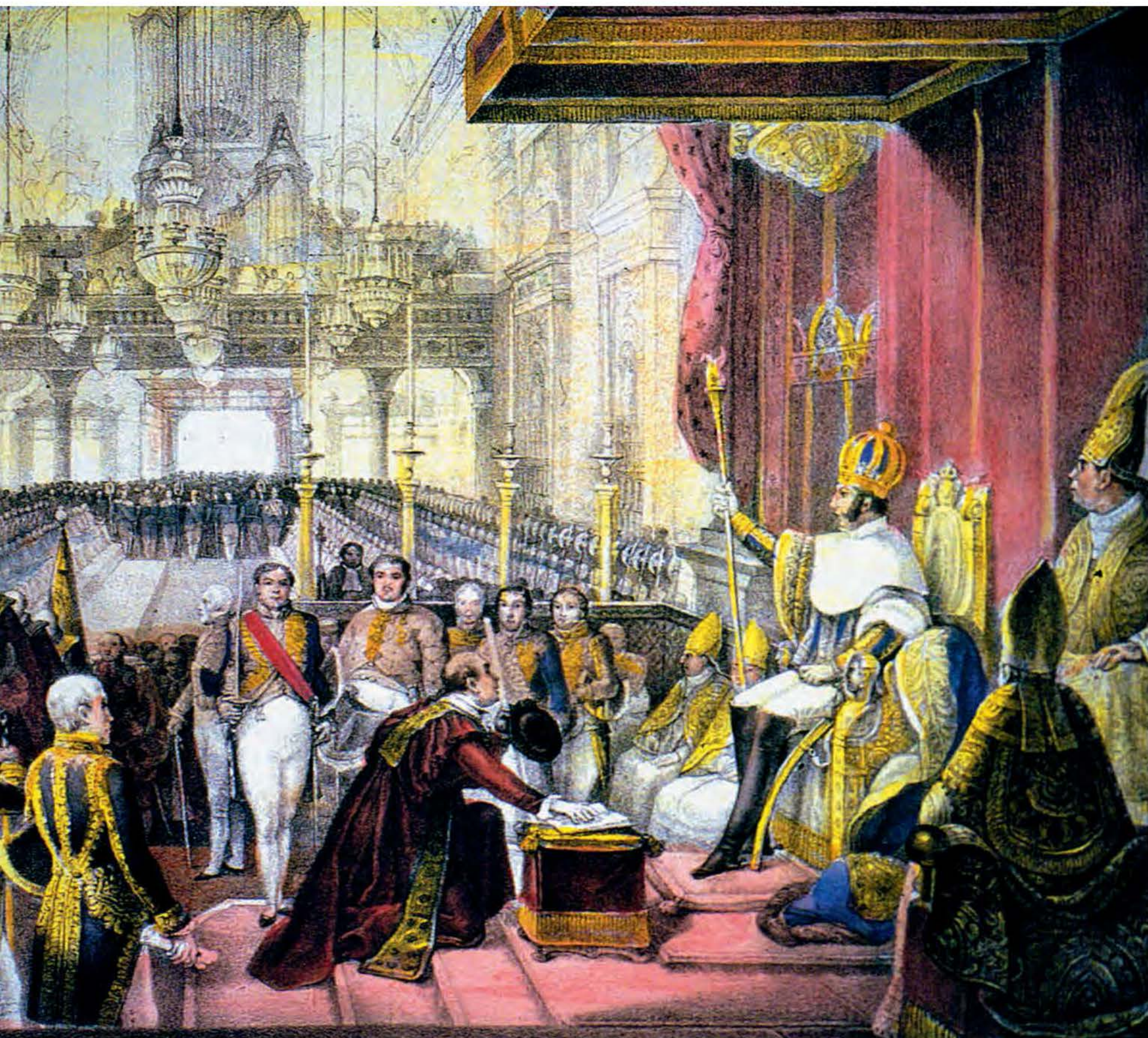
COMO É ENSINADO há quase dois séculos nos colégios, as turbulências que sacudiam Portugal e boa parte da Europa se refletiram na mudança da Corte para o Rio de Janeiro, na Independência e na instauração da monarquia no Brasil. A ruptura com a metrópole europeia é atribuída a vários fatores, e esmiuçada ao detalhe, mas se dá pouca ênfase à etapa seguinte: por que o espaço colonial português foi o único agregado territorial europeu nas Américas que não se fragmentou ao se tornar independente? Como a América portuguesa permaneceu unida? A resposta a essa pergunta ajuda a entender os acontecimentos de 1822 e a fundação do Império. Terá sido a existência de uma língua comum que manteve o país unificado desde então? Não é razão suficiente. Falava-se espanhol da Patagônia até a Califórnia, em largas extensões das Américas, nos quatro vice-reinos espanhóis mais tarde transformados em quase duas dezenas de países distintos.

Na realidade, no processo de emancipação latino-americano houve uma etapa intermediária em que emergiram repúblicas plurinacionais independentes derivadas dos vice-reinos espanhóis. Entre 1819 e 1831 existiu a Grande Colômbia, reunindo a Venezuela, o Equador, a Colômbia e o Panamá. Houve ainda a República Federal da América Central (1823-1841), que agregava Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Costa Rica. Enfim, vizinho ao Brasil, na continuidade territorial do vice-reino do Rio da Prata, surgiu um novo Estado independente, as Províncias Unidas do Rio da Prata (1810-1831), que também se separaram para dar lugar à Argentina, ao Uruguai, ao Paraguai e à Bolívia.

Diante do fracasso dessas uniões políticas, qual terá sido, portanto, o fator aglutinante da integridade territorial do Brasil? A monarquia. Foi, de fato, o governo bragantino do Rio de Janeiro que garantiu, pelo consentimento e pela violência, sua autoridade sobre toda a extensão da América portuguesa e promoveu a inserção do novo Estado no concerto das nações ocidentais. Note-se que os dois lados do exercício de um governo independente — a afirmação de sua soberania interna e seu reconhecimento internacional — nem sempre se completam. Há seis nações autoproclamadas independentes que não são reconhecidas por nenhum país membro da ONU nem por nenhuma organização internacional, a exemplo do Emirado Islâmico do Afeganistão, criado em agosto de 2021. Não basta brandir espadas e levantar bandeiras para ser independente: é preciso ainda obter o reconhecimento internacional que certifique as fronteiras da nova nação e a legalidade de seu governo.

ROGER-VIOLLET/AFP

Desse modo, vale a pena sublinhar o contexto internacional que levou a realeza portuguesa a mudar sua capital para o outro lado do oceano, em 1808, fato inédito na história ocidental. Vale lembrar também da hegemonia inglesa que condicionou a independência do

INDEPENDÊNCIA A coroação de Pedro I, em 12 de outubro de 1822: não bastaria brandir espadas e levantar bandeiras

Brasil. Em 1798, a França e a Espanha assinaram uma aliança militar que ameaçava Portugal, aliado tradicional da Inglaterra. Tal coligação foi fragorosamente derrotada na batalha naval de Trafalgar (1805). Com a destruição das frotas espanholas e francesas, a Inglaterra conquistou a supremacia marítima global que definiria todo o século XIX. Sem navios de apoio, as tropas francesas marcharam até Lisboa. Organizada pelo embaixador inglês Strangford e escoltada pela marinha de guerra inglesa, a viagem da Corte até o Rio de Janeiro, longa e árdua, não derivou da alegada premonição luso-brasileira sobre o Brasil independente.

FINE ART/HERITAGE/GETTY IMAGES

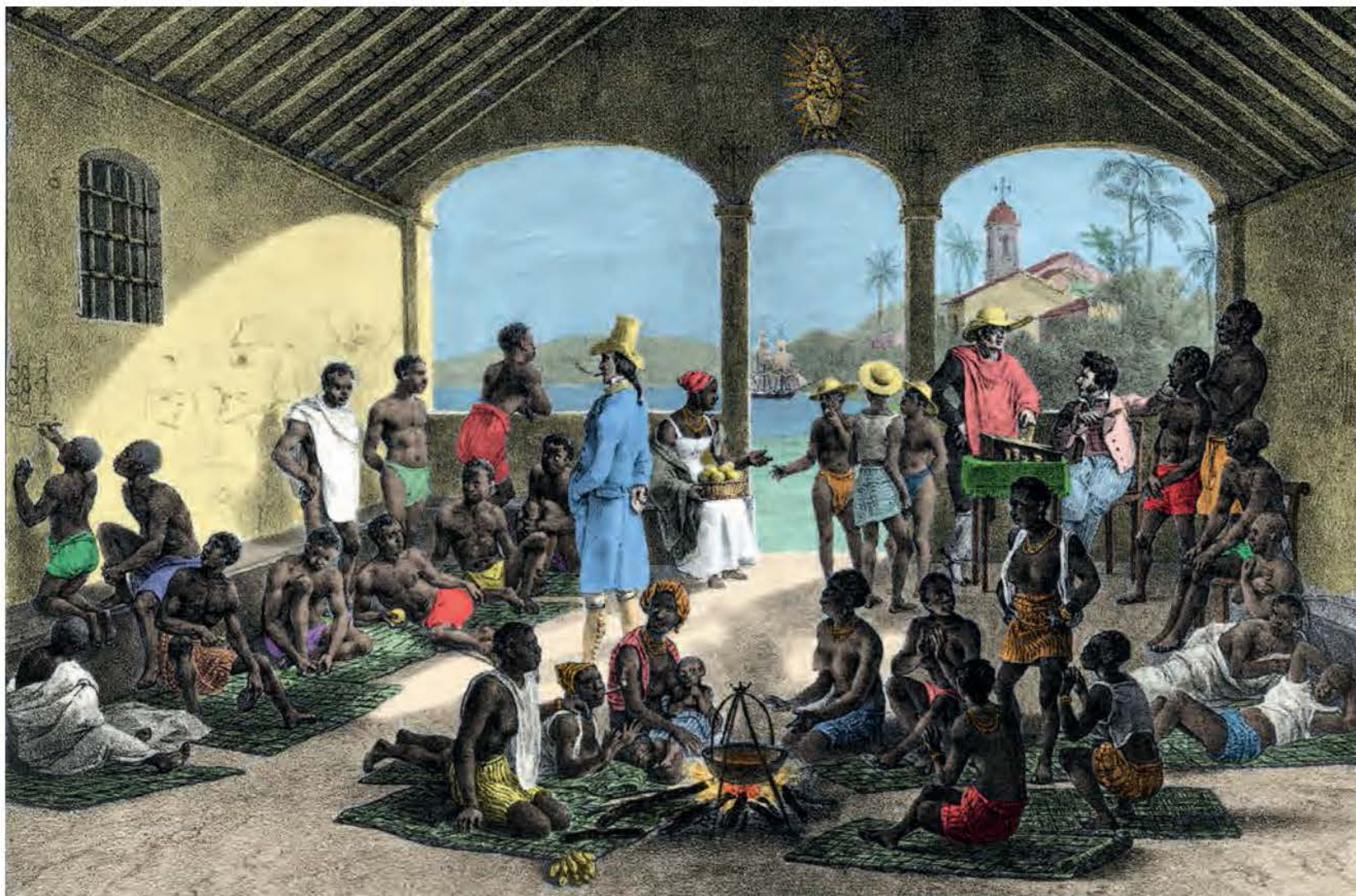
PODER A Batalha de Trafalgar, em 1805: depois de derrotar a França, a Inglaterra conquistou a supremacia marítima global

Anos depois da transferência da Corte, Sá da Bandeira, chefe do governo português, pôs os pingos nos is dessa interpretação ao responder ao embaixador inglês em Lisboa, que exigia constantes vantagens de Portugal pela ajuda da marinha inglesa em 1808. Assim, ele lembrava ao embaixador que a Corte, escapando do exército francês sem navios para ir em seu encalço, poderia ter se estabelecido na Ilha da Madeira. A transferência para o Rio de Janeiro, escrevia Sá da Bandeira, fora resultado da pressão inglesa, interessada na abertura dos portos brasileiros ao comércio de Londres e Liverpool. Ou seja, a Corte veio parar no Rio de Janeiro porque a Inglaterra, entravada no seu comércio ultramarino, queria obter acesso aos portos do maior exportador agrícola da América Latina.

No meio-tempo, consolidando seu domínio no Atlântico Norte após a Batalha de Trafalgar, a Inglaterra ampliou o controle do Atlântico Sul. Cidade do Cabo foi tomada dos holandeses em 1806, enquanto tropas britânicas atacaram as forças espanholas no Rio da Prata (1806 e 1807). Do Rio de Janeiro, Strangford e a frota inglesa garantiram a partir de 1808 apoio diplomático e militar aos rebeldes platinos na sua luta pela independência da Espanha.

Os entraves ao comércio ultramarino britânico decorriam das tensões entre Washington e Londres e de conflitos antilhanos que dificultavam as exportações do sul dos Estados Unidos e do Caribe. Somando-se ao Bloqueio Continental decretado por Napoleão contra a Inglaterra (1806-1814), tais eventos provocaram uma alta de preços no mercado londrino. Na circunstância, a navegação direta entre Rio de Janeiro e Liverpool se iniciou numa conjuntura em que a produção agroexportadora brasileira era crucial para a economia inglesa.

Paralelamente ao aumento das importações britânicas ampliou-se a introdução de africanos no Rio de Janeiro. Sucedeu que em 1807, tanto os Estados Unidos como a Inglaterra aboliram o comércio transatlântico de escravizados africanos, embora mantivessem a escravidão em seus territórios. A oferta das feitorias africanas passou a ser monopolizada pelos negreiros luso-brasileiros e, numa menor medida, hispano-cubanos. Acresce que a mudança da Corte atraiu para o Rio de Janeiro o trato de escravizados moçambicanos antes restrito ao Oceano Índico. Ativos no comércio

COSTA/LEEMAGE/AFP

TRISTE HEGEMONIA Mercado de escravos em torno de 1821: a Guanabara como centro mundial do tráfico africano

africano desde o século XVII, os negociantes do Rio de Janeiro, por meio da Mesa de Inspeção, a Ibovespa da época, alertaram as autoridades sobre a oportunidade extraordinária aberta aos negreiros luso-brasileiros: "pela falta de concorrentes estrangeiros na Costa da África", depois da saída dos anglo-americanos do comércio transatlântico de africanos.

O Rio de Janeiro estendia sua rede negreira no oceano desde o século XVIII, em resposta à demanda de cativos gerada pelo ouro de Minas Gerais. Após 1808, pelas razões evocadas acima, o movimento de expansão se amplificou, transformando a Corte no maior porto negreiro das Américas. Mais da metade do 1,8 milhão de africanos deportados para o Brasil entre 1808 e 1850 desembarcou na Guanabara e em portos adjacentes. Do total dos africanos introduzidos ilegalmente no Brasil entre 1831 e 1850, cerca de 72% foram trazidos para o Rio de Janeiro. Na sequência, os deportados eram prioritariamente conduzidos para a fronteira agrícola fluminense e paulista. No mesmo pique, o Brasil se tornou nos anos 1840 o maior produtor mundial de café.

Ironizando a bandeira do Império, que continha ramos de café e tabaco no seu desenho, uma sátira portuguesa ao *Hino da Independência* cantava um estribilho associando a descendência africana dos brasileiros à sua principal riqueza nacional: "Cabra gente brasileira, do gentio de Guiné, que deixou as cinco chagas *(de Cristo)*, pelos ramos de café". Para além da troça, cabe salientar a estreita conexão entre o comércio de escravizados, a produção cafeeira no Sudeste e a consolidação nacional do Império. Havia também tráfico de africanos para os portos da Bahia e, numa menor escala, de Pernambuco. Mas o Rio de Janeiro era o campeão absoluto do Brasil e das Américas. Daí decorrem consequências relevantes para a evolução política e econômica brasileira.

Como é sabido, boa parte do avanço do Sudeste em relação ao Nordeste na política brasileira, patente na segunda metade do século XIX e efetivada no século seguinte, deveu-se à influência da Corte e à ascensão do setor cafeeiro fluminense e paulista na esfera nacional. Contudo, é preciso ressaltar que as redes negreiras fluminenses, bem mais extensas e eficazes na pilhagem das populações africanas do que as da Bahia ou de Pernambuco, também tiveram um papel relevante na expansão cafeeira

MUSEU HISTÓRICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

e na supremacia do Sudeste sobre as outras regiões brasileiras.

No plano internacional, a Independência deu destaque à matriz colonial transatlântica que unia o Brasil às feitorias portuguesas na África. O mercado principal dessas regiões africanas era o Brasil escravista, ao qual elas estavam ligadas por um comércio bilateral: 95% das viagens que desembarcaram 4,8 milhões de africanos no Brasil se iniciaram nos portos brasileiros. Nesse contexto, após a chegada da notícia do Sete de Setembro, surgiram movimentos de adesão ao novo governo brasileiro entre os negreiros portugueses e luso-africanos de Ajudá, no reino do Daomé (atual Benin), das feitorias de Angola e de Moçambique, mas sobretudo de Benguela, no sul angolano, cujos laços com o Rio de Janeiro eram bem mais fortes do que com Lisboa.

Ligada as áreas africanas de tráfico, onde se situava o segundo pulmão do país, a economia escravista brasileira estava sob ameaça inglesa em razão de tratados que obrigavam o governo português, e o Brasil, a cooperar com a Inglaterra na supressão do tráfico atlântico de africanos. Desde fevereiro de 1823, Londres propôs o reconhecimento da independência do Brasil, se o país cessasse o comércio atlântico de cativos africanos. Reiterada pelo governo britânico, a proposta foi recusada pelo governo brasileiro. José Bonifácio de Andrada justificou a recusa aos diplomatas ingleses: o embargo "precipitado" à introdução de africanos poria em perigo o governo do Rio e o Estado brasileiro.

REINO ALÉM-MAR O desembarque de dom João VI e Carlota Joaquina no Rio, em 1808: ineditismo mundial

Ora, o reconhecimento diplomático inglês era crucial para o Brasil. Representando seus próprios interesses e os do governo lisboeta do rei João VI, de quem recebera o encargo de negociar com o governo do Rio de Janeiro, Londres tinha as cartas na mão para impor seus desígnios. Sede da potência hegemônica na Europa e nos oceanos, Londres aparecia ainda como a maior praça bancária do mundo.

Tal hegemonia se reflete no tratado luso-brasileiro de 1825, intermediado pela Inglaterra, no qual Portugal reconheceu a independência do Brasil, e no tratado anglo-brasileiro de 1826, marcando o reconhecimento do Brasil pelo governo inglês. As cláusulas ratificadas pelo Brasil não deixam dúvidas sobre sua submissão aos interesses ingleses e portugueses. Lisboa recebeu do governo brasileiro 1,5 milhão de libras, de indenização pela Independência. O montante, que corresponde a cerca de 151 milhões de dólares atuais, equivalia em 1810 ao preço de aproximadamente 300 000 vacas na Inglaterra. Desprovido de recursos, o governo brasileiro contraiu um empréstimo de igual valor em Londres no banco Rothschild para pagar a indenização. Garantido pelas receitas alfandegárias do Rio de Janeiro, o empréstimo londrino comprometeu as finanças do Império, mas também ajudou a manter a unidade nacional brasileira.

Caso as receitas alfandegárias do governo central fossem amputadas pela independência de uma região brasileira, o pagamento da dívida externa ficaria comprometido, prejudicando os banqueiros ingleses. Nesse caso, o lema copiado do Império Romano e imputado ao império inglês, “dividir para reinar”, não é pertinente.

No tratado de 1826, procurando obter prazos para terminar o tráfico de africanos, o governo brasileiro concedeu privilégios tarifários à importação de produtos ingleses, estendidos aos outros países que reconheceram o Império. Tais privilégios geraram restrições orçamentárias, na medida em que o governo não queria, nem podia, por razões políticas, aumentar os impostos de exportação da agricultura escravista.

No contencioso anglo-brasileiro sobre o comércio atlântico de africanos, a administração régia do Rio de Janeiro teve um papel fundamental. Beneficiando-se da tradição da diplomacia portuguesa, dos laços dinásticos que o uniam à Europa e do fato de ser a única monarquia das Américas, o governo imperial pôde negociar, tergiversar e manter — em trocas de concessões comerciais e financeiras — o comércio de africanos até 1850. Só cedeu quando a Inglaterra reuniu no Atlântico Sul uma frota de guerra para bloquear a Guanabara, gerando o estado de pré-beligerância entre os dois países. Fazendo um arrastão no comércio oceânico de africanos a partir de 1808, o Brasil trouxe o contingente humano escravizado que sustentaria sua riqueza e sua independência.

De Varnhagen a Oliveira Lima e a Sérgio Buarque de Holanda, de Maria Odila Leite da Silva Dias a José Murilo de Carvalho e Evaldo Cabral de Mello, há uma prestigiosa tradição historiográfica que destaca, muito justamente, o papel da monarquia, da administração régia e do polo mercantil do Rio de Janeiro na consolidação do Estado brasileiro. Maria Odila explicou como a “interiorização da metrópole” posicionou o Rio de Janeiro no centro de um sistema administrativo e comercial que se estendia pela América Portuguesa. Porém, é preciso ainda enfatizar a extensão extraterritorial da economia brasileira. A vinda da Corte, ao lado da administração e dos negociantes lisboetas, transferiu também para o Rio de Janeiro as redes ultramarinas do comércio português. Houve, assim, também uma “interiorização do ultramar” que intensificou a infame exploração escravocrata e viabilizou, em última instância, a Independência e a unidade nacional brasileira. São lições do passado que ajudam a entender nosso presente. ■

*** Luiz Felipe de Alencastro é professor da Escola de Economia de São Paulo da FGV e professor emérito da Universidade Paris-Sorbonne**

[100 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA]

UM ANTÍDOTO INSPIRADOR

O evento que detonou a revolução modernista de 1922 deixou um legado inesgotável para o país — e, em seu centenário, oferece lições para a autoestima nacional **DIEGO BRAGA NORTE**

ROMULO FIALDINI

CORES DO BRASIL *Abaporu*, de Tarsila: ousadia tropical

ACERVO M. CAMARGOS

O EVENTO foi curto e limitado à pequena e endinheirada elite cafeicultora paulista, que financiou a organização e pagou caro para desfrutar as três noites de palestras, exposições, leituras de poemas e apresentações musicais no Teatro Municipal de São Paulo. Na plateia, não foram poucos os momentos de espanto, com vaias, urros, relinchos, latidos e outras onomatopeias usadas para protestar contra o que se via. O poema *Os Sapos*, de Manuel Bandeira, declamado por Ronald de Carvalho, foi especialmente vaiado. Houve quem atirasse no palco tomates e batatas — ato que, segundo historiadores, foi encomendado por Oswald de Andrade para manter o tom beligerante e chocar a burguesia. A repercussão da barafunda ficou restrita quase exclusivamente aos jornais locais, com cobertura mais jocosa que elogiosa. No entanto, as meras três noites da Semana de Arte Moderna — 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, mais precisamente — desencadearam um terremoto que não acabou. Ainda hoje, seu impacto reverbera e influencia de forma indelével a cultura e o imaginário nacionais.

Não só a Semana ganhou importância ao longo das décadas posteriores: o modernismo cresceu e foi in-

FERAS Os artistas e mecenas da Semana de 1922, em retrato famoso feito dois anos depois: iconoclastia

corporado ao nosso DNA. A redescoberta que promoveu a cultura popular (barroca, caipira, nordestina, sertaneja, negra, indígena — em suma, brasileira) remodelou a forma de fazer e pensar arte no país. Revisitada um século depois, ficam claras algumas contradições e deficiências de suas propostas; mas também emerge a enorme contribuição do modernismo à cultura brasileira. O movimento foi a mais bem-sucedida tentativa de forjar uma identidade cultural nativa. "Enquanto a Espanha tem o Instituto Cervantes e a Alemanha conta com o Goethe, o Brasil nunca teve nenhuma instância parecida para promover sua cultura nacional", afirma o brasilianista Kenneth Jackson, professor da Universidade Yale. Para ele, coube ao modernismo ser o maior responsável pela projeção da "brasilidade" para além do tríptico clichê Carnaval-praia-futebol.

Os organizadores e participantes da Semana — Anita Malfatti, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Zina Aita, Ronald de Carvalho, Guiomar Novaes,

Heitor Villa-Lobos, Graça Aranha, entre outros — lutavam contra o passadismo, o academicismo, o parnasianismo e várias formas estéticas que julgavam ultrapassadas e incapazes de retratar o país que tentava se emancipar culturalmente. Assim, abraçaram as vanguardas europeias — futurismo, dadaísmo, expressionismo — para tentar derrubar o passado e erigir algo novo, brasileiro, moderno, eliminando as fronteiras entre o erudito e o popular. Proposta pretensiosa? Sim, sem dúvida. Mas, em muitas áreas, eles conseguiram.

A iconoclastia renovadora do modernismo validou o português brasileiro e coloquial falado nas ruas; proporcionou os quadros de Tarsila do Amaral — obra que, apesar da clara influência de escolas europeias, é genuinamente nacional nas cores, temáticas e formas. E ainda gerou uma original teoria estético-filosófica que celebra uma nação ao mesmo tempo conectada às suas raízes e cosmopolita: a antropofagia, hoje na ponta de lança das ciências humanas no mundo. “A antropofagia é o momento mais rico da dialética modernista. A valorização nacional com abertura para o estrangeiro é extremamente atual, com a internet e a globalização”, explica Marcia Camargos, pesquisadora da Universidade Sorbonne.

Poucas décadas depois da Semana, o Estado abraçou o modernismo e os artistas modernistas retribuíram o afeto ao projeto estatal de nacionalismo cultural — embora não aos seus princípios totalitários. Getúlio Vargas incumbiu seu ministro da Educação, Gustavo Capanema, da tarefa de renovar a área cultural, imprimindo-lhe cores nacionais. Assim, o comunista Portinari virou o artista-símbolo do Estado Novo (1937-1945) e Má-

PAULO FRIDMAN/GETTY IMAGES

MAM - RIO DE JANEIRO

HERANÇA MUSICAL Caetano e Gil: o tropicalismo levou o ideário modernista à sala de estar da classe média

CONCRETO Catedral de Brasília: a cidade de Lúcio Costa e Niemeyer é legado arquitetônico do movimento

rio de Andrade criou o primeiro instituto estatal de proteção ao patrimônio histórico e artístico nacional, que posteriormente viraria o Iphan. Depois, em 1972, a ditadura militar comemorou o cinquentenário da Semana e se apropriou dos ideais nacionalistas do movimento. Felizmente, é improvável que Bolsonaro faça algo parecido no centenário — não por falta de oportunidade, mas por ignorância e total desprezo pela cultura.

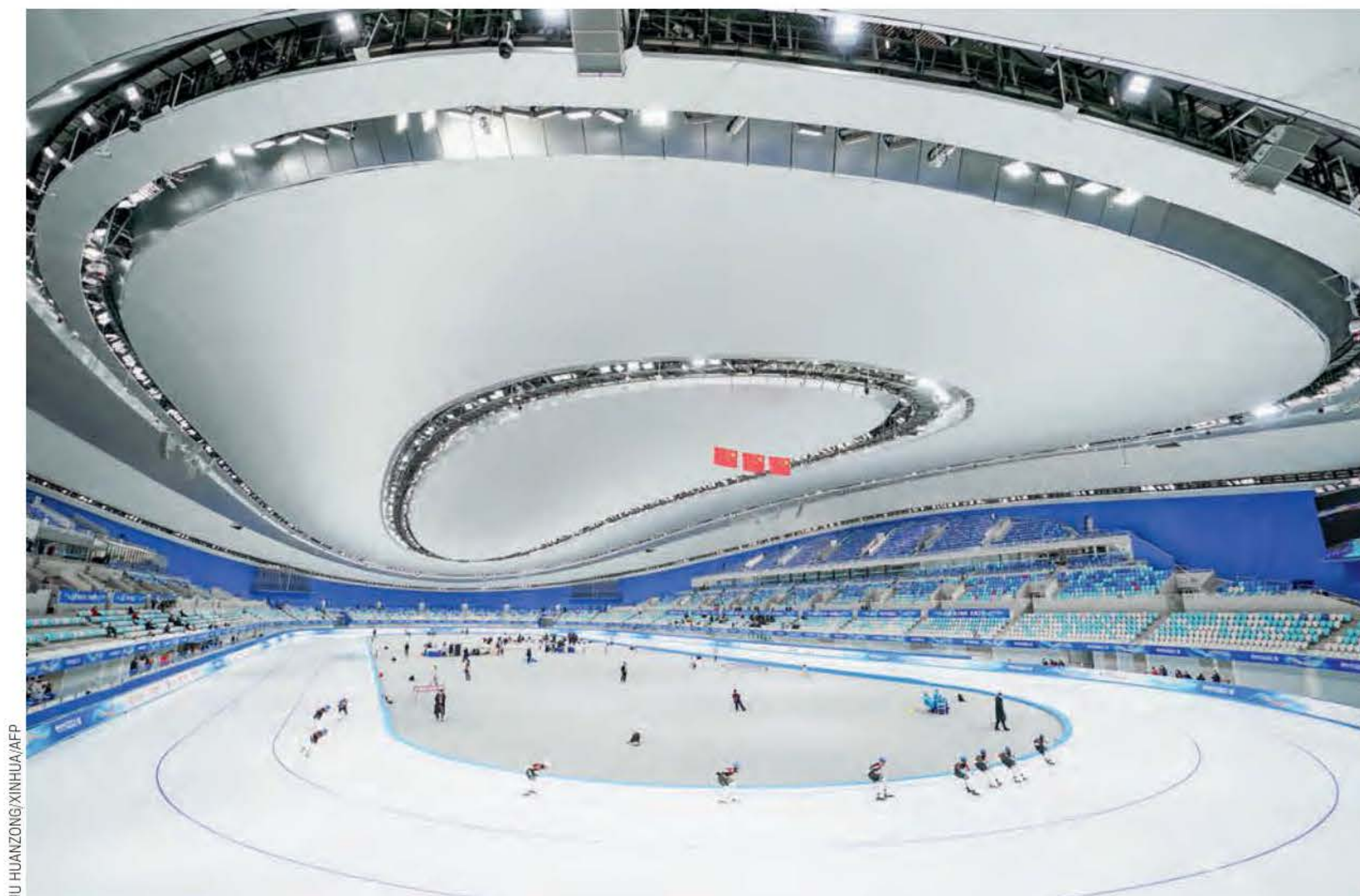
Para além da literatura e das artes plásticas, o espírito modernista é a seiva primordial do projeto da Brasília de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer; da bossa nova; do tropicalismo; do cinema novo; e, hoje, de iniciativas ousadas como o complexo de arte de Inhotim. "Com o tropicalismo, Caetano Veloso pôs o modernismo na sala de estar dos brasileiros", diz Luís Augusto Fischer, professor de literatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E a ginasta Rebeca Andrade, quem diria, recolocou-o no palco mundial: a apresentação-solo da atleta na Olimpíada de Tóquio sintetizou as principais bandeiras modernistas. Uma brasileira negra de origem periférica apresentando ao mundo uma coreografia com movimentos acrobáticos e rítmicos ao som de funk mixado com uma peça de Bach. O conjunto resume a antropofagia modernista, um biscoito fino para as massas. A utopia modernista é o retrato de um Brasil que pode dar certo, sim, e encontrar seu lugar no mundo como potência criativa. Em tempos de crise, o centenário da Semana de 1922 oferece um antídoto inspirador. ■

ADAM PRETTY/GETTY IMAGES

ERUDITO E POPULAR A ginasta Rebeca em Tóquio: mistura de funk com Bach é a cara da utopia antropofágica

[OLIMPÍADA DE INVERNO EM PEQUIM]

O SALTO DE XI

Mesmo boicotado por vários governos (mas não pelos atletas), o espetáculo dos esportes vai servir para firmar a imagem da China como potência no topo do pódio mundial **ERNESTO NEVES**

JU HUANZONG/XINHUA/AFP

TUDO PRONTO Teste no oval de patinação no gelo construído em Pequim: investimento pesado na busca de soft power

POUCAS VITRINES são tão simpáticas e positivas para uma cidade quanto sediar uma Olimpíada e ter as atenções do planeta voltadas para estádios monumentais, atletas em busca de recordes, toques graciosos da cultura local e pontos turísticos em destaque — mesmo diante de severas restrições impostas pela pandemia. Esse é justamente o efeito que a China espera obter com a realização dos Jogos de Inverno de Pequim, entre os dias 4 e 20 de fevereiro, formatados para ser, no mínimo, uma repetição do sucesso dos Jogos de Verão, em 2008.

Naquela época, o país experimentava taxas de crescimento de dois dígitos e queria exibir o resultado de seu milagre econômico. Desta vez, a ambição vai mais longe: o governo chinês quer subir no alto do pódio de organização impecável, conquistar medalhas a rodo e firmar posição como uma nação que o resto do mundo admira e deseja imitar. “Em 2022, a China planeja provar que não é mais só a fábrica de produtos do mundo. É a superpotência do século XXI”, diz Lee Jung-woo, especialista em diplomacia esportiva e relações internacionais da Universidade de Edimburgo.

Historicamente fechada em si mesma e sem traquejo para dourar a imagem no ambiente global, a China agarra todas as oportunidades para desenvolver seu soft power, aquela elusiva capacidade de fazer amigos e influenciar estrangeiros sem apelar para a força. A Olimpíada de Inverno se en-

caixa aí como uma luva e nenhum esforço foi poupado para preparar o cenário onde 2 892 atletas vão disputar 109 medalhas, distribuídas em sete modalidades esportivas. Quase 4 bilhões de dólares foram investidos para adaptar a natureza às necessidades esportivas, o que incluiu a instalação de canhões de neve artificial em série, tanto em Pequim quanto em Zhangjiakou, a 180 quilômetros da capital chinesa, palco das competições em encostas. Governos locais recrutaram milhares de estudantes talentosos para escolas especiais, onde o treinamento intensivo faz parte do currículo. Até o turismo de inverno, antes incipiente, explodiu: de onze resorts de esqui em 1996, o país passou hoje para 646, movimentando um mercado de 4 bilhões de dólares por ano, 480% a mais do que em 2015. Por causa da pandemia, os atletas permanecerão em bolhas das quais só sairão para competir e o público vai se restringir a quem já estiver em Pequim quando o espetáculo começar, todos testados e vacinados.

Seria uma chance e tanto de encantar os outros povos — não fosse a mão pesada do governo para lidar com tudo o que considera do contra. Daí o perrengue pelo qual vem passando desde que a tenista aposentada Peng Shuai, 35 anos, duas vezes vencedora em duplas do Grand Slam, deixou de aparecer em público depois de postar no Weibo, o Twitter chinês, em novembro, que no topo da carreira foi coagida a fazer sexo com o então vice-primeiro-ministro Zhang Gaoli. A máquina da censura entrou em ação, sumindo com qualquer menção a Peng. A Associação de Tênis Feminino suspendeu os torneios na China e ameaçou se retirar da Olimpíada. A tenista manteve desde então conversas por vídeo com dirigentes esportivos, em que disse estar bem e, em uma entrevista, se considerou "mal interpretada", mas as dúvidas permanecem.

Outra questão espinhosa é o tratamento à minoria muçulmana uigur na longínqua província de Xinjiang, que Pequim, tentando se vacinar contra extremismos, submete a campos de reeducação e controle do número de filhos. Por essas e outras, Estados Unidos, Reino Unido e diversos países anunciaram um "boicote diplomático" aos Jogos de Inverno. Os atletas vão, mas os governos do boicote não mandarão delegação (o russo Vladimir Putin, ao contrário, fez questão de confirmar presença, em um encontro virtual com Xi Jinping cheio de rapapés). Não há soft power que resista à truculência explícita de Pequim — nem contando com um exército de blogueiros estrangeiros contratados para falar bem do país, como se revelou recentemente. "Quanto mais a face sombria do Partido Comunista fica conhecida, mais a opinião pública global se assusta", diz Natasha Kassam, especialista em relações internacionais do Instituto Lowy, de Sydney.

NICOLAS ASFOURI/GETTY IMAGES

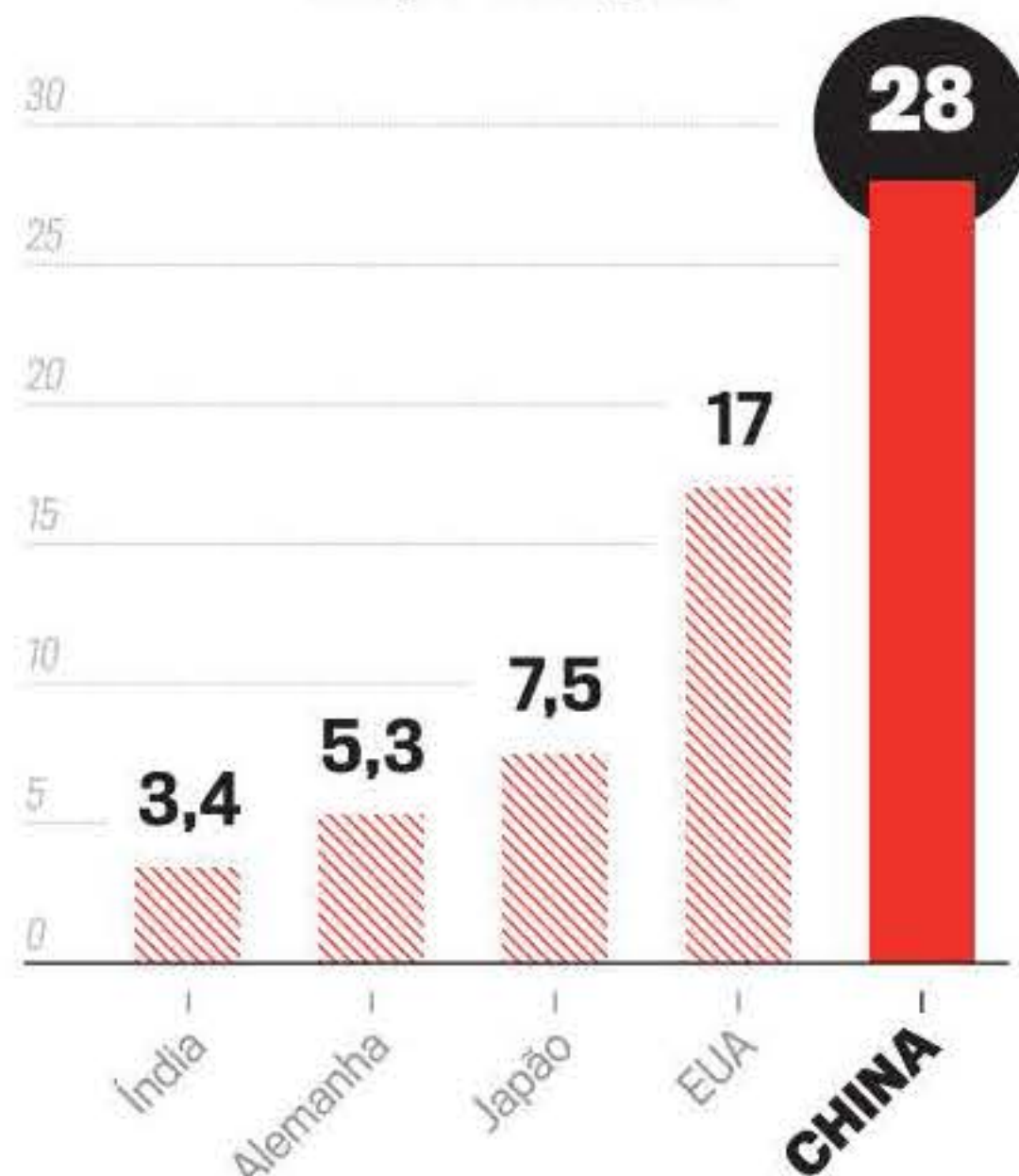
AVANÇO Xi: empenhado em fazer do país a maior economia do mundo em 2030

Uma diferença marcante desta Olimpíada, em relação à anterior, é a

O GIGANTE EM NÚMEROS

Além de já ser a "fábrica do planeta", a China ambiciona passar os Estados Unidos e se tornar a maior economia até o fim da década

PRODUÇÃO DE BENS INDUSTRIALIZADOS

(em porcentagem)

Fonte: *Divisão de Estatísticas da ONU*

PROJEÇÃO DO PIB EM 2021

Fonte: *FMI*

extensão da rivalidade com os Estados Unidos. Desde o governo Trump que os dois países trocam farpas, disputam primazia em órgãos multilaterais e impõem barreiras tarifárias um ao outro. Na visão chinesa, "o Oriente está decolando e o Ocidente, em declínio", uma postura arrogante que aumenta a temperatura de batalhas sobre quem pode mais em terrenos cruciais da economia do futuro, como inteligência artificial, internet 5G e tecnologia espacial. Em 2021, o PIB chinês chegou pela primeira vez a 15 trilhões de dólares *(veja o gráfico ao lado),* o equivalente a 75% do americano, e seu ritmo de avanço dá aval à promessa do presidente Xi Jinping de ter a maior economia do planeta até o fim desta década. A contrapartida do presidente Joe Biden tem sido dirigir bilhões de dólares para o avanço dessas indústrias de ponta dentro do território americano, em vez de terceirizadas em outros países.

A Ilha de Taiwan é mais um ponto de atrito. Refúgio do governo derrotado por Mao Tsé-tung, que lá se instalou, Taiwan é umbilicalmente ligada desde então aos Estados Unidos, que lhe fornecem inclusive armamentos e assessoria militar. O presidente Xi não esconde seu intuito de fincar a ilha firmemente na sua órbita, "pacificamente", até o fim da década, e, apesar dos alardeados bons propósitos, vira e mexe organiza pouco sutis exercícios militares no seu entorno. "A estratégia de Pequim é manter uma atmosfera de coerção e intimidação", diz Yun Sun, especialista em estudos chineses do Centro Stimson, de Washington. A força militar chinesa tem igualmente se esparramado pelo Mar do Sul da China, arrepiando Austrália e Japão. O Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS) calcula que Pequim mantenha naquelas águas, onde há reservas abundantes de petróleo e gás e por onde circula um terço do comércio marítimo mundial, ao menos 300 navios de patrulha.

COSTFOTO/BARCROFT STUDIOS/GETTY IMAGES

SHUTTERSTOCK

IDAS E VINDAS Patinando no ambiente global: o 5G chinês ajuda a conquistar aliados, mas as ameaças a Taiwan *(à esq.)* e o sumiço de Peng embaçam a imagem

ZHIZHAO WU/GETTY IMAGES

Enquanto administra focos de tensão no seu quintal, a China trata de consolidar sua influência nos países vizinhos, que hoje têm sua economia entranhada na do gigante oriental, ao mesmo tempo que amarra alianças injetando bilhões de dólares em projetos de infraestrutura e distribuindo milhões de doses de vacina contra a Covid-19 na África e na América Latina. Com dinheiro de sobra, demanda frenética por commodities e tecnologia de ponta para dar e vender, Xi Jinping é cortejado por presidentes à esquerda e à direita no bloco menos desenvolvido do mundo ocidental. Tê-lo como parceiro é compulsório. Em 2022, o ano do tigre, o que se espera da China é que dê saltos cada vez mais ousados, a começar do gelo da Olimpíada. ■

BARULHO Zemmour, sósia de Aznavour: citações literárias e humor ácido dão visibilidade ao discurso contra imigrantes

[ELEIÇÃO NA FRANÇA]

A FACE DOS RADICAIS

Saída das sombras em que se manteve por mais de meio século, a ultradireita francesa ganha verniz intelectual e se dissemina na política e na sociedade **JULIA BRAUN**

NO PAÍS onde o debate intelectual é esporte nacional, praticado nos cafés, no jantar entre amigos e em programas de TV de grande audiência, a política da França transitou até recentemente entre a esquerda moderada e a direita civilizada. Duas ondas migratórias, uma série de trágicos atentados terroristas e a economia em marcha lenta fizeram a balança começar a pender para um conservadorismo diferente, mais virulento e radical. Espelhado na ascensão da Frente Nacional de Jean-Marie Le Pen, xenófobo e antissemita confesso, seu atrativo se limitava em grande parte à população empobrecida e menos educada. Não mais. A quatro meses da eleição presidencial de abril, a campanha está reabrindo antigas feridas, que se julgavam cicatrizadas pela II Guerra, das quais jorra um ultradireitismo pretensamente sofisticado, usado para envernizar posições racistas e nacionalistas em defesa da "verdadeira" identidade francesa.

Nesse cenário, Emmanuel Macron, virtual candidato à reeleição e à frente nas pesquisas, tem como potente adversário o não político Éric Zemmour, escritor, apresentador e polemista profissional (além de quase sósia de Charles Aznavour) que recheia seu discurso incendiário sobre a "desvirtuação" da alma francesa por culturas e religiões alienígenas com citações literárias e ironias — tudo o que uma parcela do eleitorado culto das metrópoles precisava para abraçar teses até há pouco trancadas na gaveta de extremismos inaceitáveis. "A França tem uma tradição de partidos e forças conservadoras. Mas as ideias radicais difundidas hoje nos aproximam cada vez mais do modelo político vigente na Hungria e na Polônia, algo inimaginável há vinte anos", diz Yves Sintomer, cientista político da Universidade Paris 8.

LUDOVIC MARIN/AFP

RECUO Macron: a agenda liberal se encheu de ideias conservadoras

CHRISTOPHE PETIT TESSON/EPA/EFE

PERDA Marine: o flerte com posições mais moderadas veio na hora errada

Aos 63 anos, Zemmour, que conta com 15% das intenções de voto e já foi condenado várias vezes por incitar a discriminação, tem entre suas bandeiras a realização de um referendo para restringir a entrada de imigrantes e proibir que recém-nascidos recebam nomes estrangeiros. “Eu decidi tomar as rédeas para salvar o país do trágico destino que o espera”, bradou ao anunciar sua candidatura independente no fim de novembro. Além dos imigrantes, saco de pancadas de toda a direita europeia, a questão da identidade nacional e a glorificação do passado são pontos de destaque não só nas suas falas, como na de pensadores e escritores da ultradireita que passaram anos escanteados pela sociedade e agora são presença constante em programas de debates com auditório ao vivo e nos noticiários locais.

A republicação este ano de *A Grande Substituição*, de Renaud Camus, escritor que apela de uma condenação à prisão por incitar o ódio racial, deu novo alento à teoria conspiratória segundo a qual o “povo francês” está cedendo lugar a uma maioria de estrangeiros procedentes das antigas colônias. Na imprensa de direita, que possui um novo canal, o CNews — uma espécie de Fox News francesa —, para divulgar ideias impensáveis até pouco tempo atrás, feitos militares são engrandecidos e há manifesta admiração pelo regime de Vichy, um governo fantoche liderado pelo marechal Philippe Pétain que a Alemanha nazista instalou nessa cidade quando ocupou a França, na II Guerra — por sinal, já mereceu elogios do próprio Zemmour, judeu, filho de imigrantes argelinos. “Suas crenças extremamente antiquadas e seus ataques às mulheres, à comunidade LGBT, aos muçulmanos e aos judeus são perigosos para a democracia”, alerta Robert Gildea, especialista em história francesa da Universidade de Oxford.

O apelo dessa direita radical mais, digamos, chique acabou prejudicando justamente a mais forte candidata conservadora, Marine Le Pen, filha do fundador da Frente Nacional que, de olho nos eleitores moderados, mudou o nome do partido para Reagrupamento Nacional e suavizou posições — entre outras coisas, deixou de apoiar a saída da França da União Europeia e da zona do euro. Mesmo assim, é para a direita que se movem todos os principais candidatos — Valérie Pécresse, recém-lançada por Os Republicanos (novo nome do partido de Nicolas Sarkozy e Jacques Chirac), aceitou a indicação dizendo: “Entendo a raiva das pessoas que se sentem impotentes diante da violência, do separatismo islamista e da imigração descontrolada”. O próprio Macron, candidato independente eleito com agenda liberal em 2017, promove uma cruzada contra conceitos vindos de fora que estariam minando a cultura francesa, baixou regras para conter o tal separatismo islamista e aprovou uma lei dando mais liberdade de ação à polícia. Enquanto a esquerda se fragmenta e perde influência, a França da “liberdade, igualdade e fraternidade” dá voz cada vez mais alta à ala que prega o contrário de tudo isso. ■

MAX MUMBY/INDIGO/GETTY IMAGES

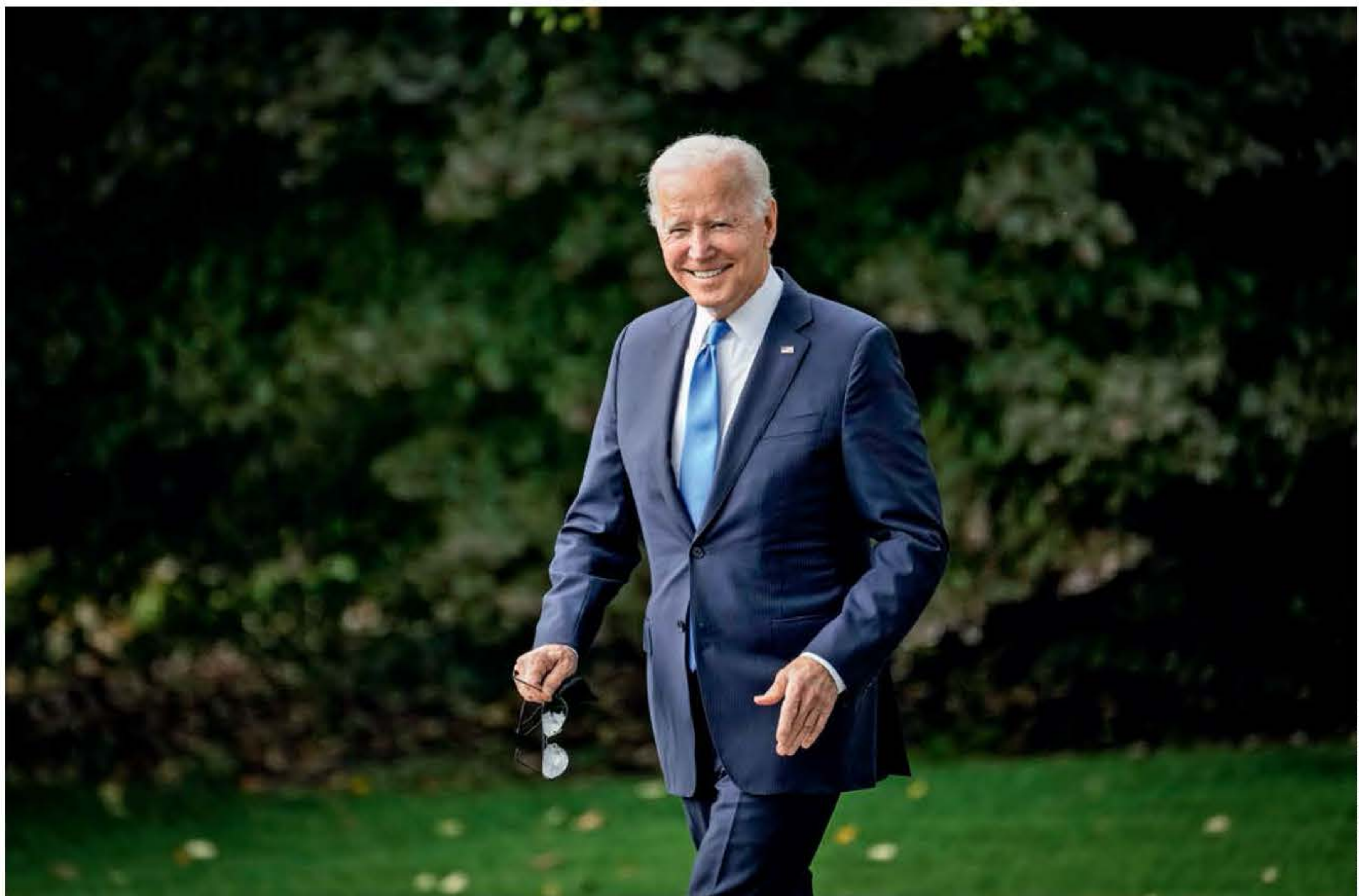
NA ATIVA A rainha firme e forte: ao volante de seu Jaguar, aos 95 anos, a monarca com mais tempo no trono britânico

[SETENTA ANOS DA RAINHA NO TRONO, 80 ANOS DE JOE BIDEN]

NA DIREÇÃO DO TEMPO

Apesar de percalços no caminho, como a pandemia de Covid-19, é certo que o ser humano viverá mais. Resta saber como desfrutar da longevidade **CILENE PEREIRA** E **SIMONE BLANES**

"VIVER é envelhecer, nada mais." Hoje, a simplicidade da frase com que a intelectual francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) resumiu a vida e o envelhecimento poderia ser pronunciada ao contrário. Se viver é envelhecer, como diz ela, envelhecer, atualmente, significa viver, e muito. Nos últimos vinte anos, o ritmo de descobertas, terapias e caminhos abertos para estender o tempo da vida humana foi incomparavelmente mais acelerado do que em qualquer outra época da história. O resultado é que, excetuando-se o período da pandemia de Covid-19, no qual a expectativa de vida caiu em decorrência das mortes causadas pela doença, a previsão é de que homens e mulheres vivam a cada ano um pouquinho mais. Só no Brasil, de 1940 até 2020 a média de vida aumentou 31 anos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Para uma espécie que no começo da existência apresentava tempo médio de vida de 20 e poucos anos, é um deslumbre testemunhar exemplos como os da rainha Elizabeth II, do Reino Unido, e do presidente Joe Biden, dos Estados Unidos. Elizabeth é a monarca que por mais tempo ocupa o trono britânico nos mais de quatro séculos da monarquia no Reino Unido — em 6 de fevereiro completará setenta anos no poder. Biden fará

DREW ANGERER/GETTY IMAGES

VITALIDADE O jovial presidente dos Estados Unidos: o mais velho a ocupar o Salão Oval da Casa Branca

80 anos em 20 de novembro, no papel do mais velho presidente a ocupar a Casa Branca. Pode-se não gostar do tradicionalismo da realeza ou de decisões estratégicas do chefe do Executivo americano, mas é inegável que Elizabeth e Biden estão no comando do seu tempo. A contar o fôlego demonstrado pela ciência, as próximas décadas trarão outras mostras fabulosas do avançar do homem em direção a uma vida longeva e saudável.

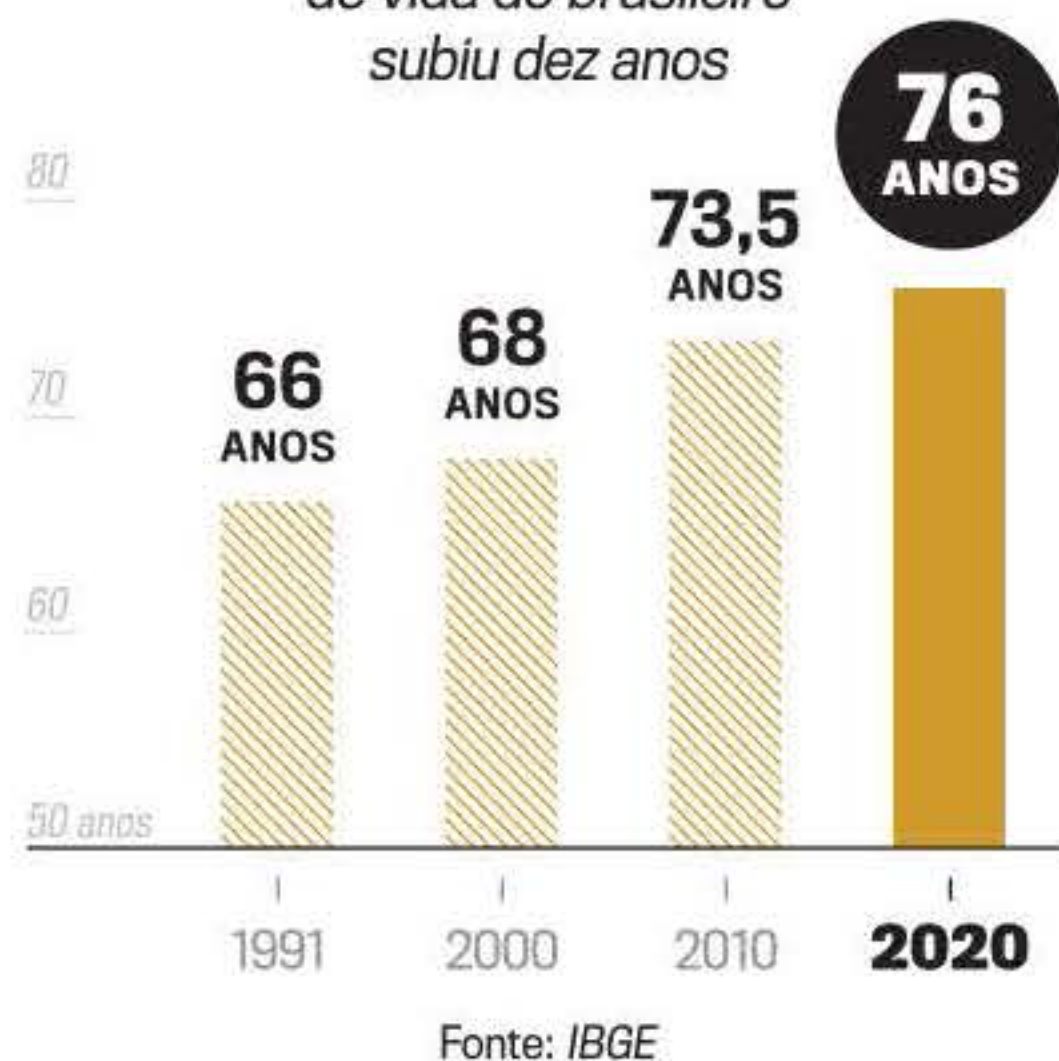
É de se comemorar ainda a mudança em andamento sobre o que realmente significa viver mais. Há um consenso: é impossível discutir o prolongamento da vida somente pelo olhar da biologia ou mecânica corporais. Manter-se funcional aos 150, 200 anos até poderá ser possível, de acordo com projeções otimistas, mas o que fazer para preservar a vitalidade da mente? E como transformar o entendimento a respeito da velhice e da individualidade do idoso uma vez que todos seremos mais velhos e por mais tempo?

É sempre interessante, insista-se, seguir Simone de Beauvoir, para quem a velhice sempre foi um tema perturbador. Foi ela, enfim, quem abriu a discussão que poucos ousavam pôr em cena. No livro *A Velhice*, de 1970, inspirado na senilidade do marido, o filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980), a pensadora trata o assunto do ponto de vista cultural, jogando luz à desumanização e ao tratamento oferecido comumente aos idosos nas sociedades ocidentais, que perpassa o desprezo e a infantilização. Na obra, ela propõe mudanças para desmistificar a ideia de que envelhecer é o processo pelo qual a individualidade se dissipa como nuvem após a tempestade, restando no lugar de um indivíduo apenas uma máquina desgastada mantida em operação por meio de acertos aqui e ali.

Os movimentos em defesa da equidade de gêneros e da diversidade que tão bem fazem às sociedades, somados aos saltos da medicina, auxiliam a humanidade a girar o farol em direção a essas questões. A derrubada do estereótipo de beleza deu um bom empurrão nas transformações. Antes associado à juventude, hoje o belo pode ser velho, baixo, magro, gordo. O inovador também. A empresária americana Iris Apfel completou 100 anos em agosto de 2021 estampando editoriais de moda e idolatrada como referência de cultura pop dos Estados Unidos. Marcas mais antenadas perceberam que a subida nos índices de

CURVA ASCENDENTE

Em 29 anos, a expectativa de vida do brasileiro subiu dez anos

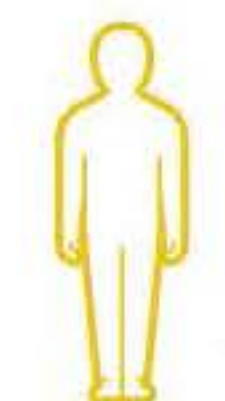
Fonte: *IBGE*

VIDA LONGA À CIÊNCIA

Alguns marcos científicos fundamentais na história da longevidade

1796
Desenvolvimento da primeira vacina (contra a varíola)

1928
Descoberta da penicilina

1953
Identificação da estrutura tridimensional do DNA

1963
Descobrimento das células-tronco

1967
Realização do primeiro transplante de coração

1984
Produção da primeira impressora 3D

1998
Criação de células-tronco humanas a partir de embriões

2003
Resultados finais do Projeto Genoma Humano

NOAM GALAI/GETTY IMAGES

expectativa de vida implica entrega de produtos e modelos que falem diretamente com quem tem mais de 50 anos, grupo que se tornará mais e mais numeroso. São sinais de que, aos poucos, o ser humano se prepara para uma jornada mais longa.

Ao mesmo tempo, achados da antropologia, sociologia, medicina e neurociências, entre outras áreas, pavimentam o trajeto para que a qualidade da estrada se estenda ao que temos de mais precioso, a nossa mente. Há duas frentes abertas. A primeira tem por objetivo enfrentar com maior eficácia enfermidades típicas do envelhecimento como o Alzheimer e o Parkinson. O que se quer é que elas não sejam mais empecilhos para vivências duradouras e saudáveis. Por isso, nos laboratórios estão em andamento experimentos que tentam desenvolver um jeito de devolver à maquinaria cerebral as peças quebradas pelas duas doenças. Uma das apostas está nas células-tronco, que podem ser transformadas em diversos tecidos. A ideia é que, uma vez implantadas nos locais onde há morte neuronal, elas assumam os papéis desempenhados pelos neurônios que não funcionam mais.

Da mesma forma, a medicina corre para criar outras opções que previnam e tratem as doenças psiquiátricas, flagelos que, se não mitigados, jamais permitirão que as existências humanas sejam longevas e plenas. “Não há como descartar ou deixar de lado o tema da saúde mental nessa discussão”, diz Elisa Kozasa, pesquisadora do Instituto do Cérebro do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo. De fato, se queremos viver

NEM AÍ Iris Apfel: a centenária designer com figurinos divertidos

NAOMI RAHIM/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

ESPAÇO Diversidade: nas passarelas, a inclusão de modelos mais velhas

mais, é preciso dar às condições mentais atenção e investimento em pesquisa e tratamentos equivalentes à importância que têm para o equilíbrio da saúde. Por sorte, a busca por terapias mais efetivas oferece perspectivas interessantes. Uma delas é o desenvolvimento de técnicas que regulam a troca de sinais elétricos em regiões do cérebro associadas à depressão, por exemplo. Há algumas sendo aplicadas em centros de referência brasileiros. “Elas são usadas quando o paciente não responde a outras alternativas de tratamento”, diz André Brunoni, coordenador do Serviço de Neuromodulação do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Da genética, chegam recursos como os testes que identificam os remédios para depressão ou ansiedade adequados de acordo com o DNA do paciente. “Eles aumentam em até 50% as taxas de remissão dos sintomas se comparados aos tratamentos baseados em tentativa e erro”, afirma o psiquiatra Guido Boabaid May, integrante do corpo clínico do Hospital Israelita Albert Einstein e fundador da GnTech, laboratório líder no país no desenvolvimento de exames do gênero. A abordagem só tende a crescer.

O caminho para a longevidade, pontuada em sua história pela busca de fórmulas mágicas, ancora-se hoje no saber científico e no respeito à complexidade do ser humano. Não é por outra razão que o trabalho envolve perscrutar cada uma dos 3 bilhões de letras químicas que compõem o DNA para saber como corrigir erros genéticos e também identificar os benefícios de práticas milenares como a meditação, responsáveis por efeitos sistêmicos no organismo. No Brasil, um dos centros mais ativos nesse campo funciona na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de São Paulo. Lá, cientistas como Marcelo Demarzo investigam por que meditar faz tão bem. As respostas servem para o corpo de hoje e ao que teremos no futuro. Demarzo já sabe que a meditação, entre outros impactos, ativa as defesas do corpo e ajuda a regular as emoções. Portanto, será ótimo recurso para a saúde física e mental ao longo dos anos. É reconfortante saber que o esforço em favor da longevidade parece ter encontrado o ponto ideal. A boa ciência e a sociedade consciente repelem as bizarrices. Afinal, o que está em jogo não é simplesmente viver mais. Mas saber o que fazer com o tempo que ganharemos. ■

MATTHEW ASHTON/AMA/GETTY IMAGES

OPULÊNCIA Estádio Internacional Khalifa, em Doha: oito arenas espetaculares custaram ao menos 6,5 bilhões de dólares

[COPA DO MUNDO DO CATAR]

BOLA DIVIDIDA

A festa do futebol chegou ao Oriente Médio. Cercado de denúncias e polêmicas, o evento da Fifa terá uma série de novidades — e, claro, muito luxo **LUIZ FELIPE CASTRO**

CAUSOU ESPANTO, em dezembro de 2010, quando o suíço Joseph Blatter, então presidente da Fifa, abriu um envelope com pompa e circunstância para anunciar o Catar como a sede da Copa de 2022. O pequeno emirado do Golfo Pérsico, com 2,8 milhões de habitantes e praticamente nenhuma tradição no futebol, desbancara as candidaturas de Estados Unidos, Austrália, Japão e Coreia do Sul para ganhar o direito de receber o primeiro Mundial em solo árabe. Por razões políticas, econômicas e humanitárias, as contestações foram imediatas e, na esteira dos escândalos de corrupção

ALESSANDRO DELLA BELLA/GETTY IMAGES

PROTESTO Cartão vermelho: as condições dos trabalhadores são alvo de suspeitas

que derrubaram Blatter e sua turma, perdurou por anos a sensação de que, em algum momento, os planos acabariam frustrados e a Copa se mudaria do Oriente Médio para outro destino. Não foi assim. O sonho do hexa da seleção brasileira terá mesmo Doha e suas adjacências como palco, entre 21 de novembro e 18 de dezembro.

A data escolhida é uma das várias peculiaridades desta Copa. Para poupar os atletas e torcedores dos mais de 40 graus do verão, algo que nem mesmo os ultramodernos aparelhos de ar-condicionado instalados nos estádios seria capaz de minimizar, a Fifa concordou em, pela primeira vez em 22 edições, marcar o evento para o fim do ano, inverno no Catar. Haverá, portanto, um caos ainda maior no calendário do futebol, mas quem na Fifa se importa? A Copa gera fortunas para a entidade (foram cerca de 6 bilhões de dólares de lucro na Rússia, em 2018, e 4,8 bilhões de dólares no Brasil, em 2014) e não haveria de ser diferente na terra governada pelo emir Tamim bin Hamad Al Thani e impulsionada economicamente pela exploração de petróleo.

A Copa será um luxo só. Oficialmente, a organização diz ter gasto 6,5 bilhões de dólares na construção de oito estádios e centros de treinamento. Juntando todas as obras de infraestrutura, que incluem a implantação, do zero, de uma cidade para 200 000 habitantes — Lusail, onde antes havia apenas dunas e agora receberá uma final de Copa —, estima-se que o evento custará 200 bilhões de dólares. A nova linha de metrô com 37 estações levará todos os torcedores aos estádios. O modelo compacto da Copa propiciará um fato inédito: será possível assistir a mais de um jogo por dia das arquibancadas.

Até aí, tudo certo, não fosse um tenebroso contexto. O Catar sofre rejeição internacional devido ao histórico de infração dos direitos humanos, especialmente sobre as condições de trabalho de seus mais de 24 000 funcionários. A Anistia Internacional divulgou um relatório acusando a Fifa, seus patrocinadores e as construtoras responsáveis de exploração de imigrantes. Outro problema diz respeito ao fato de a homossexualidade ser um crime previsto por lei no país islâmico. Nasser Al-Khater, presidente do comitê organizador, garantiu que a comunidade LGBTQIA+ será bem-vinda, mas deve se adequar aos costumes locais. “Eles poderão fazer o que qualquer outro ser humano faria. As demonstrações de afeto são desaprovadas e isso se aplica a todos os torcedores”, disse à emissora CNN, sem especificar qual seria o limite para os gestos de amor. “O Catar e seus vizinhos são muito conservadores e pedimos aos visitantes que nos respeitem. Temos certeza de que o farão, assim como respeitamos as diferentes culturas.” Suas declarações eram uma resposta a Josh Cavallo, atleta australiano gay que revelou ter receio de ir ao Catar.

A Copa é importante mecanismo de *sportwashing*, termo que define o uso do esporte como forma de melhorar a imagem de um país. O mesmo ocorre com o Paris Saint-Germain, clube mediano da França e transformado em potência ao ser adquirido em 2011 pela Qatar Sports Investment, subsidiária do fundo de riqueza soberano do emirado. De certa forma, os gols de Neymar, Messi e Mbappé ajudam a limpar a barra do Catar com o Ocidente. Há quem ouse peitar os poderosos, como os grupos de ativistas com cartazes em eventos da Fifa. Outros são mais assertivos. A seleção da Dinamarca, já classificada para o torneio, anunciou um boicote comercial ao campeonato. A equipe não vai expor nenhum patrocínio e, no lugar, estampará mensagens humanitárias. Até a bola começar a rolar, provavelmente novas polêmicas surgirão. Será mesmo uma Copa diferente. ■

UM MUNDIAL DIFERENTE

As peculiaridades do evento

DATA INÉDITA

Pela primeira vez, o Mundial ocorrerá no fim do ano, **de 21 de novembro a 18 de dezembro,** para fugir do verão na região

FORMATO COMPACTO

Depois de organizar o evento em países de grandes dimensões territoriais como o Brasil e a Rússia, desta vez a Fifa terá a logística facilitada: **serão oito estádios em cinco cidades.** A maior distância entre as arenas será de 55 quilômetros

ONDA DE PROTESTOS

O país-sede é **alvo de críticas** por seu histórico de violações aos direitos humanos e denúncias de exploração dos trabalhadores imigrantes que participaram das obras

SE A MADAME FA

Ao longo da última década, mais de uma centena de mulheres apresentaram-se como vítimas do predador serial Jeffrey Epstein, milionário investidor americano frequentador das altas rodas da sociedade e da política, que tinha confessada predileção por meninas bem novinhas e um segredo mal guardado: ele as aliciava com promessas de fama e dinheiro para desfrute sexual seu e dos amigos. Epstein foi finalmente preso em Nova York, em 2019, mas, privando as acusadoras da esperada desforra, enforcou-se um mês depois na cadeia. Faltando dois dias para 2021 acabar, elas enfim puderam sentir o gosto da vingança: julgada em um tribunal de Manhattan, a britânica Ghislaine Maxwell, durante trinta anos companheira constante e braço direito do milionário na sua vida privada — aí incluídos os atos de assédio —, foi declarada culpada de cinco entre seis acusações, incluindo a mais grave, de tráfico de menores de idade.

A sentença não tem data para ser definida e Ghislaine, que completou 60 anos no dia do Natal, pode pegar até 65 anos de prisão (está detida desde julho de 2020). É dado como certo que irá recorrer e, como último recurso, pode negociar uma delação premiada para reduzir a pena. É diante dessa possibilidade que vários poderosos tremem, sendo o mais tiritante deles o príncipe Andrew, terceiro filho da rainha Elizabeth, que privou seguidamente das mordomias oferecidas por Epstein e é alvo de outro processo sobre o alcance dessa amizade. "Até aqui, ela não demonstrou interesse em cooperar. Mas isso pode mudar diante de uma pena severa", diz a advogada Neama Rahmani, especialista em direito criminal.

COURT THE SOUTHERN DISTRICT - NY/AFP

AMICÍSSIMA Ghislaine massageia o pé de Epstein no "Lolita Express": meninas de 14 anos caíam na sua lábia

Ghislaine foi julgada e condenada em um mês graças à estratégia adotada pela acusação: para não sobrecarregar os doze jurados de detalhes, a promotoria se concentrou no depoimento de quatro mulheres, vítimas de Epstein entre 1990 e 2000, quando eram adolescentes. Elas relataram como foram atraídas por Ghislaine para "sessões de massagem" — eufemismo para atos sexuais — na casa de Epstein. Ganhavam 300 dólares e voltavam, por

ALASSE

A britânica Ghislaine Maxwell foi declarada culpada de aliciar adolescentes para Jeffrey Epstein, amigo de poderosos como Clinton, Trump e o príncipe Andrew. O suspense é se ela fará delação premiada

ERNESTO NEVES

SAMIR HUSSEIN/WIREIMAGE

ENROSCO Andrew, alvo de outro processo: o julgamento expôs provas de sua proximidade com o casal

medo, por fascínio pelos presentes caros que recebiam e pela confiança na promessa de que aquele homem rico e conectado iria cuidar de seus estudos e de suas carreiras. Segundo elas, Ghislaine se fazia de amiga, as instruía sobre os gostos do predador e, às vezes, participava das orgias.

As quatro testemunhas descreveram com detalhes como vieram a conhecer a dupla, sempre por meio de um primeiro encontro casual com Ghislaine, e como participaram de encontros sexuais, até duas ou três vezes por semana, durante anos. Ghislaine as estimulava a convencer amigas a também comparecer às sessões de sexo, na qual ora ficavam sozinhas com Epstein, ora se engajavam em atos com ele e várias outras mulheres. Em um dos depoimentos de maior impacto, Carolyn (identificada apenas pelo primeiro nome), recrutada aos 14 anos, contou que estava nua em uma sala quando Ghislaine entrou. "Tocou nos meus seios, quadris e nádegas e disse que eu tinha um ótimo corpo para Epstein e seus amigos", relatou. Um piloto do jato particular do milionário — apelidado pelos tabloides de "Lolita Express" —, Larry Visoski, confirmou que transportou tanto adolescentes quanto convidados ilustres, entre eles o ex-presidente Bill Clinton e o príncipe Andrew. Afirmou, no entanto, jamais haver presenciado atos impróprios dentro do avião.

Clinton era frequentador das caronas aéreas e das casas de Epstein — na mansão em Nova York, a polícia

LEON NEAL/GETTY IMAGES

THE NEW YORK ACADEMY OF ART

BRANDON BELL/GETTY IMAGES

LISTA VIP Gates, Trump e o quadro com o rosto de Clinton pendurado na mansão de Epstein em Nova York: três dos muitos poderosos que privaram das mordomias do milionário e que podem acabar sendo citados em eventuais revelações de Ghislaine

encontrou um quadro bizarro em que o rosto do ex-presidente aparece em corpo de mulher, refestelado em uma poltrona. Durante anos, o milionário, que morava parte do tempo na Flórida, também trocou figurinhas com Donald Trump, tornando-se assíduo frequentador de Mar-a-Lago, o clube-condomínio do então espalhafatoso empresário do setor imobiliário. Trump chegou a fazer piada com a predileção de Epstein por menininhas — até ele ser banido das festas por assediar uma menor de idade. Entre os muitos poderosos do convívio do investidor esteve ainda Bill Gates, que alega haver tratado com ele apenas de doações filantrópicas.

Bem antes de se ligar a Epstein, Ghislaine já frequentava as mais altas rodas dos Estados Unidos e do Reino Unido. Nascida em berço de ouro, é filha de Robert Maxwell, judeu que escapou da pobreza e da perseguição nazista na antiga Checoslováquia para erguer um império de mídia em Londres e se tornar político pelo Partido Trabalhista, até, falido, se suicidar, em 1991. Ghislaine era sua preferida entre os nove filhos e ele chegou a tentar uni-la a John Kennedy Jr. (1960-1999), então um dos solteiros mais cobiçados dos Estados Unidos. A mansão da família em Oxford era frequentada por políticos, celebridades e ricaços, colocando Ghislaine em uma privilegiadíssima posição social, que lhe permitiu estabelecer amizades com aristocratas como Andrew — que hoje, por causa desses contatos, amarga o ostracismo em um recanto do Castelo de Windsor, impedido de participar das atividades reais.

Até o fim deste ano, o mesmo tribunal nova-iorquino onde Ghislaine foi julgada vai debater a ação movida contra o príncipe pela mais vocal das vítimas de Epstein, a americana Virginia Roberts Giuffre. Primeira a trazer a público as barbaridades praticadas pelo milionário, ela — que aparece em uma célebre foto com Andrew, o braço dele em volta de sua cintura, e Ghislaine ao fundo — abriu um processo cível (que prevê indenização, e não prisão) em que afirma ter sido forçada a fazer sexo com o príncipe diversas vezes e que os abusos começaram quando tinha 17 anos. O caso acaba de ganhar novo capítulo após o tribunal ter concordado em quebrar o sigilo de um acordo legal firmado entre Epstein e Virginia em 2009. Pelo acerto, ela recebeu 500 000 dólares em troca de “liberar, absolver e dispensar para sempre” não só Epstein, como também

“qualquer outra pessoa ou entidade que possa ser incluída como réu potencial”. Andrew não foi mencionado no antigo processo, mas sua defesa alega que os termos do acordo impedem Virginia de mover a atual ação e pedem seu arquivamento. “Para evitar ser arrastado para futuras disputas legais, Epstein negociou essa ampla liberação, insistindo que abrangesse todas as pessoas potencialmente alvo de futuras ações”, afirmou Andrew Brettler, advogado do príncipe.

A decisão está nas mãos do juiz. Seja qual for, apelar para esse artifício para suspender a ação contra Andrew só reforça a impressão de que ele tem culpa no cartório. O julgamento de Ghislaine tem potencial para complicar a situação, às vésperas da festa dos 70 anos de reinado de Elizabeth, em fevereiro, ao haver exposto o grau de proximidade entre o filho da rainha e o casal. Fotos e relatórios de voo comprovam que Epstein e Ghislaine estiveram na comemoração dos 40 anos de Andrew, em junho de 2000, uma festinha para íntimos no Castelo de Windsor. Os dois também passaram dias no Castelo de Balmoral, na Escócia, e foram fotografados em pavilhões de caça privativos de Elizabeth e família. Os regimentos militares em que Andrew serviu (ele foi um piloto condecorado na Guerra das Falklands) estão pedindo seu afastamento e fala-se até na possibilidade de que perca o título de duque de York. Só falta agora Ghislaine — detenta amargurada que recebeu na cadeia um tenso telefonema do marido, Scott Borgerson, informando que estava “partindo para outra” com uma instrutora de ioga — resolver contar o que sabe. ■

VILMA GRYZINSKI

A ESPERANÇA DE REDENÇÃO

Países miseráveis ou destroçados por guerras “viraram” o ensino

VOCÊ ESTÁ preparado para as platitudes que os candidatos vão falar sobre educação, se se derem ao trabalho, lá pelo fim dos discursos que desafiarão nossas paciências neste ano? Um bom treinamento pré-eleitoral para os brasileiros com senso de honra pode ser colocar como tela de fundo de seus celulares os resultados do PISA, a pesquisa sobre educação feita pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico. Em termos educacionais, o 66º lugar do Brasil, num total de 77 países, é o equivalente à “fila dos ossos”, o colar de humanos desvalidos à espera de restos de açougue que aflorou em cidades brasileiras. A classificação é de 2018 — o PISA 2021 foi postergado por causa da pandemia. Nos cinco lugares acima do Brasil estão Peru, Bósnia, Azerbaijão, Cazaquistão e Colômbia. Para não nos desesperarmos, e buscarmos lições valiosas, é bom olhar também para vários dos melhores classificados e lembrar que já foram países miseráveis, subdesenvolvidos, destroçados por guerras ou esmagadoramente analfabetos — quando não tudo isso junto.

> **“Nos resignamos a deixar nossas crianças e nossos jovens eternamente na fila dos ossos?”**

Singapura, que aparece ora em primeiro, ora em segundo lugar nos indicadores mundiais de educação, era um dos lugares mais atrasados do mundo e, apesar da localização estratégica como porto e entreposto comercial, desmerecido até pelos colonizadores ingleses. Gradualmente povoada por agricultores chineses trazidos para trabalhar no cultivo da pimenta-do-reino, tinha o potencial de conflito com a população original, de etnia malaia, e recursos zero em um território equivalente à metade da cidade de São Paulo. Criou um sistema educacional tão sofisticado, com um currículo voltado para a matemática e a ciência, que professores de ensino médio ganham o equivalente a 90 000 dólares por ano — isso depois de passar por um concurso disputadíssimo, reflexo da valorização reservada aos educadores, típica das sociedades asiáticas influenciadas pelo pensamento confuciano, onde os detentores do saber ocupam o topo da escala social.

A Coreia do Sul é outro país asiático que deu um salto inacreditável, indo da ocupação japonesa e de uma devastadora guerra desfechada pelos comunistas do norte para mais de 70% da população entre 25 e 34 anos com educação superior. Desde 1990, o orçamento para a educação quintuplicou, mas corresponde a apenas 3,4% do PIB — no Brasil, são 6%. O incentivo familiar é tão competitivo que o governo proibiu aulas particulares depois das 10 da noite. Fora da esfera asiática, há fenômenos como a Estônia, um país báltico de 1,3 milhão de habitantes — pouco menos que o número de militares russos, cuja invasão os estonianos passam o tempo todo temendo —, que ficou em quinto lugar no PISA. A Polônia, em 11º — uma posição à frente do Reino Unido, o país onde mais de 1,5 milhão de poloneses foram procurar trabalho depois da era soviética. Aos que os menosprezavam como incultos, podem exibir com orgulho o salto educacional que deram. Devido às diferenças históricas e culturais, muitas experiências dos que “viraram” as condições de ensino são intransferíveis, mas isso não elimina a pergunta principal: se países que vieram de condições tão desfavoráveis conseguiram, por que não conseguiremos também? Ou nos resignamos a deixar nossas crianças e nossos jovens eternamente na fila dos ossos? ■

SURPRESA DESAGRADÁVEL

A cena era bonita: **REGINA CASÉ** e o resto da família, todos felizes da vida, almoçando despreocupados às vésperas do Natal em um bistrô parisiense. A descontração era tanta que só na hora de pagar a conta a atriz percebeu que sua carteira, recheada com absolutamente todos os seus documentos, inclusive o passaporte brasileiro, havia sido surrupiada por um dos muitos mãos-leves da capital francesa. "É incrível. Nunca passei por isso no Rio e acabo sendo furtada em Paris. É mole?", dispara a atriz, eleita a melhor do ano em novelas da Globo por sua atuação em *Amor de Mãe*. O capítulo seguinte da viagem incluiu aquela incômoda corrida ao consulado para conseguir uma autorização emergencial de retorno ao Brasil, a tempo – ufa – de passar o réveillon no Rio.

FACEBOOK @REGINACASE

ALEX BRAMALL/SHUTTERSTOCK

AO PIANO, A FUTURA RAINHA

Cada vez mais à vontade no papel de futura rainha consorte do Reino Unido, **KATE,** a duquesa de Cambridge, 40 anos recém-completados, deu show em uma missa musicada por canções natalinas na Abadia de Westminster: de surpresa, surgiu em um vídeo tocando piano, acompanhando o cantor Tom Walker. "Nos encontramos uma vez, muito secretamente, e ensaiamos nove vezes. Ela foi para casa e voltou dois dias depois para a gravação, totalmente preparada. Arrasou", derramou-se Walker após a performance – que, aliás, foi ideia dela. Kate aprendeu a tocar piano ainda criança, mas nunca havia se apresentado em público. Haverá bis? "Do jeito que a duquesa toca, ainda vou abrir um show dela", brincou Walker. Depois, a sério, disse que o assunto não foi discutido.

INSTAGRAM @MICHELLEOBAMA

INFORMALIDADE NA VIRADA

"Eu e meu querido desejamos Feliz Ano-Novo." A legenda acompanha a fotografia que **MICHELLE** e **BARACK OBAMA** publicaram no primeiro dia de 2022, os dois abraçados e usando óculos festivos, ela de shorts e jogando beijo para os fãs. Comentários recebidos: 4,3 milhões. Michelle, à beira dos 58 anos (faz em 17 de janeiro), e Obama, 60, não são de passar os feriados escondidos – todo ano aparecem se divertindo, em um ritual que começa com o Natal no Havaí, onde o ex-presidente nasceu (trumpistas diriam: será mesmo?) e viveu até entrar na faculdade. Este ano, como sempre, estavam acompanhados das filhas Malia, 23, e Sasha, 20 – esta com um biquininho fio dental vermelho que não faria feio em Copacabana. Que venha 2022.

MENINA À VISTA

Prestes a ser pai de menina pela primeira vez (a previsão é fevereiro), **EIKE BATISTA,** 65 anos, tem duas certezas: vai assistir ao parto ("Acompanhei o nascimento de todos os meus filhos, faço questão") e dará à bebê um nome derivado da mitologia nórdica, como o dos irmãos Thor, 30 anos, Olin, 26, e Balder, 8. "Imagina se filha minha ia ter nome tipo Turma da Mônica", ironiza. Eike faz segredo, mas uma rápida olhada no Instagram de **FLAVIA SAMPAIO,** sua mulher, entrega: Tyra vem aí. Se o parto é assunto que o anima, o mesmo não acontece com a decoração do quarto e outros frufrus. "Não me envolvo com isso. Sou engenheiro de obras grandes", diz o ex-homem mais rico do Brasil, que garante: será um pai "moderno". A ver. ■

PAULO VITALE; INSTAGRAM @FLAVIASAMPAIO

XP/CRUZEIRO ESPORTE CLUBE

O LANCE DE R9 O "Fenômeno", que já era dono do Valladolid, na compra do time mineiro: negócio de 400 milhões de reais

FUTEBOL S.A.

A nova legislação esportiva que possibilitou a aquisição do Cruzeiro por Ronaldo pode representar o pontapé inicial de uma era dentro e fora dos gramados **LUIZ FELIPE CASTRO**

RONALDO está de volta ao Cruzeiro quase três décadas depois de iniciar sua trajetória brilhante como jogador profissional, aos 16 anos, contra a Caldense, diante de pouco mais de 2 000 testemunhas históricas em Poços de Caldas. O "Fenômeno" é agora o dono do time — e não mais no sentido figurado. Ele comprou 90% das ações do clube mineiro, que pela terceira vez consecutiva disputará a Série B. O excraque promete alçar a equipe ao topo novamente ao inaugurar uma nova era, a das Sociedades Anônimas do Futebol, ou simplesmente SAFs. "Tenho muito a retribuir, quero levar o Cruzeiro aonde ele merece estar", diz o camisa 9, que comprou o clube por 400 milhões de reais, a serem pagos em cinco anos, mas terá também de assumir uma dívida bilionária.

A experiência como cartola não é inédita. Ronaldo é sócio majoritário do Real Valladolid, da Espanha, mas não evitou o rebaixamento do time à Segunda Divisão. Há décadas, o modelo de clube-empresa é padrão na Europa. O atual campeão continental, o Chelsea, por exemplo, foi comprado em 2003 pelo magnata russo Roman Abramovich e desde então tornou- se uma potência. Por aqui ainda impera o modelo de associação sem fins lucrativos. Com a aprovação de uma lei sancionada em agosto do ano passado, contudo, há novos ventos. O Botafogo, recém-promovido à Série A, deve ser o

SLAVEN VLASIC/GETTY IMAGES

ESTRELA SOLITÁRIA O americano John Textor, do ramo de tecnologia: lance para ser dono do Botafogo

UMA NOVA ERA

A maioria dos clubes do país ainda é composta de associações sem fins lucrativos, mas o cenário tende a mudar

PIONEIRO

Afundado em dívidas, o **Cruzeiro** foi o primeiro clube do país a adotar o modelo de Sociedade Anônima do Futebol (SAF), cuja lei foi aprovada no Congresso há cinco meses

NA ESTEIRA

Botafogo, Coritiba, Athletico-PR, América-MG e **Chapecoense** serão os próximos a adotar o modelo SAF

GESTÃO MODERNA

Red Bull Bragantino (6º colocado) e **Cuiabá** (15º) foram os clubes-empresa que disputaram a Série A do Brasileirão em 2021

TENDÊNCIA

Segundo a consultoria Ernst & Young, 92% das equipes da primeira divisão de **Alemanha, Espanha, França, Inglaterra** e **Itália** são entidades privadas; Barcelona e Real Madrid são exceções

IAN MACNICOL/GETTY IMAGES

POTÊNCIA Abramovich *(à dir.)*, do Chelsea: de time médio a bicampeão europeu

próximo a ter um dono: tem pré-acordo com o americano John Textor, dono da Eagle Holdings, empresa do ramo da tecnologia, cinema e esporte, e sócio do Crystal Palace, da Inglaterra. A XP Investimentos atuou como consultora nas negociações tanto para botafoguenses quanto para cruzeirenses e já busca novas prospecções.

Há evidentes vantagens de se tornar uma SAF, atalho para a construção do que se convencionou chamar de "clubes-empresa". A gestão será mais profissional e transparente, com auditoria anual e a obrigatoriedade de serem montados um conselho de administração e um conselho fiscal. O mecanismo de sociedade anônima facilitará a quitação de dívidas, ancorado em um regime tributário vantajoso. Os impostos serão recolhidos em cima de 5% do faturamento nos primeiros cinco anos sem incidência sobre a venda de direitos de jogadores — depois disso, a taxa cai para 4%, aí, sim, com incidência sobre as transferências. As garantias, rigidamente controladas, certamente abrirão portas para investidores, mais seguros de seus passos. É caminho para a reinvenção do futebol brasileiro, atavicamente amador e viciado politicamente, mas há riscos. Como em qualquer empresa, a má gestão pode significar falência, como aconteceu com o Parma, da Itália. Fãs de gigantes em crise, como Milan e Manchester United, atestam que a chegada de aporte estrangeiro, seja russo, seja chinês ou árabe, não é garantia de sucesso.

A mudança, do ponto de vista dos torcedores, tende a ser positiva também. A possibilidade de muitos clubes se fortalecerem financeiramente talvez seja a única saída para barrar o atual reinado dos ricaços Palmeiras, Atlético-MG e Flamengo. "Clubes grandes com boa saúde financeira certamente não adotarão as SAFs agora, pois há rejeição e muito conservadorismo", diz Eduardo Carlezzo, advogado especializado em direito desportivo, que participou da elaboração da lei. "Mas, conforme a roda for girando, times como Internacional, Santos, Fluminense e São Paulo podem ser empurrados a fazer esse tipo de operação para não ficarem para trás." Há, desde já, intensa movimentação nos bastidores para atração de capital estrangeiro, como já ocorre na Europa. O futuro é promissor, desde que o novo paradigma seja tratado com zelo inédito. ■

BELEZA EM GOTAS

Produtos em forma de sérum caem no gosto das brasileiras. Mais leves, eles têm alta concentração de ativos, chegam a camadas mais profundas da pele e não aumentam a oleosidade **SIMONE BLANES**

ISTOCK/GETTY IMAGES

SE NÃO FOSSE o título de uma música romântica, a frase cantada por Frank Sinatra na clássica *I've Got You under My Skin* (eu sinto você sob minha pele) bem que poderia definir a categoria de dermocosméticos que vem ganhando o coração — e a pele — das brasileiras. Os produtos em sérum (soro, em latim) já dividem quase de igual para igual as prateleiras com os produtos tradicionais e estão entre os mais receitados por dermatologistas. O motivo é simples. De consistência aquosa, textura leve e fluída e não gordurosa, são perfeitos para os tratamentos em cútis mais oleosas, característica da maioria da população no país. E cabem melhor ainda durante o verão, quando o calor aumenta a produção de óleo pelas células da epiderme e fica praticamente inviável usar opções em cremes mais pesados e mesmo as formuladas em gel. "O sérum tem uma rápida absorção e, por isso, funciona bem para a pele do brasileiro", diz Calu Franco Tebet, dermatologista membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia que faz estágio no Mount Sinai Hospital, em Nova York, nos Estados Unidos.

Encontrar fórmulas adequadas aos diversos tipos de pele e que chegassem a camadas mais abaixo da superfície sempre foi um desafio para a indústria cosmética. Somente nos últimos anos é que começaram a surgir versões diferentes dos velhos cremes pesados e com pouca penetração. Primeiro foram as loções e depois os géis. Os séruns são a evolução de todo o processo e os que apresentam melhores resultados. Eles reúnem em um mesmo produto vários princípios ativos, como qualquer artigo dermocosmético, porém com algumas vantagens. Por permitirem a retenção de mais água na camada superficial da pele, fornecem maior hidratação, aumentando o viço e a luminosidade da cútis facial. Sua textura aquosa consegue reunir e carregar até níveis mais

ÁGUA Quatro pingos e só: cuidado intenso com pouca quantidade

profundos da pele altas concentrações de substâncias terapêuticas. Sem falar da absorção, mais rápida, deixando uma sensação de leveza na pele logo após a aplicação das gotas. E geralmente não é preciso gotejar muito. Quatro gotas são suficientes.

Hoje é possível encontrar hidratantes, clareadores, produtos antienvelhecimento ou nutritivos na apresentação em sérum. Entre os mais procurados estão, é claro, os cosméticos para controle da oleosidade e os anti-acne, problema que afeta mais de 90% dos adolescentes e 56,4% da população adulta no país, segundo a Sociedade Brasileira de Dermatologia. A variedade dos compostos ativos presentes nos produtos é bem grande, incluindo de ácido hialurônico, retinol e vitamina C, usados em tratamentos antienvelhecimento, a aqueles indicados para o controle da produção sebácea, como o ácido salicílico e niacinamida. A escolha dependerá da necessidade. "A seleção da alternativa ideal vai de acordo com o que tem dentro do sérum e o que cada pele necessita", explica a dermatologista Calu Franco.

A procura pelos produtos cresceu de maneira significativa nos últimos dois anos, como aliás aconteceu com a maioria dos artigos de beleza — a exceção foram as maquiagens, que registraram queda nas vendas, dado o uso de máscaras que escondem o rosto. A título de exemplo, de acordo com a consultoria Spate, especializada no mercado de beleza, a venda de séruns antirrugas cresceu entre 20% e 40% em 2020. De olho no mercado em ascensão, as empresas diversificaram o portfólio. A marca americana Skinceuticals, uma das mais recomendadas pelos dermatologistas, oferece hoje no Brasil sete artigos em sérum, todos com excelente aceitação pelas brasileiras. Entre eles, estão um concentrado de ácido hialurônico, indicado para tratamento antienvelhecimento, e uma linha destinada ao cuidado com a pele oleosa. O lançamento mais recente é um sérum hidratante com propriedades calmantes. O público recomendado é o das pessoas com pele oleosa. As empresas nacionais seguem a tendência e, em 2021, puseram no mercado várias opções da beleza em gotas. O Boticário, por exemplo, lançou um sérum com alta concentração de ácido hialurônico e a Natura criou um produto destinado à proteção do cabelo dos danos causados pelo sol, praia e piscina. Funciona, mas, como sempre, recomendam-se cautela no uso e a permanente consulta a profissionais. A pele agradece. ■

EFICIÊNCIA LÍQUIDA

Mais completo dos cosméticos, o sérum facial tornou-se indispensável no cuidado da pele

BENEFÍCIOS

Textura leve, aquosa e não oleosa

Formulação mais leve que a dos cremes

Rápida absorção

Penetração profunda

Promove renovação celular melhorando a aparência de linhas finas e rugas

Protege a pele de radicais livres, moléculas que apressam o envelhecimento cutâneo

Calmante para peles sensíveis

TIPOS

ANTIENVELHECIMENTO
Estimula a renovação celular da pele e a produção de colágeno
Princípios ativos: retinol, bakuchiol, cafeína, chá-verde, proteoglicanos, ácido hialurônico, ácido ferúlico, vitaminas A, C e E

DESPIGMENTALIZANTE
Uniformiza o tom de pele e clareia manchas
Princípios ativos: vitamina C, arbutina, ácido azelaico, ácido L-ascórbico, ácido glicólico, ácido kójico, raiz de alcaçuz, ácido láctico, niacinamida, resveratrol

HIDRATANTE
Retém água nas camadas superficiais da pele, mantendo-a hidratada
Princípios ativos: ácido hialurônico, vitamina B5, luminescina

ANTIOXIDANTE
Combate os radicais livres e previne rugas
Princípios ativos: vitamina C e E, niacinamida, melatonina, ácido L-ascórbico, retinol, ácido ferúlico e extrato de cogumelo

ANTIOLEOSIDADE E ANTIACNE
Controla a oleosidade, diminui a irritação e acalma a pele
Princípios ativos: ácido salicílico, ácido glicólico, ácido mandélico, niacinamida, *Aloe vera*, ácido hialurônico, ácido glicólico e ácido sebácico

Atenção!* *Como o sérum pode receber múltiplos ativos em sua fórmula, o ideal é consultar um dermatologista para saber qual o adequado à sua pele

Fontes: *Harvard Health Publishing (Harvard Medical School), Healthline*

A FALTA QUE ELE PODE FAZER

Começo de ano e todo mundo decide emagrecer cortando o açúcar. Não é a melhor estratégia. Além de ineficaz, a medida causa sérios prejuízos à saúde **PAULA FELIX**

EQUILÍBRIO Ausência do ingrediente: risco de graves alterações de humor

DEPOIS dos clássicos exageros à mesa no fim de ano, o corte brusco de algum elemento da dieta pode parecer um caminho fácil para cumprir a igualmente tradicional promessa de perder peso em seguida. Eliminar o açúcar que vem em guloseimas, refrigerantes, biscoitos e sorvetes é importante para a saúde — o brasileiro consome mais do que deve — e pode ajudar nesse processo. O problema é fazer a remoção de forma radical. Fonte de energia para o organismo, o corte abrupto de açúcares e carboidratos está associado a alteração no humor, fadiga, dor de cabeça e outros sintomas que podem evoluir para quadros mais graves.

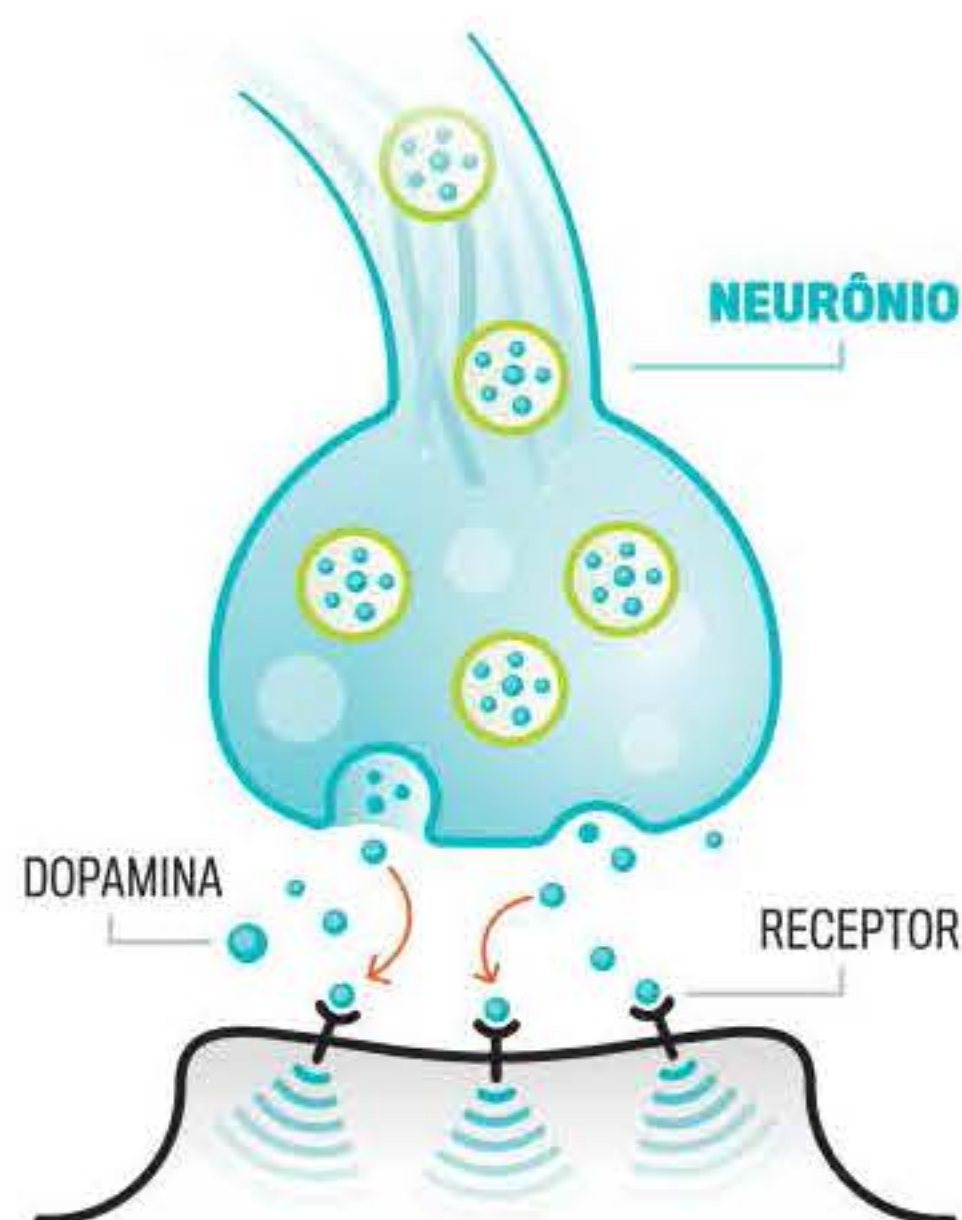
Há alguns anos a ciência investiga as relações do açúcar com a liberação de dopamina, uma das substâncias que fazem a comunicação entre os neurônios *(veja no quadro ao lado)*. O neurotransmissor participa dos processos executados no sistema cerebral de recompensa, engrenagem que funciona como uma máquina de bem-estar alimentada por algo que dá prazer ao indivíduo. Pode ser fazer compras ou consumir drogas. O estímulo chega, a dopamina age e o corpo produz hormônios que dão a sensação de alegria. E assim constrói-se um ciclo que pode levar à dependência, a vontade difícil de ser controlada de desfrutar das mesmas sensações novamente. Cortar os estímulos de uma vez, portanto, resultaria em sintomas de abstinência, incluindo tontura, enjoo, ansiedade e quadros depressivos.

Não se sabe, ainda, se a interrupção radical produziria resultados como os das pessoas forçadas a parar abruptamente de consumir drogas. Mas há um consenso: alimentos atraentes ao paladar ativam o sistema de recompensas. Uma comparação conhecida dos especialistas vem de um estudo com cobaias apontando que, entre água adoçada e cocaína, 94% dos camundongos ficaram com a primeira opção. Mas não há evidências científicas sólidas o bastante para afirmar que o açúcar provoque dependência e síndrome de abstinência apesar de os sintomas manifestados pela restrição serem parecidos.

O que pode se afirmar com certeza é que a retirada só do açúcar de adição, como o das colheradas no cafezinho, não causa mudanças significativas. O problema está na suspensão de tudo o que contém açúcar, como as frutas. "O corte reduz a disponibilidade de uma fonte de energia com a qual o cérebro está acostumado", diz a médica

SEM PRESSA

Se o nutriente foi tirado de uma hora para outra, poderão ocorrer efeitos colaterais

O QUE ACONTECE?

O nutriente ativa a **liberação de dopamina,** substância cerebral associada à sensação de recompensa

Com o corte abrupto, ocorreria um tipo de abstinência, desencadeando sintomas físicos e emocionais

Maria Edna de Melo, presidente do Departamento de Obesidade da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. Além disso, a restrição até pode levar à perda de peso, mas dificilmente será mantida por muito tempo. A orientação é reduzir a ingestão dos açúcares que não trazem benefícios, como os doces, passando longe das tentações. Pode ser amargo, mas é bom conselho. ■

AS HORAS VOAM

Como reduzir o andar da carruagem?

"E MAIS um ano se passou!" Nas últimas horas que antecederam o réveillon, certamente fizemos comentários como esse. Da mesma maneira que fizemos no fim do ano passado, e do ano anterior, e de todos os outros que vieram antes. A diferença, talvez, é que os intervalos entre os comentários parecem menores a cada vez. "Sim, e passou voando", ouvimos provavelmente em resposta.

Todos nós já experimentamos a sensação de que não apenas o tempo passa rápido como passa cada vez mais rápido. Só as crianças, ansiosas pela juventude, ficam amuadas ao constatar a lentidão do tempo. A aritmética básica ajuda a explicar a percepção de cada faixa etária. Para uma criança de 5 anos, um ano a mais representa consideráveis 20% da existência; já para quem tem 50, são só 2% a mais. O resultado é a impressão de que quanto mais vivemos, mais o tempo recente parece relativamente menor ao tempo vivido.

A previsibilidade de uma rotina monótona tem peso decisivo nessa percepção. Quando nos esquecemos de desligar o piloto automático, os dias se tornam indistintos, e por isso se sucedem em ritmo acelerado. O trabalho sem desafios, o relacionamento sem manifestações de afeto, o cotidiano que apenas repete situações, as tarefas das quais nos desincumbimos irrefletidamente — tudo isso desestimula a mente, faz com que o nosso cérebro não preste atenção no instante vivido. Aquilo que não mais nos emociona nem nos chacoalha parece contribuir para fazer nosso tempo voar.

Daí a importância de quebrar a rotina. Ninguém precisa fazer uma revolução pessoal por dia nem aderir a radicalismos. Para efeito de estímulo mental, bastam pequenas mudanças. Coisas como alterar um trajeto diário, que se faz de olhos fechados, mudar os ingredientes de uma receita aprovada ou baixar semanalmente um novo aplicativo de celular e aprender os atalhos para usá-lo como um millennial. Podemos também ouvir um gênero musical diferente do que estamos acostumados. Se você gosta de música brasileira, experimente o pop. Se prefere sertanejo, tente um pouco de clássico. Se a sua tribo é metaleira, arrisque umas baladas românticas. O mesmo vale para a atividade física. Não é apenas o corpo que se acostuma a determinados exercícios — a mente também tende a ficar preguiçosa com a repetição. De vez em quando, troque a esteira pela raia, ou vice-versa.

> **"Ninguém precisa de uma revolução. Para efeito de estímulo mental, bastam pequenas mudanças"**

Se a consistência dos hábitos é, por um lado, desejável, a variação não fica atrás. É tornando cada dia realmente único, diferente do anterior e do seguinte, que poderemos nos aproximar da sensação de retardar a passagem do tempo. Se vivermos plenamente cada dia, estaremos criando um repertório de lembranças que nos acompanharão para sempre, dando maior densidade ao tempo.

Se não podemos fazer o tempo retroceder, como o Super-Homem ou a Mulher-Maravilha, é sempre possível nos submeter a esses pequenos desafios, suficientes para provocar sinapses que prolongarão nossas horas neste ano que já começou. Que em 2022 possamos sair do lugar-comum, romper velhos hábitos e viver muitas novas experiências e emoções memoráveis. Feliz ano novo! ■

SUINGUE BRITÂNICO

Uma nova geração de talentosas cantoras negras, descendentes de pais africanos e caribenhos, faz surgir no Reino Unido uma palpitante cena musical de soul, R&B e jazz

FELIPE BRANCO CRUZ

Nos Estados Unidos dos anos 1960 e 1970, a soul music brigava de igual para igual com o rock nas paradas de sucesso e, ao lado do rhythm & blues, caminhava para se tornar a trilha da luta contra o racismo. Enquanto isso, a situação era bem diferente no Reino Unido. Por lá, os ritmos originários das comunidades de origem africana eram relegados a uma pequena cena no norte do país. Para piorar, a cena musical black era foco constante de batidas policiais e as reportagens dos tabloides quase sempre se referiam a esses lugares como antros de consumo de drogas. Na virada de 2022, felizmente, essa realidade mudou de forma notável. Uma nova leva de cantoras talentosas, filhas de imigrantes negros da África e do Caribe, está sacudindo o Reino Unido.

Com idade entre 20 e 40 anos, as jovens e poderosas Arlo Parks, Little Simz, Celeste e Yola têm se imposto cantando, justamente, os ritmos que marcaram a geração de seus pais: o soul, o R&B, o rap e o hip-hop. Essas artistas são faces de um fenômeno paradoxal. A mesma Inglaterra que no plebiscito de 2016 cedeu ao ímpeto nacionalista do Brexit se converteria, nos anos recentes, em um vibrante caldeirão multicultural. Arlo Parks resume o espírito de sua geração. Descendente de imigrantes do Chade e da Nigéria, a cantora e poeta de 21 anos é um manancial de influências que vão do escritor James Baldwin e do poeta Eileen Myles ao seminal músico de R&B Otis Redding, passando pelo rapper Frank Ocean. Trancada em casa durante a pandemia, Arlo deu vazão à sua criatividade musicando seus poemas, que falam da euforia da juventude e das desilusões da vida adulta. O resultado é um pop suave, emoldurado por uma voz rouca e melodiosa. Seu álbum de estreia, *Collapsed in Sunbeams,* foi um dos lançamentos mais elogiados de 2021. "Sinto que formamos uma cena musical original, especialmente entre as mulheres negras e jovens britânicas", analisou a artista em entrevista a VEJA *(leia na pág. 84).*

IORUBÁ Little Simz: a artista levou para o hip-hop suas raízes nigerianas

INSTAGRAM @LITTLESIMZ

O reconhecimento que as cantoras de soul e R&B ganharam no Reino Unido é, no entanto, relativamente recente. Se em meados do século XX Aretha Franklin já dominava as paradas nos Estados Unidos, no Reino Unido a primeira mulher a se projetar no soul foi Amy Winehouse. Isso, já no século XXI — e Amy nem era negra. Não à toa, a cantora mais velha da nova safra, Yola Carter, de 38 anos, precisou

TALENTO PRECOCE
Celeste: indicação ao Oscar de 2021 pela canção *Hear My Voice*

INSTAGRAM @CELESTE

“SOMOS ÚNICAS”

A cantora Arlo Parks falou a VEJA sobre suas raízes africanas e a nova música negra britânica.

Como as origens afro influenciaram sua música? Minha formação foi muito multicultural, e isso me permitiu ser mais aberta sobre como vejo o mundo e buscar inspiração em um milhão de lugares. Ao abraçar a herança africana, ganhei um novo senso de ritmo e energia.

Como vê a onda de novas cantoras negras britânicas? Elas sempre estiveram lá. Sempre houve uma diversidade. É inspirador ver o que estão fazendo hoje. Temos nossas próprias peculiaridades, que nos destacam de outros artistas negros. Isso significa que somos únicas.

Sua estreia foi bastante elogiada. Esperava a repercussão? Me disseram que minha música proporcionou uma sensação de conforto na pandemia. A boa recepção foi além dos meus sonhos mais loucos. Sem dúvida, toquei muito mais pessoas do que eu esperava.

PODEROSA Arlo: “A herança africana me deu ritmo e energia”

INSTAGRAM @ARLO.PARKS

ASCENSÃO Yola: antes do sucesso, ela teve de reprimir sua negritude

ALLEN J SCHABEN/LATIMES/SHUTTERSTOCK

se mudar para os Estados Unidos para se fazer notar. Filha de imigrantes de Gana, na África (terra de seu pai) e de Barbados, no Caribe (terra da mãe), Yola já disse que foi “pressionada pela sociedade” a reprimir sua negritude e lamenta ter crescido sem exemplos de cantoras negras britânicas. Antes de fazer sucesso como cantora-solo, no início dos anos 2000, ela precisou vencer também a má vontade com seu trabalho: embora fosse uma das vocalistas do Massive Attack, a crítica da época insistia em classificá-la só como cantora de apoio da banda.

Foi apenas em seu segundo álbum autoral, *Stand For Myself*, lançado em 2021, que Yola ganhou fama mundial. O disco foi gravado em Nashville, berço da música country americana e onde ela mora desde 2018. O trabalho é uma bem-vinda mistura dos estilos de duas artistas essenciais do soul e do country americano, Aretha Franklin e Dolly Parton. Neste ano, Yola poderá ser vista ainda nos cinemas, na nova cinebiografia de Elvis Presley dirigida por Baz Luhrmann (de *Moulin Rouge*). No filme, ela interpreta Sister Rosetta Tharpe, uma cultuada cantora gospel dos anos 1930 e 1940.

Os exemplos máximos do intercâmbio cultural que resultou na música negra britânica dos últimos anos vêm de Little Simz e Celeste, ambas de 27 anos. Nascida em Islington, na Inglaterra, Little Simz tem como nome de batismo Simbiatu Abisola Abiola Ajikawo, e transpôs para o hip-hop e o rap a influência iorubá que herdou dos pais nigerianos. Essa herança produziu um ousado coquetel de ritmos que vão do afrobeat ao pop anos 1980. Nas letras, ela canta sobre a própria vida e lamenta do abandono do pai quando ainda era criança. Já Celeste é filha de pai nigeriano e mãe britânica. Nasceu em Los Angeles, mas foi criada em Londres. Seu disco de estreia, *Not Your Muse*, lançado também no ano passado, é fruto dessa mistura, com canções carregadas de influências que vão de Amy Winehouse a Ella Fitzgerald, sua grande inspiração. A voz marcante da cantora a ajudou a ser indicada ao Oscar em 2021, pela música *Hear My Voice*, do filme *Os 7 de Chicago*, na categoria de melhor canção original. Na música britânica de hoje, black is — definitivamente — beautiful. ■

FILM MOVEMENT

ENIGMA Uma das tramas de *Roda do Destino:* duas mulheres se reencontram após anos — mas pode não ser bem assim

A VIDA EM MINUTOS

Dividido em três contos sobre o acaso e seu poder de transformação, *Roda do Destino* é uma chance de conhecer o cinema quase sublime de Ryusuke Hamaguchi, de *Drive My Car*

POUCOS CINEASTAS têm direito a um ano como foi o de 2021 para Ryusuke Hamaguchi, com dois trabalhos de primeira grandeza circulando às vezes ao mesmo tempo em festivais ao redor do mundo. O mais extraordinário deles, *Drive My Car,* um filme de três horas que são a medida perfeita para o conto de quarenta páginas do escritor Haruki Murakami em que o filme se baseia, subiu tanto na cotação do mercado que permanece, até o momento, sem distribuidor no Brasil e, portanto, também sem previsão de estreia nacional. Enquanto essa situação não se resolve, o luminoso ***Roda do Destino*** *(Guzen to Sozo/Wheel of Fortune and Fantasy,* Japão, 2021), já em cartaz nos cinemas, é uma quase necessária introdução aos temas e ao estilo particular do diretor japonês.

Dividido em três contos e com enxutas duas horas de duração *(Happy Hour,* que Hamaguchi lançou em 2015, tinha 317 minutos, todos eles indispensáveis), *Roda do Destino* entretece o imprevisto anunciado no título com a necessidade que ele impõe de fazer-se uma escolha. No primeiro episódio, uma produtora de moda e uma modelo dividem um táxi e, na conversa, a modelo percebe que o homem por quem a amiga está se apaixonando é o ex-namorado que ela largou. No segundo enredo, um estudante universitário humilhado por um professor arma uma cilada para ele usando sua colega e amante, mas a artimanha se metamorfoseia em uma interação reveladora. No terceiro conto, duas amigas de colégio se reencontram depois de vinte anos — mas talvez essas duas mulheres nunca tenham se conhecido e estejam apenas projetando na pessoa à sua frente aquela que desejavam encontrar.

O que une as três histórias é o sentido delas, de que ninguém pode compreender os próprios sentimentos ou conhecer verdadeiramente algo de si a não ser pelos olhos de outro (ou pela voz: o ler ou dizer em voz alta tem um papel crucial para quem ouve e para quem diz). E mais ainda o significado que Hamaguchi dá a esses momentos em que um personagem encara o outro e a si: o de uma transformação tão inexorável que, uma vez iniciada, não pode mais ser parada. É a vida, em suma — no espaço de alguns minutos. ■

Isabela Boscov

ADRIAN S. BURROWS/NBC

TESTOSTERONA Os bombeiros da série em ação: eles correm rumo a lugares dos quais até os ratos estão fugindo

HERÓIS DO MUNDO REAL

Ao unir emergências realistas e muito drama humano, *Chicago Fire* chega à décima temporada no auge — e se impõe como franquia mais vista da TV paga brasileira **RAQUEL CARNEIRO**

O ALARME DISPARA em um corpo de bombeiros que recebe ligações em ritmo vertiginoso: acidente de trânsito, acidente doméstico, incêndio e até afogamentos são algumas das emergências que necessitam de ajuda. Muitas vezes, elas vêm acompanhadas apenas da localização para a qual os socorristas devem correr o mais rápido possível. No lugar, a gravidade (ou simplicidade) do cenário se revela. O assombro pelas peculiaridades de uma profissão em que o desconhecido e o perigo são rotina foi o que, há dez anos, instigou o americano Derek Haas a desenvolver a série ***Chicago Fire***, que estreia sua décima temporada na segunda-feira 10, no canal pago Universal TV. O lançamento vem combinado, a partir das 21h30, com novos episódios de seus dois títulos derivados: *Chicago Med* e *Chicago P.D.*, sobre um hospital e uma delegacia de polícia, chegam à sétima e nona temporada, respectivamente. "São séries sobre pessoas que correm rumo ao lugar de onde todos, inclusive os ratos, estão fugindo", definiu Haas a VEJA, em entrevista pelo Zoom. "A pandemia evidenciou quanto não damos o devido valor a esses heróis cotidianos — algo que nossas séries tentam corrigir."

O reconhecimento se reflete em índices de audiência. No Brasil, o trio da franquia *Chicago* fechou 2021 no topo do ranking das séries mais vistas no país — colocando, em diversas ocasiões, o Universal TV na liderança geral de audiência da TV paga. Nos Estados Unidos, *Chicago Fire*, exibida pela rede NBC, alcançou a média de

11 milhões de espectadores por episódio. Se a popularidade já era espetacular, a pandemia ampliou ainda mais a força da franquia. Na virada de 2020 e 2021, os desafios da luta contra a Covid-19 chegaram a ser um elemento central do roteiro. Mas os novos capítulos já vislumbram um mundo pós-pandêmico: enfim, as emergências deixaram de conter máscaras ou medidores de temperatura.

O trunfo de *Chicago Fire* e seus filhotes reside, afinal, em outro ponto: o fator humano. Fora os perigos e a adrenalina típica de filmes de ação, os bombeiros da Estação 51 vivem tramas folhetinescas palatáveis. Como em um novelão com testosterona, *Chicago Fire* tem romance, brigas, bebedeiras e muito "bromance" — termo em inglês usado para designar uma forte amizade entre homens. "Ao visitar os corpos de bombeiros para escrever a história, notei que o excesso de convivência transforma esses profissionais em uma família paralela", conta Haas. "Eles comem juntos, saem juntos nas folgas e, nos plantões da madrugada, até dividem quartos."

Na nova temporada, essa família sofrerá baixas: dois personagens essenciais deixarão a trama. Um ficará pouco tempo fora; já o outro não tem data para voltar, mas deixou a porta aberta para futuras participações. Dizer mais que isso, ou citar seus nomes, pode estragar a surpresa dos espectadores. Uma das despedidas se dará no quinto episódio, que também será histórico por assinalar a marca dos 200 capítulos no total — número capaz de atestar a resiliência de qualquer série. Chicago, claro, é uma personagem à parte, e crucial nesse pacote bem-sucedido. Com quase 3 milhões de habitantes, a metrópole americana foi palco de lutas raciais históricas, altos e baixos econômicos e, ainda hoje, registra índices alarmantes de homicídios. Seus heróis da vida real fazem sucesso, mas têm muito trabalho. ■

QUEM VOCÊ VAI SER?

A gente é que escolhe o que interpretará na trama do destino

EU JÁ COMPREENDI que, na vida, a gente escolhe papéis. Cada escolha tem um caráter dramatúrgico, capaz de definir o próprio destino. Na recente passagem de ano, muitos amigos se atiraram nas previsões. Eu tenho uma só, válida para todos os anos. O papel que se escolhe define tudo o mais. Uma mulher que eu conheço adora se fazer de vítima. Segundo seu modo de ver, tudo o que acontece no mundo é para acabar com a vida dela. Imagino que, se ganhasse na Mega-Sena, choraria achando que tem algo de oculto e terrível por trás de tudo. Obviamente, não consegue ser feliz. Tudo vai bem: marido, filhos. Mas ela acha que o mundo está contra, e acabou.

Uma vez eu tive um amigo que vivia sempre a mesma situação: por falta de grana, buscava abrigo na casa de alguém. Meses depois, era convidado a se retirar e entrava em depressão. Arrumava outro lugar para se hospedar. E assim por diante... Eu conheço um sujeito que nunca morou em casa própria, alugada... é um profissional de certo sucesso, mas sempre se dependura em alguém. Há pessoas que se agarram ao fracasso e talvez até se sintam desestabilizadas quando vem o sucesso. Outras mentem compulsivamente, sua vida é uma rede de invenções. Também existem as arrogantes militantes, que escolhem uma causa, e ficam furiosas se você não compartilha de suas ideias por um mínimo que seja — e daí pode ser o fim da amizade. Há as que interpretam as sem-noção e fazem da vida alheia um inferno. Por exemplo, chegam três horas atrasadas em um encontro e abrem as asas furiosas quando a gente reclama. Tem quem vive pedindo empréstimo como uma forma de vida. Há pessoas que vivem causando conflitos. Sem o confronto, não saberiam o que fazer. Ou as que sonham com uma outra vida, mas não montam uma estratégia para realizar. Nunca vou esquecer: uma vez estava em uma fila de autógrafos e uma senhora de idade avançada me pediu uma chance para ser atriz. Nunca tinha tentado realmente. Mas o sonho estava lá, guardado, causando uma frustração que durou décadas. Também conheço gente que se justifica demais, sempre tem explicação para tudo. Mas é incapaz de pedir desculpas, dizer... foi mau.

> **"Numa novela, é difícil o ator mudar de personagem. Mas na vida dá, sempre! Neste ano, quero bons papéis"**

Também existem pessoas que são pura alegria de viver. Tudo para elas é bom, agradável. Mesmo diante de tragédias, fazem de tudo para superar. Pessoalmente são deliciosas de conviver. Obviamente, a vida sorri para elas. E, se não sorri, elas partem para outra. Enfim, é possível acompanhar a vida da pessoa como uma dramaturgia. Acredito em transformar o destino. Mas para isso a pessoa tem de estar disposta a sair dos papéis escolhidos. O velho ditado é verdadeiro: colhe-se o que se planta.

Um bom exercício é pensar no personagem que criou para si mesmo. Rejeitado? Muito amado? Por incrível que pareça, há quem coloque na cabeça que é feio, e não tem procedimento estético capaz de lhe trazer beleza.

Numa novela é bem difícil o ator mudar de personagem. Mas na vida dá, sempre! Neste ano, quero escolher bons papéis. E, no elenco da minha vida, descobrir com quem realmente quero contracenar. ■

FX ENTERTAINMENT

FAMÍLIA Daisy Haggard e Martin Freeman com seus filhos em *Breeders*: o drama cômico de um casal em apuros no lar

TELEVISÃO

BREEDERS – A SEGUNDA TEMPORADA
(Inglaterra/Estados Unidos. Disponível no Star+)

Paul (o incomparável Martin Freeman) sempre foi ou pensou ser um sujeito legal. Desde que os filhos Luke e Ava nasceram, no entanto, ele encontrou dentro de si um outro Paul, este furioso, irascível, às vezes leviano ou egoísta — um panaca, enfim, que sua mulher, Ally (Daisy Haggard, uma fofa), compreende e ainda acha razoavelmente adorável porque também ela sabe o que é estar exausta. Com as crianças em idade pré-escolar, trabalho em período integral, as tarefas da casa e pais idosos (os dele) ou folgados (os dela) com que lidar, Paul e Ally são um avatar ora cômico, ora enternecedor, sempre ácido e às vezes dramático de qualquer casal soterrado pela solicitação dos filhos pequenos. Muito boa como comédia, a série é melhor ainda quando sai da rota para enfrentar temas complicados como o luto ou a sensação de que se falhou demais e amou de menos.

LIVRO

O CONTADOR DE HISTÓRIAS, **de Dave Grohl (tradução de Alexandre Raposo, Jaime Biaggio e Leonardo Alves; Intrínseca; 416 páginas, 59,90 reais e 39,90 em e-book)**

De baterista do Nirvana a líder do Foo Fighters, Dave Grohl acumulou em seus 52 anos histórias que, aos olhos de um mero mortal, parecem obra de ficção. Com prosa saborosa e senso de humor afiado, Grohl relembra nessa autobiografia passagens marcantes da sua vida, como as desilusões amorosas da adolescência e o dramático dia da morte do colega Kurt Cobain, em 5 de abril de 1994. As anedotas se tornam ainda mais atraentes quando ele se despe do manto de rock star para relatar como conheceu ídolos como Paul McCartney e Little Richard. ■

KEVIN WINTER/GETTY IMAGES

PENA AFIADA Dave Grohl: autobiografia com lances inacreditáveis da vida de um rock star

OS MAIS VENDIDOS DE 2021

FICÇÃO

1. **A GAROTA DO LAGO**
   Charlie Donlea; FARO EDITORIAL
2. **TORTO ARADO**
   Itamar Vieira Junior; TODAVIA
3. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
   George Orwell; VÁRIAS EDITORAS
4. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
   Taylor Jenkins Reid; PARALELA
5. **1984**
   George Orwell; VÁRIAS EDITORAS
6. **TETO PARA DOIS**
   Beth O'Leary; INTRÍNSECA
7. **É ASSIM QUE ACABA**
   Colleen Hoover; GALERA RECORD
8. **O DUQUE E EU**
   Julia Quinn; ARQUEIRO
9. **MORRO DOS VENTOS UIVANTES**
   Emily Brontë; VÁRIAS EDITORAS
10. **ADMIRÁVEL MUNDO NOVO**
    Aldous Huxley; BIBLIOTECA AZUL

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
   Napoleon Hill; CITADEL
2. **DO MIL AO MILHÃO**
   Thiago Nigro; HARPERCOLLINS BRASIL
3. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
   George S. Clason; HARPERCOLLINS BRASIL
4. **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**
   Paulo Vieira; GENTE
5. **MINDSET MILIONÁRIO**
   José Roberto Marques; BUZZ
6. **O PODER DO HÁBITO**
   Charles Duhigg; OBJETIVA
7. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
   T. Harv Eker; SEXTANTE
8. **PAI RICO, PAI POBRE**
   Robert Kiyosaki e Sharon Lechter; ALTA BOOKS
9. **MINDSET**
   Carol S. Dweck OBJETIVA
10. **A CORAGEM DE SER IMPERFEITO**
    Brené Brown; SEXTANTE

Em crise financeira, sanitária e moral, o brasileiro vem se refugiando em livros que vislumbram uma luz no fim do túnel — ou, pelo menos, uma boa fuga da realidade. Natural, diante desse quadro, que o livro *Mais Esperto que o Diabo* repita o fenômeno de 2020 e ocupe novamente o posto de mais vendido do ano no país, com 247 672 cópias. Do americano Napoleon Hill (1883-1970), o clássico da autoajuda traz lições sobre finanças e hábitos pessoais advindos da experiência do autor na Grande Depressão dos anos 1930, período que dialoga com as angústias do século XXI. Outro clássico deveras atual, e muito bem vendido, foi *Mulheres que Correm com os Lobos*, da psicanalista Clarissa Pinkola Estés — obra dos anos 1980 de afiada temática feminista. J.K. Rowling e seu *Harry Potter* lideram entre os infantojuvenis, em um ano no qual a categoria abriu portas para novatas como Casey McQuiston, de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, e Sarah J. Maas, da saga *Corte de Espinhos e Rosas*. As surpresas ficaram na seara da ficção. Mesmo em domínio público, George Orwell caiu do primeiro e do segundo lugar, ocupados em 2020 por *1984* e *A Revolução dos Bichos*. E deu espaço ao novato e bem-vindo *Torto Arado*. O romance regional do baiano Itamar Vieira Junior cresceu no boca a boca desde o lançamento, em 2019, vendendo este ano 188 933 cópias. Mas o campeão em ficção foi bem mais previsível: *A Garota do Lago*, thriller americano que há pelo menos dois anos não sai de moda.

NÃO FICÇÃO

1. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés; ROCCO
2. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
   Yuval Noah Harari; L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
3. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
   Djamila Ribeiro; COMPANHIA DAS LETRAS
4. **RÁPIDO E DEVAGAR**
   Daniel Kahneman; OBJETIVA
5. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE**
   Tori Telfer; DARKSIDE
6. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 2**
   Laurentino Gomes; GLOBO LIVROS
7. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
   Anne Frank; VÁRIAS EDITORAS
8. **MEDITAÇÕES**
   Marco Aurélio; VÁRIAS EDITORAS
9. **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
   Byung-Chul Han; VOZES
10. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 1**
    Laurentino Gomes; GLOBO LIVROS

INFANTOJUVENIL

1. **COLEÇÃO HARRY POTTER**
   J.K. Rowling; ROCCO
2. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
   Casey McQuiston; SEGUINTE
3. **MENTIROSOS**
   E. Lockhart; SEGUINTE
4. **A RAINHA VERMELHA**
   Victoria Aveyard; SEGUINTE
5. **CORTE DE ESPINHOS E ROSAS**
   Sarah J. Maas; GALERA RECORD
6. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
   J.K. Rowling; ROCCO
7. **AMOR & GELATO**
   Jenna Evans Welch; INTRÍNSECA
8. **A SELEÇÃO**
   Kiera Cass; SEGUINTE
9. **UM DE NÓS ESTÁ MENTINDO**
   Karen M. McManus; GALERA RECORD
10. **CORTE DE CHAMAS PRATEADAS**
    Sarah J. Maas; GALERA RECORD

Pesquisa: **Yandeh** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime Livraria, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Argumento, Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **Internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

NÓS E A BRISA

TRÊS IDEIAS rondam o ambiente político neste início do ano eleitoral de 2022: Luiz Inácio da Silva voltará à Presidência, Jair Bolsonaro lançará mão de ilegalidades para resistir à derrota e nenhuma alternativa a tal cenário é possível. Fala-se disso como se o inesperado não pudesse nos fazer uma surpresa, conforme descrito por Johnny Alf em *Eu e a Brisa,* nos idos de 1967.

Pois no imprevisível junto às artes do acidental é que residem a graça e a essência de uma eleição sob as regras da democracia, onde o que vale é a vontade de milhões de pessoas envolvidas num processo que só acaba quando termina.

Portanto, aos arautos das convicções inamovíveis conviria flexibilizar as respectivas mentes de modo a não se tornarem reféns de profecias que se autorrealizam.

De algum modo já vivemos isso desde quando forças políticas começaram a se mobilizar em torno de outra hipótese que não a repetição de velhos erros. De de lá para cá, o que se vê são vaticínios sobre a inviabilidade da chamada terceira via.

Isso sem que se dê a esse caminho ao menos o benefício da dúvida. Uma chance real, não meramente retórica, expressa em frases do tipo "...caso subam nas pesquisas" acompanhadas de toda sorte de desqualificações porque ninguém ainda foi capaz de ameaçar a dianteira de Lula e Bolsonaro. A oito meses da eleição.

A essa altura, Fernando Henrique hesitava em deixar o Ministério da Fazenda, Fernando Collor era nanico nas pesquisas e Jair Bolsonaro, tratado como cavalo paraguaio atolado em chuva de verão. Lula esteve no pódio três vezes antes de sagrar-se campeão, a reeleição de Dilma Rousseff foi dada como perdida, Marina Silva vista como a grande possibilidade da estação, e por aí vão os exemplos sem nos esquecermos de uma arrancada de Ciro Gomes e da repentina derrocada de Roseana Sarney. Tudo isso a meses de cada uma daquelas eleições.

Cabe lançar dúvida também sobre o forrobodó institucional que Bolsonaro estaria preparando para evitar deixar o Palácio do Planalto. Primeiro, porque não está fora de questão uma desistência. Do Palácio, não do Planalto, candidatando-se a outro cargo a fim de não perder o foro privilegiado. Para isso, contudo, precisaria se desincompatibilizar da Presidência até abril, deixando Hamilton Mourão por seis meses no cargo. Impossível não é, mas improvável.

> "Fala-se de certezas eleitorais como se o inesperado não pudesse nos fazer uma surpresa"

Em segundo lugar, o fracasso das investidas antidemocráticas torna lícito duvidar do êxito de ações ao modo de Donald Trump no fatídico janeiro de 2021. Se Bolsonaro precisou acomodar sua viola na sacola da moderação pós-7 de setembro, quando ainda dispunha de um ano de mandato pela frente, não será derrotado que terá apoio para tentar melar o resultado.

Por último, vamos ao primeiro: Lula. O ex-presidente em sua espetacular marca de campeão absoluto nas pesquisas tornou-se estuário não apenas dos votos de seus admiradores, mas de toda sorte de expectativas embaladas no critério único de que vale qualquer coisa para impedir a reeleição do atual presidente.

Até mesmo deixar de lado a busca de uma melhor solução para optar pela parte do problema. Ou Jair Bolsonaro não é fruto dos desmandos do PT? Ou não foi eleito na batida da tecla da escolha do "menos pior", que, na visão de um grande contingente de eleitores, seria a volta dos salvados dos funis do mensalão, do petrolão, do populismo na economia e da vocação para açambarcar o poder de modo hegemônico?

Não parece racional o país eleger Lula para fugir de Bolsonaro, que foi eleito para evitar o PT. Volta-se ao ponto inicial e não se avança no jogo. É preciso alguma clareza. A respeito do fato de Lula e companhia não acharem que fizeram nada de errado.

As pessoas lembram dos feitos, relevam os malfeitos e não se perguntam, por exemplo, como o Lula de novo presidente conduziria suas relações com o Congresso. Comprando outra vez na base da mesada? Os contratos com fornecedores e prestadores de serviço seguiriam na mesma linha, dado que na concepção do PT os escândalos foram fruto de ficção persecutória e, portanto, a tendência é a repetição.

Concorrer na seara de Lula e Bolsonaro é tarefa difícil. Mas não impossível se houver boa vontade para aceitar que uma pessoa normal no Planalto já é bem melhor que locatários do Palácio adeptos da teatralidade, da flexibilidade moral, da intimidade com a mentira, do sectarismo intenso e da aversão ao contraditório. Para dizer o mínimo. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA